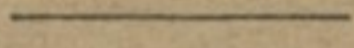


A GRECIA E SUA MISSÃO HISTORICA



1. **Logar da Grecia na Civilisação humana.** — Considerando a continuidade humana a partir dos tempos modernos para o passado, a Grecia apparece como o fóco, onde por differentes vezes a civilisação hodierna procurou o estímulo da sua revivescencia; no seculo xvi, o conhecimento da Arte e Litteratura grega determina esse phenomeno da Renascença em que as litteraturas novo-latinas abandonam os themas tradicionaes da Edade média; as obras de Thucydides suscitam a critica dos factos politicos tornando-os em Syssel, L'Hopital, Levesque e Hobbes verdadeiramente um objecto de sciencia; desde o seculo xii, que as doutrinas philosophicas de Aristoteles e Platão, estimularam o pensamento europeu no desenvolvimento do criterio objectivista e idealista, sobretudo exercendo um trabalho de Dialectica, que tanto activou a dissolução do dogmatismo theologico; foi ainda da Grecia que, indirectamente por via da occupação dos Arabes no occidente da Europa, se espalharam as sciencias positivas da Mathematica e da Astronomia, que tanto fortaleceram o espirito publico contra os terrores das predições millenaristas, e que a Medicina racional reagiu contra o empirismo medico da tradição egypcia e romana. A constituição doutrinaria da nova religião do Christianismo deveu ás especulações hellicas a origem e a systematisação dos seus principaes dogmas, e tanto os Evangelhos como as obras capitaes dos Padres da Igreja foram exclusivamente escriptas na lingua grega. E ao passo que se avança mais para o passado, ainda a influencia da Grecia se reco-

nhece nos primeiros progressos intellectuaes e estheticos de Roma, que deveu á Grecia o typo dos seus monumentos litterarios, philosophicos e historicos, e a direcção dos grandes escriptores como Polybio ou Plutarcho.

Compete á Grecia um logar supremo no quadro da Civilisação humana, cuja intervenção constante é devida a causas fundamentais, que nos revelam as grandes leis da Historia; a Grecia, herdeira de todas as qualidades progressivas da raça árica, foi o primeiro agrupamento humano que estabeleceu a sua concordia social fóra da compressão dogmatica da Theocracia. Livre da subordinação a uma classe sacerdotal, dissolveu pela critica os seus mythos religiosos, tomou-os como temas poeticos, e pela insubmissão individual, a Grecia nas suas luctas entre as cidades encontrou nas idealisações da Arte a base de unificação de todos os seus elementos ethnicos. A liberdade politica realisada nas instituições pela Democracia, deu á individualidade humana o seu maior relêvo, tanto na Eloquencia, como na capacidade estrategica para a defeza da autonomia territorial. N'este conflicto permanente, a Grecia caminhou para a mutua relação da vida domestica com a vida publica, e para a comprehensão do destino final da humanidade, a concordia pela comprehensão da Sociocracia, pervertida pela corrente theologica das Religiões universalistas.

2. **Origem e desenvolvimento da Civilisação occidental.** — O conhecimento da Civilisação da Grecia nas povoações da Sicilia e do Latio, d'onde proveiu o impulso da Litteratura latina; nas povoações da Gallia e da Hispania, não só na colonia de Marselha, como indirectamente por via dos Arabes; e ainda na Italia, França e Hespanha na época da primeira e segunda Renascença, este conhecimento põe em evidencia uma continuidade historica lucidamente denominada por Comte com o titulo de *Civilisação occidental*. Pela sua situação mediterranea, esta civilisação teve como primeiro fóco o Egypto, cujas especulações philosophicas foram elaboradas pelo genio hellenico, por Solon nas instituições, por Platão no idealismo metaphysico, e por Herodoto e Diodoro Siculo emquanto ás memorias historicas; o segundo fóco da Civilisação occidental foi a Phenicia, cujo genio cosmopolitico educou o elemento jonico, a actividade maritima e mercantil, e dotou a Grecia com os caracteres *alphabeticos* tirados da escriptura hieroglyphica dos Egypcios. As expedições dos Jonios no Mediterraneo foram longo tempo confundidas, como o prova Curtius, com as explorações phenicias. As tradições da raça semita communicadas ás tribus hellenicas não só pela cooperação dos phenicios como pela cohabitação na Asia menor, foram o thema principal da elaboração das epopéas da Grecia. Pela sua situação geographica peninsular, a Grecia aberta á

236

comunicação de todos os focos da cultura mediterranea, incorporou em um todo, a actividade especulativa, estes diversos elementos esterilizados pela theocracia oriental. A Grecia deve considerar-se como o centro definitivo da Civilização occidental, cujo caracter começa pela dissolução da organização theocratica ou sacerdotal, pela acção transitoria da força militar, e pela preponderancia final de uma democracia constituida pela actividade da industria pacifica e pela unanimidade das concepções scientificas. Ella preparou as vias para esta longa transformação cujos pontos extremos são a Theocracia, em que se afundaram as Civilizações do Oriente, e a Sociocracia para que tende a Civilização do Occidente, que hoje comprehende sob esta unidade toda a Europa. Fóra d'este criterio não se comprehende a anarchia apparente das instituições democraticas da Grecia, nem a originalidade dos seus poetas e philosophos que por vezes exerceram pelas suas especulações uma acção publica. Bur-nouf resume n'estas eloquentes linhas a missão historica da Grecia : « Assim o espirito grego achou-se em relação com os povos os mais diversos pelos costumes e pelas instituições. Achando-se os gregos em um estado medio de cultura, tomaram do Oriente tudo o que o Oriente podia dar-lhes, e desenvolvendo o seu proprio genio fizeram irradiar em volta d'elles a civilização á medida que a recebiam ou que a creavam. Parece que o mundo hellenico foi como um centro onde todos os eccos do Oriente e do Occidente vinham reunir-se e confundir-se ; d'esta sorte a sociedade hellenica acabou por tornar-se a sociedade humana por excellencia, o mais completo representante da Humanidade. » ¹

3. **Deducção do sólo e do typo anthropologico para a apreciação da cultura hellenica.** — O nome de *Grecia* designou uma unidade moral presentida espontaneamente por este povo, quando comparava os seus progressos com o das raças com que communicava ; essa unidade conseguida por vezes nas ligas defensivas nunca se realisou no territorio, senão á custa da ruina da liberdade da Grecia. A causa d'este separatismo, que actuou em todas as fórmulas da civilização hellenica, está impressa na configuração do territorio. A peninsula da Grecia, comparavel na sua extensão e com as suas ilhas ao tamanho de Portugal, pela distribuição das suas montanhas e mares tinha todas as condições defensivas para uma raça manter a autonomia, e para universalisar pela tendencia cos-

¹ *Hist. de la Litt. Grecque*, I, 16.

mopolita as civilisações isoladas do Mediterraneo e tornar-se asylo de colonias foragidas.

As divisões dos antigos estados da Grecia, d'essa *Hellade*, de que elles se sentiam uma parte, foram creadas e mantidas pela mesologia orographica. Dos Alpes orientaes destaca-se o Pindo na direcção do sul, e com os seus differentes ramos separa a Illyria da Macedonia, e o Epiro da Thessalia. Fechada pelo norte a Thessalia pelos montes Cambunianos, e ao sul pelo monte Oeta, fórma um extenso valle, cujas aguas se escoam pelo valle de Tempe, e pela sua segurança de qualquer assalto pelo desfiladeiro das Thermopylas, tornou-se em um fóco primordial de cultura. É n'este territorio que se localisam as principaes lendas da Grecia; nos seus montes do Olympe habitavam os deuses superiores; no Pindo habitavam as Musas, que de entidades naturalistas se tornaram a personificação das faculdades humanas, e no Pelion foram cortadas as madeiras do baixel dos Argonautas. Um ramo de montanha que se destaca do Pindo, e se estende até ao golfo de Coryntho separa a Etolia e a Locrida; um outro ramo passa pela Dorida, no sentido de leste, formando os montes do Parnaso, do Helicon, do Cytheron, do Parnés, do Pentelico, do Hymeto, acabando no Laurion e no cabo Sunion. São estes os montes sempre idealisados na Poesia hellenica. O Peloponeso é descripto na sua fórma conica por uma outra cordilheira entre os golfos Saronico e Corynthio. Estas montanhas formam uma triplice muralha, que defendem a Grecia de qualquer incursão; a sua influencia sobre o character individual reconhece-se pela variedade da temperatura das differentes altitudes, dando ao typo hellenico uma grande originalidade individual.

O mar é uma continuação da fórma defensiva das montanhas, fechando na Eubea as Thermopylas, no Euripe a Attica, e no estreito de Salamina o isthmo de Coryntho. Ampère, no seu estudo *Poesia grega na Grecia*, descreve esta physionomia maritima da Grecia: « Não ha paiz mais insular do que a Grecia; compõe-se em parte de um archipelago e de uma peninsula; o resto denteado, penetrado por um sem numero de golfos sinuosos. A cada passo que se avança no interior do paiz, encontra-se o mar... Podia-se estender a toda a Grecia o nome da Attica, a *praia*. Assim o mar é sempre lembrado nas obras dos poetas gregos; todos trataram com uma complacencia particular e um encanto infinito o que se poderia chamar a poesia do mar. As aventuras da *Odysséa* passam-se quasi inteiramente sobre as vagas; a scena da *Iliada* é constantemente sobre uma praia. O mar fornece aos poetas gregos comparações frequentes. Sente-se continuamente, lendo os seus auctores, ou percorrendo o paiz ou a sua historia, que a Grecia é essencialmente navegadora, que grandes destinos maritimos aguardam este

povo a quem Themistocles revelou o seu genio, o seu imperio e a sua verdadeira patria, aconselhando-os a refugiarem-se em muralhas de madeira, este povo que no nosso tempo triumphou dos Turcos por meio dos navios de Psara e de Hydra, como outr'ora bateu os Persas com a frota de Salamina.»¹ A limpidez dos horisontes, os maravilhosos effeitos da luz, levavam a imaginação grega á idealisação dos phenomenos naturaes personificados em divindades das fontes, das arvores, das ondas, dos crepusculos matutinos e vespertinos, das aves e dos sons longiquos.

As divisões politicas emergentes das divisões orographicas que separaram a Thessalia, as Locridas, a Beocia, a Phocida, a Dorida, a Etolia, a Acarnania, a Attica, Megara, e no Peloponeso a Arcadia, a Laconia e a Messenia, e por ultimo a Argolida, apresentam as suas differenças historicas segundo a situação geographica e a visinhança mutua, conforme convergiam para os dois centros de civilisação, Sparta ou Athenas. Nos proprios poetas da Grecia se notam estas differenças topicas, como em Homero a impressão objectiva das regiões da Asia Menor, em Hesiodo e Pindaro a concentração de um paiz triste como a Beocia, ou nos tragicos de Athenas essa liberdade critica que vem a revelar-se na eloquência politica.

As ilhas que cercam a Grecia são tambem a expressão do seu antigo cosmopolitismo, aproximando-a da Asia, da Africa e da Italia; as Cycladas a partir do cabo Sunion, vão com as Sporadas aproximar a Grecia da Asia. De Corcyro vê-se a Italia, e de Creta a Cyrene toca-se a Africa. Esta facilidade de deslocação para o habitante da Grecia, fez com que o seu centro de civilisação não ficasse confinado em um unico ponto, egualando entre si os differentes ramos ou tribus hellenicas. Um dos primeiros centros da civilisação hellenica, foi nas costas occidentaes da Asia Menor, onde se desenvolveram na dissolução das tribus genealogicas ou feudaes as lendas homericas. Diz Ampère: «Tudo leva a vêr em Homero um grego da Asia; o dialecto jonico domina na sua linguagem. A sua poesia tingge-se com os primeiros clarões do Oriente. Homero conhece as manufacturas de Sidon; porém ao oéste e ao norte de Ithaca começa para elle um mundo maravilhoso. A poesia homerica parece um producto d'esta civilisação grega que antecedeu sobre as costas da Asia Menor a civilisação da Grecia europêa, d'onde vieram tanto a philosophia e a historia como a epopêa. Chio, que toca quasi na costa da Asia, foi longo tempo o asylo da poesia de que a Jonia foi

¹ *Grèce, Rome et Dante*, p. 9.

o berço. No tempo dos poetas cyclicos, continuadores sem genio da epopêa grega, é ainda d'estas mesmas regiões que se levanta o prolongamento enfraquecido dos cantos homericos: Arctinos é de Mileto, Lesches de Lesbos, Stasinos de Chypre; a musa epica afasta-se com pena da Asia.»¹ Ampère determina a acção d'este centro asiatico: « Como a epopêa, a poesia lyrica dos Gregos tem a sua origem do lado da Asia. Alcman é de Sardes; Callinos de Epheso, Minmermo é de Smyrna. Das ribas da Asia Menor, esta poesia propaga-se de ilha em ilha, semeando seus cantos melodiosos sobre as vagas. Quasi todos os precursores de Pindaro nasceram em algumas d'estas ilhas do mar Egeu, brilhantes anneis de uma cadeia que parece fluctuar entre a Asia e a Grecia. Lesbos glorifica-se de Terpan-do, de Sapho e de Alceo; Teos de Anacreonte; Paros de Archiloco; Céos de Simonides.»²

O segundo centro da civilisação hellenica, depois do brilhante triumpho das guerras medicas, foi Athenas, esse fóco onde o genio grego deu a fórma da perfeição ideal a todas as creações rudimentares esboçadas nos diversos estados da Grecia. Ampère descrevendo a perspectiva de Athenas, exclama: « quanto mais se contempla, mais se comprehende que este logar fosse aquelle onde o genio humano devia attingir esta flôr da mocidade que os gregos chamavam *Acmé*. A maior parte das Artes e diversos generos de poesia nasceram em outras paragens; os mais antigos escriptores são de Sicyone, de Sparta, de Argos, de Egina e não de Athenas; a Poesia veiu da Thracia ou da Asia, mas cada arte, cada genero de Litteratura recebeu seu complemento n'este logar privilegiado. Nunca cidade alguma como Athenas me pareceu predestinada a ser a patria da mais perfeita poesia nascida entre os homens; porque aqui o character da perfeição está por toda a parte; aqui nada é desmesurado, nem as montanhas, nem os monumentos; aqui um horisonte admiravel mas limitado; contornos cheios de firmeza e de doçura; planos que se alongam com graça por detraz uns dos outros... »³ Nas guerras medicas Athenas salvou o destino da Civilisação do Occidente repellindo para sempre a invasão theocratico-militar da Persia. A organisação democratica de Athenas deu o maximo relêvo ao individualismo humano, produzindo esses genios extraordinarios da poesia, da eloquencia, da arte, da sciencia e da philosophia, ainda hoje inexcedidos.

¹ Ampère, op. cit., p. 33.

² Ib., p. 37.

³ Ib., p. 47.

Com a unificação militar da Grecia, sob Alexandre, a cultura hellenica estendeu-se para a Asia, universalizando-se em diferentes focos depois da morte do grande guerreiro: no Egypto sob os Ptolomeus, na Asia anterior sob os Seleucidas, e na Persia sob os Bermecydas. Se a Grecia, em vez de se ter estendido para o Oriente, nas emprezas de Alexandre, se dirigisse para o Occidente, teria exercido a acção unificadora dos Romanos; a sua aproximação do mundo oriental deu-lhe a decadencia conjuncta com a perda da liberdade politica, exercendo a sua especulação philosophica nos mythos orgiasticos, e a sua poesia na imitação dos velhos modelos consagrados pelo canon alexandrino.

4. **Character de unidade nas variedades da ethnologia e das instituições politicas da Grecia.** — Os nomes de logares, de individuos e deuses, na Grecia antiga, eram em grande parte estranhos á lingua dos Hellenos; o que prova que esta raça ao entrar na peninsula encontrou povoações estabelecidas que não pertenciam ao tronco árico, de que as tribus de Hellen, Doros, Ion e Acheos eram ramos destacados em épocas diferentes. Essas povoações pertencem ao periodo pre-historico, especialmente aquellas que ficaram conhecidas na tradição com os nomes de Lapithas e de Dryopes; outras pertenceram a uma camada anthropologica kuschito-semita, como os Lelegios, Teleboeus e Taphianos, e mesmo os Carios, Lydios e Curetes; finalmente as migrações de tribus áricas entram na peninsula confundindo-se e assimilando estes elementos anteriores, a começar com os Pelasgos, vindo a prevalecer na população esta raça progressiva, com os germens de cultura da sua origem asiatica. Na Grecia heroica os Eolios e Dorios estavam ainda indistinctos, como na Grecia historica os Acheanos e Jonios, vindo a separação a estabelecer-se em pequenos estados politicos, mas a realizar-se uma unificação moral nas fórmas de uma civilização designada pelo nome de Hellenismo. Essas diferenças caracterisadas nas variedades dialectaes da lingua grega, e conservadas ainda nas obras da Litteratura, desapparecem diante de um sentimento commum, a emoção do bello artistico, a synthese affectiva espontanea da Grecia. Otfried Müller indica superiormente o valor d'este problema: « O que é infinitamente mais importante para a historia da cultura intellectual dos Gregos, é *distinguir as raças e os dialectos* que se formaram durante a idade á qual se deu o nome de heroica, por causa da preponderancia que então tiveram as tribus guerreiras, e porque um certo gosto pelas emprezas guerreiras a caracteriza evidentemente. » ¹ A distincção de raças na Grecia leva

¹ *Hist. da Litt. grega*, t. 1, 16.

à determinação da preponderancia final do elemento árico sobre as populações primitivas d'esta península; d'ahi a explicação da sua lingua pela grammatica comparada indo-europêa; d'ahi a comprehensão de uma grande parte dos seus mythos aproximados dos mythos colligidos nos hymnos védicos; d'ahi as fórmulas politicas do Estado-cidade em conflicto com as fórmulas pessoas da Tribunação, representadas na hegemonia alternadamente exercida por Athenas e Sparta. O conhecimento d'este ramo árico resolve o problema, longo tempo insolúvel, da autochtonia da Grecia, das suas instituições e creações, apreciando-se esta civilisação no seu conjuncto como um desenvolvimento gradativo e integral dos elementos de civilisação trazidos da Asia central. É por isso que Emile Burnouf, um dos primeiros que relacionou os estudos da litteratura grega com as novas descobertas das antiguidades indo-europêas, diz que « o Hellenismo não foi mais do que uma phase no desenvolvimento da civilisação aryana. » A Grecia no periodo alexandrino estendeu para a Asia novos focos de cultura, não tanto pelo esplendor das suas creações como pelas relações primitivas do tronco árico, que facilitaram a sua propagação na Persia, e as imitações da epopêa e do theatro na India. Dentro da propria Grecia o dialecto *attico* realisou a unificação de uma linguagem nacional, assim como Athenas se tornou como centro hegemónico uma verdadeira capital no sentido das modernas nacionalidades. Tudo quanto ha de grande e bello na historia, na arte e na litteratura grega pertence a este periodo da acção de Athenas, que começa nas Guerras medicas, e em que a Grecia se sente solidaria em uma acção commum defensiva, que provocou a mais esplendida e completa expansão do genio hellenico.

5. Os dois aspectos da civilisação hellenica. — Considerada no seu conjuncto, a civilisação da Grecia, expressa pela palavra *Hellenismo*, por isso que se emancipou de uma dependencia theocratica, foi pela sublime intuição do espirito sociocratico, denominada nas duas épocas da Renascença occidental pela palavra *Humanismo*, em contraposição á disciplina religiosa do theologismo catholico da Edade média. O caracter humano d'esta civilisação, deriva tanto da fórmula do progresso social ou colectivo, como do desenvolvimento pessoal ou psychologico. As civilisações as mais vetustas como a da China, estabeleceram-se pela estabilidade das familias, e a subordinação familista ampliada a todas as relações do estado foi o nexo *moral* de uma sociedade que ficou improgressiva como todas as afirmações categoricas da Moral. As Civilisações moraes, como as da China e Mexico, succedem-se aquellas, que tendo de defender-se contra as fatalidades da natureza, têm por base da sua concordia e aggregação a necessidade permanente

de uma cooperação na pratica de determinados processos industriaes; este character do *empirismo industrial* apparece especialmente na Chaldéa e no Egypto fundados sobre deltas e em consequencia da continuidade de um regimen das cheias. Foi na Grecia que começou uma terceira e superior fórma de Civilisação, fundada na comprehensão que cada individuo possuia do seu logar no conjuncto social, para o uso da sua liberdade e para a sua dependencia á auctoridade. Esta comprehensão do poder da collectividade social, *polis*, exprimiu-se abstractamente n'esse principio de ordem, *politea* ou politica; aquelles que pelo suffragio investiam com auctoridade os seus magistrados eram *autonomos*, isto é, faziam a lei para si, e pela sua egual applicação estavam sob um regimen de *isonomia*. A Grecia realisando este accordo difficil entre os dois factores sociaes o Individuo e o Estado, esboçou as fórmas da Civilisação *politica*, que Roma estendeu na sua incorporação do Occidente, prevalecendo a idéa de estado sobre a de individuo.

Na Grecia a Civilisação politica, caracterisada nas Amphyctionias, dá ao individuo as condições do mais harmonico e completo desenvolvimento do seu sêr psychologico. Os grandes genios succedem-se primeiramente pelas creações artisticas ou *estheticas*, estimulo necessario de toda a especulação mental; só depois de creada uma litteratura em todos os seus generos, e uma Arte em todas as suas expressões morphicas, é que apparecem as altas capacidades *scientificas*, systematisadoras das duas sciencias fundamentaes da Mathematica e da Astronomia, levadas á sua fórma de deductividade positiva; creada uma bella linguagem na litteratura, ella torna-se apta para exprimir as mais abstractas concepções do espirito, e pelo genio experimental exercido na observação scientifica, manifesta-se por ultimo a mentalidade *philosophica*, por onde a Grecia dominou a intelligencia humana nas duas syntheses finalista em Platão e causalista em Aristoteles. A evolução assombrosa do genio grego apresenta esta successão ou grãos psychologicos do desenvolvimento individual. Esta ascensão natural é que nos póde fazer comprehender a oportunidade historica de individualidades como Sophocles ou Euripedes, Phidias, Hipparco, Protagoras, Aristoteles ou Epicuro; e como a vida politica, agitada pela acção dos demagogos, produziu capacidades dirigentes como Solon, Themistocles, Pericles, e oradores como Demosthenes.

6. Divisão das épocas historicas da Litteratura grega. — Como a civilisação da Grecia no seu separatismo politico se baseou principalmente em uma synthese affectiva, de que a Litteratura foi a mais completa expressão, é nas transformações sociaes d'esse povo no seu conjuncto, que se acham as characteristics que distinguem as épocas e o apparecimento de novos generos litterarios.

A feição da raça imprime-se na Litteratura n'esse conservantismo tradicional do ramo *Dorio*, e n'essa livre critica com que o ramo *Jonio* trata os themas tradicionaes que não inventou, como se vê no lyrismo, na epopêa e no drama gregos. A preponderancia primeira do elemento Dorico e generalisação do culto apollineo, fez com que decahisse o culto das Musas, que ficaram idealisadas como forças da Natureza, separando-se os Cantores do Sacerdocio, constituindo a nova classe dos Aédos, que elaboraram os Pean e os poemas narrativos que vieram a constituir a epopêa. Os cantos dos Banquetes, dos Hymeneos e dos Threnos separados do seu antigo respeito cultual, receberam fórmias individuaes, sahindo d'esses typos tradicionaes todos os generos litterarios.

A queda da preponderancia dos Dorios representa a ruina das fórmias do Estado-tribu ou da organisação feudal; a idealisação das tradições feudaes fez-se entre os Jonios da Asia Menor, onde se elaboraram os elementos epicos da *Iliada*; e foram os Jonios insulares que crearam o Lyrismo, como em Athenas desenvolveram d'essas antigas lendas feudaes a Tragedia, e deram intuito critico e philosophico á Comedia. Tal é o periodo, que em consequencia da lucta do elemento monarchico dos Dorios contra o democratico dos Jonios, occorreu em resultado a invasão de uma potencia despotica, a Persia. Depois d'este esplendido triumpho da liberdade contra o despotismo, Athenas torna-se o ponto de irradiação da cultura grega, brilhando alli os grandes lyricos, os sublimes tragicos, creando-se a eloquencia, a historia, e a philosophia.

A dissidencia entre esses dois elementos ethnicos manifesta-se de novo na dilaceração intima da sociedade democratica e na desastrosa guerra do Peloponeso; n'este periodo a Comedia é levada ao maximo desenvolvimento, apparecem os Sophistas, e a Historia torna-se philosophica. D'este ponto culminante da revelação do genio grego em Aristophanes, Thucydides, Platão e Aristoteles, começava a decadencia. Effectuou-se ella com a subordinação da Grecia a um regimen militar; o triumpho de Sparta sobre Athenas, preparou o caminho para o dominio da Macedonia sobre a Grecia inteira. A Grecia achou no genio militar do joven e extraordinario Alexandre a comprehensão do espirito de universalidade expresso na indole do Hellenismo. A Grecia arrastada em aventuras militares para a Asia, abriu novos fócios de cultura como na côrte dos Ptolomeus, na dos Seleucidas e na dos Bermecydas; tal é esse periodo chamado alexandrino, em que o genio grego sensato e artistico se perverteu nas phantasmagorias orgiasticas e nas theologias orientaes, transformando o universalismo humano do seu Hellenismo, n'essa fórma atrazada e por elle revivificada da catholicidade do Christianismo.

Constituição ethnologica da Grecia

I — Época pre-historica

A compreensão da historia da civilização hellenica estabeleceu-se pela critica fundada nas investigações anthropologicas e ethnologicas, no conhecimento das raças que povoaram a península da Grecia, e dos costumes comparados com os de outros povos ás vezes remotamente distanciados. A Grecia soffreu a falsa idéa da sua autochtonia, e ainda no nosso seculo eruditos eminentes consideravam a civilização hellenica privilegiadamente original nas suas manifestações e desenvolvimento. O conhecimento das migrações de tribus áricas para a Europa, da lingua védica e sanskrita, dos mythos do Rig e do Avesta, tudo isto veio recompôr o conhecimento das varias tribus da Grecia e da sua occupação da península mediterranea oriental, facilitar a compreensão dos seus mythos e a interpretação historica das suas lendas nacionaes. Otfried Müller presentiu a necessidade de distinguir as raças e os dialectos para a historia da civilização dos Gregos, representada em quanto ás suas condições sociaes e politicas nas creações da Litteratura. As fórmulas especiaes da civilização acham-se definidas pelos caracteres dos dois typos anthropologicos principaes, os Dorios e os Jonios; Otfried Müller ligava ao elemento dorico uma preponderancia exclusiva na cultura da Grecia, ao passo que Ernst Curtius attribue ao genio cosmopolita e assimilador dos Jonios as grandes concepções artisticas, scientificas e philosophicas que irradiaram da Attica. Otfried Müller accentuou este dualismo ethnico, caracterisando assim estas duas povoações pelas differenças dos seus habitos e instituições, em quanto aos Dorios: «acha-se n'elle uma opposição a fazer prevalecer em todo o organismo da sua vida politica e domestica o espirito de austeridade e de respeito pelos antigos usos. — Os Jonios, pelo contrario, mostram já no seu dialecto uma certa inclinação a mudarem as velhas fórmulas segundo o gosto e o capricho do momento...» (cap. 1) Antes porém d'estes ramos áricos predominarem na Grecia, a existencia da escravidão na sua organização social, revela-nos o encontro de raças inferiores que foram por elles subjugadas e com que se assimilaram. Este facto confirma-se no onomastico, extranho á lingua dos Hellenos, emquanto a muitos nomes de logares, de Deuses, de Heroes e de familia. É pelo estudo d'esta camada ante-árica sobre que se impuzeram os Hellenos, que se póde resolver o problema das origens semitas da sua civilização corrigindo assim as hypothe-

ses exageradas de Röth e de Braun, que a filiavam na Phenicia ou no Egypto. De facto houve um longo contacto do elemento Jonio com as populações phenicias, e na bacia do Mediterraneo existiu um povo não árico nem semita, que precedeu no Occidente da Europa a entrada dos Arias, que não foi destruido e que com elles se fusionou. É d'este ponto que devem começar as investigações ethnologicas sobre o povo grego, já na sua relação com a Phrygia, já no seu encontro com tribus kuschito-semitas. Os modernos estudos de Pre-historia facilitam esta nova ordem de investigações, cujos resultados esclarecem a realidade de antigas populações mythicas, como a dos Lapithas, dos Cyclopes, e dos Dryopes.

O solo da Grecia, conhecido primitivamente pelo nome de Lectonia, soffreu revoluções geologicas profundas; o mytho dos Cyclopes significava a personificação dos fogos vulcanicos, que levantaram esses muros naturaes que separaram os estados que se estabeleceram ulteriormente na Grecia. A lenda que fazia dos *Cyclopes* os gigantes, que provinham da Lycia, concorda com a realidade emquanto á natureza vulcanica d'esta região.

As tradições mythicas alludem a uma outra população, os *Dryopes*, que habitaram o Parnasso, d'onde desceram para o Peloponeso, apparecendo tambem no Epiro e na Eubea; o seu nome, conservado no de uma nympha das florestas, Dryope, significa a glande do carvalho, designação tirada do alimento que usava antes da raça que trouxe o culto de Ceres e que cultivou o trigo. O culto de Pan, liga-se a esta primitiva raça pastoral, e era representado como um sêr inferior e sensual. D'elle escreve Maury: « Deus dos bosques e das pastagens, como o indica de uma parte a origem do seu nome (de *pao*, pascere) e de outro o seu parentesco com os Dryopes, era o patrono dos pastores arcádicos, que lhe consagravam grandes pinheiros e o adoravam no fundo das cavernas.»¹ A landra dôce foi o alimento dos antigos habitantes da Arcadia, a quem o oraculo de Delphos chamava *balanephagoi*, o come-bolota. Depois d'esta população pastoral e errante, apparecem nas lendas da Grecia anthropologica os *Centauros*, ou boieiros (de *kentein*, picar, e *tauros*, boi) que guardavam as manadas a cavallo, por meio de uma vara com agulhão, como os *gaúchos* na America do sul, ou os campinos no Alemtejo. Estas populações deixaram reminiscencias nas figurações artisticas, e na idealisação da poesia, sendo aliás os representantes do estado selvagem da Grecia; assim como

¹ *Hist. des Rel. de la Grèce antique*, I, 111.

guardavam rebanhos a cavallo, também se serviam da carreira para as incursões da pilhagem, provindo d'este costume o nome da população dos *Lapithas* (de *lapasso*, pilhar, devastar.)

Os documentos mais remotos da raça árica não a apresentam no estado selvagem em nenhum dos seus ramos; na sua linguagem apparecem as designações dos instrumentos do seu progresso e dos seus habitos moralisados. Por fórma alguma se podem confundir estas populações com as tribus pelasgicas, cujas cidades na Grecia eram estabelecidas nos logares elevados, a que chamavam generalisadamente *larissa*; o pelasgo habitava as montanhas e desceu para as planicies, á medida que foi assimilando a si estas povoações selvagens.

Antes porém das tribus pelasgicas occuparem a Grecia, outros povos extranhos communicaram ou se fixaram na peninsula; pertencem esses povos á grande raça kuschito-semita. A falta de caracteristica anthropologica dos *Lelegios*, *Curetes*, *Lydios*, *Mysios* e *Carios*, pertencentes ao elemento semita, segundo a critica moderna, difficultou a explicação de muitos costumes e manifestações do genio grego. A sua confusão com os Pelasgos tornava a anthropologia da Grecia um cahos incomprehensivel, perturbando o definir-se a feição árica dos Pelasgos. Os *Lelegios*, como define Maury, «era uma nação formada pela fusão de tribus de origens diversas *semitica*, pelasgica e outras.»¹ Habitavam no littoral da Asia Menor, e segundo Homero, d'elles descendiam os Teleboeus e os Taphias que assaltavam a Phenicia. O nome de Lelegio significava a liga formada com outros povos com quem se confederavam, sobretudo para a pirateria. Bastava-lhe este estado de barbarismo, para serem inconciliaveis com as tribus dos Proto-Arias; estabelecidos na costa meridional do Peloponeso, e na Laconia (*Lelex* foi o seu primeiro rei), acharam-se sempre em guerra com os Pelasgos, repellidos para o interior da Peninsula. Este povo dos Lelegios apparece na Acarnania, na Phocida, na Beocia, na Laconia, na Megarida, na Messenia e na Elida, repellidos pela expansão das tribus hellenicas.

Junto com os *Lelegios* andavam reunidos os *Carios*, que o barão de Eckstein considera como de raça kuschita ou de tronco cepheno; d'aqui a sua facil colligação e cooperação na pirateria. Os *Carios* occupavam as ilhas do Archipelago; occuparam Mileto e os cantões visinhos; a sua lingua, é hoje considerada pelo orientalista Lassen como de origem *semita*, facto que póde ser produzido pela

¹ Op. cit., t. I, p. 23.

sua fusão com os Lelegios. Comtudo Lassen, vê nos Carios « um povo cananeo, que primitivamente avançou até ás ilhas do mar Egeo, » (p. 28) e já nos tempos homericos assimilado pelas populações indo-européas. Os *Curetes* são um outro povo ligado aos Lelegios; tendo occupado a Etolia e passado para a Acarnania, e repellidos pelos Pelasgos da Thessalia, penetraram na Eubéa; segundo Mathiae, os *Curetes* mythicos, analogos aos Corybantes, da ilha de Creta, são uma reminiscencia d'esta raça civilisada, e differiam dos outros gregos pelo costume de cortarem o cabello. No povo dos Lydios é onde apparece já uma grande similaridade com os hellenos; comtudo Lassen considera-os tambem como de raça semita. Sobre este ponto escreve Alfred Maury: « um indianista illustre, Ch. Lassen, sustentou recentemente que os *Lydios* eram de raça *semita*. Segundo este auctor, as tribus pertencentes a esta ultima raça, tinham-se espalhado ao sul da Asia Menor. A cordilheira do Taurus, do Anti-Taurus e do Temnos, teriam então constituido a demarcação entre as populações dos dois troncos indo-europeu e semitico. Assim como os Lydios se hellenisaram, tambem as suas lendas genealogicas entraram na elaboração epica dos hellenos. Segundo Lassen, tambem os *Mysios* pertencem á raça semita, concordando com a affirmativa de Herodoto, que os faz descender dos Lydios. Estas camadas semitas eram conhecidas pelos geographos antigos distinguindo-as das povoações dos Pelasgos e dos Hellenos. Onde quer que as tribus hellenicis assimilaram a si esses ramos semitas entraram ahi em um desenvolvimento artistico, como nas colonias jonicas da Asia Menor, e das ilhas do mar Egeo, e adquiriram a fecilidade de se apropriarem da arte da navegação dos phenicios, servindo os egypcios e explorando o Mediterraneo occidental. As relações artisticas dos esculptores de Egina com os da Assyria, do systema metrico da Grecia com o de Babylonia explicam esta influencia semita anterior á historia.

II — Os Pelasgos, elemento proto-árico

Segundo Herodoto, os Jonios e os Eolios davam-se como descendentes dos *Pelasgos*, e este nome conservou-se como designação geographica de muitos logares da Grecia, e de muitas tribus hellenicis. Fréret, nas suas *Observações sobre a origem e antiga historia dos primeiros habitantes da Grecia*, deriva o nome de *Pelasgos* do mesmo radical que lhe dá o sentido de *velho, antigo*. Alfred Maury inclinando-se para esta opinião, confirma-a, dizendo: « Se esta etymologia é exacta, e ella é com certeza bastante verosimil, o sentido do nome de Pelasgos seria o mesmo que o de *Gregos*,

formado das palavras *grais, grays, graia, greios*, que significam *velhos, antigos*. E n'este caso isto era uma prova nova da identidade da raça pelasgica e da grega.»¹ É este evidentemente o primitivo elemento árico que entrou na Grecia, em consequencia das migrações da grande raça árica para o Occidente; das poucas palavras de origem pelasgica, inferem os philologos, que a sua lingua se aproximava do grego, um pouco mais guttural, e que por isso tendo maior semelhança com o dialecto eolio se considera como a fórma archaica da linguagem das populações ário-hellenicas, que da Grecia se estenderam pelo Mediterraneo até a Italia. Das palavras pelasgicas conhecidas, « muitas d'ellas lembram mais o latim, do que o grego, » como o declara Maury. Pelos recursos da paleontologia da linguagem confirma-se a tradição de ter sido a Italia povoada por tribus pelasgicas, e pelas designações de objectos de uso expressos na lingua sanskrita, no grego e no latim, se reconstrue o gráo de civilisação da raça árica na época em que os Pelasgos entraram no occidente da Europa destacando-se do tronco anthropologico. Os caracteres da raça árica na sua duplicidade de *louros* e de *trigueiros*, e nas suas differenças ethnicas de *pastoraes* e de *agricolas*, conservam-se no territorio da Grecia, entre os Pelasgos do norte que primeiro occuparam a Thracia como os da Thessalia, e os da região meridional, que se entregam á agricultura, como os que povoaram a Attica. As tradições pastoraes da Arcadia são o resto dos usos pelasgicos, como o culto de Ceres da Attica provinha das fórmas da actividade das tribus do sul. As primeiras populações pelasgicas que entraram na Grecia, avançaram pela região do norte, resistindo a novas invasões de outras tribus áricas vindas da Asia Menor, em regiões centraes como a Thessalia, o Epiro e a Arcadia. Diz Maury: « Nos bellos tempos da Grecia, as tradições, as idéas e os usos dos Pelasgos eram ainda sobreviventes na Arcadia, no Epiro, na Thessalia, regiões onde tinham sido os seus principaes estabelecimentos, e que em razão da sua posição e do character topographico, ficaram mais ao abrigo das perturbações e revoluções a que ficaram tantas vezes sujeitas as outras partes da Grecia.»² Foi esta justamente a séde das tribus conhecidas na historia pelo nome de Dorios, fundadores da primeira civilisação da Grecia, com character patriarchal; e esta relação confirma-se pelo nome de *Pelasgia*, dado á Arcadia e ampliado a todo o Peloponeso. *Pelasgus* convertido em eponymo patriarchal, era pae dos fundadores das vinte e sete cidades da Arcadia, entre as quaes

¹ *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. I, p. 3.

² *Op. cit.*, ib.

figura Orchomene, capital da civilização dos Mynias. A Argolida era denominada por Homero pelo epitheto de *Pelasgica*; a Thessalia tem em Homero o nome de *Pelasgia*, e um dos seus cantões segundo Strabão era chamado *Pelasgiotida*; a Chaonia chamava-se igualmente *Pelasgida*, e os seus habitantes, do occidente da Thessalia até ao mar Jonio e espalhados pelo Epiro, eram segundo o mesmo geographo denominados *Nações pelasgicas*. Aqui temos o onomastico local completando a deficiencia dos monumentos historicos.

N'este problema o que importa bem accentuar é as diferenças ethnicas que existiam entre as tribus dos Pelasgos, diferenças que se continuaram no conflicto das instituições sociaes, e na historia de toda a Grecia. Fallando d'estas diferenças das tribus pelasgicas, diz Alfred Maury: « Conforme a região que ellas habitavam, estas tribus tinham adoptado um genero de vida um pouco differente: ao passo que as do Peloponeso haviam introduzido a *agricultura* entre os primeiros indigenas que se alimentavam de fructos das arvores, e em particular da landra doce, as da Thessalia eram quasi exclusivamente *pastoraes*; ... Na Attica as occupações agricolas e em particular a cultura do trigo e da oliveira, tomaram um desenvolvimento consideravel, de modo que Athenas tornou-se a instituidora de uma parte da Grecia pela agricultura; etc. » (ib., p. 12). As diferenças na fórma da sua actividade, reflectem-se nas instituições sociaes dos Pelasgos *pastores* e *agricultores*; os primeiros conservaram por longo tempo o nome de Pelasgos, por ventura ligando-se-lhe o sentido de *errantes*, *nomadas*, como propõe o barão de Eckstein pela derivação etymologica do radical *pel*. A vida agricola é sedentaria, e os pelasgos que trabalhavam a terra, vivendo em planicies abertas tinham de defender-se pela liga das populações, pelos asylos que abriram aos foragidos dando-lhes os direitos de commuidade da *visinhança* (no sanskrito *veça*, no latim *vicus*, no gothico *veiks*, no zend *viç*, e no grego *oikos*). É assim, que á medida que se avança na historia estes dois elementos pelasgicos se vão definindo, já pela situação geographica, em que o nome de *Graic*, o montanhez, tende a designar genericamente as populações da peninsula, já o nome de *Helles*, a planicie, vem a exprimir a unificação geral dos estados, sentida moralmente mas não realisada na politica. Os Pelasgos *pastoraes* vivem organizados sob o poder de chefes patriarchaes, d'onde deriva a instituição da Realeza electiva ou dynastica entre os Dorios; os Pelasgos agricolas, que vivem na planicie, (*demos*) pela necessidade de incorporação de elementos estrangeiros, fundam o direito da commuidade na obrigação correlativa da defeza, no censo, e elevam-se á criação do poder não pelo privilegio do nascimento, mas pela expres-

são do suffragio, realisando assim a instituição da Democracia. N'este antagonismo anthropologico e ethnologico, é que se filia a differença entre os Dorios e os Jonios, entre as instituições aristocraticas representadas por Sparta, e as instituições democraticas desenvolvidas por Athenas. E d'este conflicto primitivo entre as tribus pelasgicas, é que se deduzem as causas por que os Gregos não dispenderam a sua actividade em organisarem os seus mythos religiosos em dogmas, em se subordinarem a uma classe sacerdotal, e ao mesmo tempo a facilidade com que se emanciparam da Theocracia inicial que fez estacionar a civilisação dos Arias orientaes. D'aqui tambem se infere o character conservador das tribus doricas e a tendencia cosmopolita das tribus jonicas; sendo comtudo o genio dorico o depositario das tradições da raça, e os Jonios o elemento transformador que converteu essas tradições em lendas heroicas, em tragedias, comedias e cantos lyricos.

O antagonismo dos Pelasgos *pastoraes e agricolas* assignalou-se em uma expulsão violenta dos antigos pastores do Peloponeso, em virtude dos quaes esta região se chamou *Pelasgia*; assim comprehendendo-se o sentido de *expulso, repellido*, que Eckstein encontra na palavra *pelayati*. As cidades nas cristas dos montes, d'onde o nome de *larissa*, dado a muitas ilhas, e as grandes muralhas com blocos polygonaes que defendem Tiryntho, Orchomeno e Lycosura, correspondem a este periodo de luctas, em que vence o elemento agricola; e d'este facto desconhecido se deduz a causa d'essa outra incursão do norte para o sul da Grecia, em que os Pelasgos pastoraes repellem do Peloponeso os agricoltos que emigram para as costas occidentaes da Asia Menor, sendo essa occupação dos Dorios no Peloponeso conhecida na historia pela expressão vaga e não comprehendida do *Regresso dos Heraclidas*. Nos Pelasgos apparecem os que se entregaram ao mister das armas, e segundo a tradição conservada por Strabão, existia uma intima relação de parentesco entre os Pelasgos da Thessalia e as gentes da Armenia; o barão de Eckstein é apoiado por este facto, quando considera o Pelasgo emigrando das margens do Tigre, ao meio-dia da Armenia, transpondo o Taurus e atravessando a Asia menor. O Pelasgo que se estende pelas ilhas do Archipelago, e vem das costas occidentaes da Asia menor, é o mesmo que alastra o seu dominio pelo Peloponeso, caminho que tornara a seguir desde a edade homerica até ao periodo de esplendor que succedeu ás guerras medicas. O Pelasgo oriental tendeu para a exploração do Mediterraneo oriental, cujo cyclo de actividade está representado nas lendas dos *Argonautas*; o Pelasgo occidental, que conhecia já os navios compridos, confundiu-se com os navegadores phenicios explorando o Mediterraneo no sentido de oéste, tendencia representada nas lendas epicas da *Olysséa*. O Pe-

lasgo oriental no seu caracter mais antigo foi representado pelas populações Phrygias, que do norte da Asia menor passaram para a Thracia, nome que comprehendeu primitivamente a Thessalia, a Pieria, a Phocia, a Beocia, e outras regiões do norte estendendo-se para léste; os Phrygios eram considerados como pertencendo à mesma raça dos Armenios; no norte da Grecia, especialmente na Macedonia, é que se conservou a organização militar, e quando a Macedonia exerceu o dominio sobre a Grecia, Alexandre desviou este grande povo para as expedições de conquista e de fundação de novos imperios no Oriente. O que fez no fim da civilização attica a poderosa Macedonia era a repetição d'essa tendencia que impellia para o Peloponeso as raças que desceram dos planaltos para os vales, que se observa quando as tribus da Thessalia, Macedonia, Epiro, e da Thracia, regressando para o Peloponeso, se fusionaram produzindo esses dois elementos ethnicos e historicos da Grecia, os *Eolios*, d'onde derivaram os *Dorios*, e os *Acheanos* que se acham representados na historia pelos *Jonios*.

III — Eolios e Acheanos

Os *Eolios*, como o seu nome o exprime, (os *miatos*) representam a primeira unificação das tribus hellenicas segundo as analogias da linguagem. O mesmo se repete na Edade média da Europa com os povos de *Lingua d'Oc*. É por isso que o nome de Eolio não corresponde a um centro de nacionalidade, e como designando uma linguagem commum, comprehende sob este titulo os dialectos da Thessalia, da Etolia, da Beocia, da Eléa, e ainda da Eolia da Asia menor, como diz Otfried Müller, divergindo entre si estes dialectos mais do que o eolio do latim. Diz Maury: « Apesar da pouca precisão do nome de Eolios, que póde ser applicado a nacionalidades tão differentes, o facto de um dialecto especial fallado por esta raça, prova em favor da unidade das populações chamadas eólias. Este dialecto de que se tem conservado monumentos litterarios, era ainda fallado na sua maior pureza no tempo de Strabão entre os povos da Elida que descendiam dos Eolios. » (*ib.* p. 43) Este rudimento de nacionalidade é que traz á historia a tribu dos *Dorios*, cujo dialecto é uma simples variedade do eólico, e que iniciam na Grecia essa primeira civilização eolia dos Mynias, de Orchomene, e das Eginetas.

Os *Acheanos*, cujo nome significa os *bons*, e que designava os Pelasgos da Phtiotida, nos tempos homericos comprehendiam em uma certa unidade todos os gregos; era um nome honorifico dado

aos Myrmidones, ás tribus do Peloponeso que avançaram até Creta. O dialecto acheano, como observa Otfried Müller, tinha intimas analogias com o dialecto jonico das lendas odysaicas: « os antigos *Acheanos*, que as antigas tradições genealogicas nos representam como irmãos dos Jonios, fallaram este dialecto sem grande alteração. Compreende-se assim mais facilmente que o escolhessem para celebrar n'elle os heroes da raça acheana, um dialecto que apesar de divergencias importantes conserva portanto uma grande similhaça com o jonio. » ¹ São estas as duas primeiras unificações das raças hellenicis, quando os elementos guerreiros prevaleceram sobre as populações agricolas, estabelecendo dois imperios: os *Eolios* sob o governo dos Mynias de Orchomene, e os *Acheanos*, o imperio dos Atridas de Mycenae. A queda d'estes dois imperios teve por consequencia o apparecimento das raças historicas dos Dorios e Jonios, que sustentaram o seu antigo e natural antagonismo. Os Mynias exerceram a agricultura e a navegação, e emprehenderam as expedições dos Argonautas, prelude das colonisações historicas, fundando na Africa a cidade de Cyrene. Pela ruina dos Mynias, pelas invasões thessalioas, que repelliram os Eolios para a Beocia, é que apparecem os *Dorios* na conquista do Peloponeso. Pela queda das realzas acheanas do Peloponeso, começa essa lucta que determina o predomínio das instituições democraticas na Grecia, que caracterisam a civilisação dos *Jonios*.

Contra a infiltração de elementos estrangeiros assimilados pelos Acheanos é que se levantou essa reacção dorica conhecida pelo titulo de regresso dos Heraclidas. A influencia phenicia chegava já a Thebas, e a influencia egypcia dominava em Athenas e no Peloponeso. Fortoul define lucidamente esta reacção dos Dorios fortalecida com as antigas populações da Thessalia, a que elle chama « a Scandinavia grega »: « Sobre os seus planaltos remotos, os *Dorios* não tinham recebido a influencia da civilisação de povos estrangeiros; tendo os Heraclidas á frente, baixaram da sua solidão, destruíram na sua passagem as potencias estabelecidas e vieram renovar na Grecia o espirito indigena, que se enervava: — Se os Dorios não tivessem abandonado as suas montanhas, a civilisação de que o littoral começava a gosar na época da guerra de Troia, não tardaria a dar os seus fructos: mas esta civilisação, em logar de dar ao genio grego a acção pessoal e emancipadora que lhe deu o seculo de Pericles, desenvolver-se-hia sob a influencia sacerdotal do Orien-

¹ *Hist. da Litt. grega*, 1, p. 19. (trad. Hillebrand).

te, que tinha transportado todo o systema das suas crenças, da sua sociedade, das suas sciencias e artes para os territorios pelasgicos. A invasão dorica restituiu o espirito hellenico a si proprio, forçando-o a soffrer uma segunda infancia que durou perto de seis seculos e que se chamou com razão a Edade média grega. » ¹ O dialecto dos Dorios conserva systematicamente as fórmulas archaicas, assim como as instituições aristocraticas, e as tradições lyricas, com a velha musica nacional. A Civilização da Grecia depois do sexto seculo pertence exclusivamente aos Jonios, mas todos os elementos fundamentaes das suas creações litterarias e artisticas provieram do conservantismo dos Dorios. É hoje impossivel dar exclusivamente aos *Dorios* a preponderancia nas manifestações do genio grego, como primeiro o quiz Otfried Müller, nem tão pouco attribuir toda a grandeza da civilização hellenica aos *Jonios*, como pretende Curtius. Os Dorios foram os sustentaculos do character hellenico, universalizado pelos Jonios ao contacto das civilizações egypcia e phenicia; ² porém, quando as instituições monarchicas e guerreiras aproximaram os Dorios da influencia da Persia, e as expedições de Alexandre levaram os gregos, submettidos á Macedonia, ás longinquas aventuras guerreiras da Asia, onde fundam novos imperios, a originalidade do genio grego corrompe-se em religião pelos cultos orgiasticos, em politica pelo fim da democracia, em litteratura pelos poetas e rhetoricos alexandrinos, e em sciencia pelos desvarios mysticos do neo-platonismo.

Tal é o plano e successão das raças na Grécia, em geral tão irracionalmente apresentado por quasi todos os compiladores de noticias, alheios ao criterio da coordenação sociologica. O desenvolvimento da Litteratura grega começa com a marcha das colonias dos Jonios da Asia menor para as ilhas do Archipelago, até se estabelecerem definitivamente na Attica; cada um d'estes estados representa a criação dos poemas épicos, dos cantos lyricos, e por fim da tragedia e da comedia, elaborados sobre os elementos doricos.

THEOPHILO BRAGA.

¹ *L'Art en Allemagne*, t. II, p. 119.

² Sobre o character oriental dos Jonios (*Jaones*, de Homero) entende Bergmann que elles são os *Yavanas* da tradição indiana ao sudeste dos *Pahlavas* ou povo da Persia, e ao oeste dos *Kambodjás*, vindo pela Armenia para a Jonia (Ap. Maury, op. cit., I, 43, nota.) Foi tambem com o nome de Jonios, que os Egypcios conheceram os gregos.

NOTAS PARA A HISTORIA DA MUSICA EM PORTUGAL

§. I. — A Escola de Musica e a Capella real

Em Portugal, o *chantre* ou *cabiscol*, presidia ás aulas de canto e aos officios divinos, como se vê de um documento de 1139 ¹.

Desde o principio da monarchia houve escolas nos palacios dos reis, nos mosteiros, nas cathedraes e nos palacios dos prelados. D'estes ultimos saíam musicos e cantores que tomavam parte nas festas pontificaes ².

Em Coimbra, na Sé, houve a celebre escola instituida pelo conde Sesinando em 1086 ³.

Não menos celebre foi a escola da Sé de Lisboa, onde aprendeu musica e foi menino do côro, Santo Antonio, pelos annos de 1200 ⁴.

D. Diniz instituiu os Estudos geraes em Lisboa, no anno de 1288, que só foram reconhecidos pelo papa Nicolau IV, em 1290. Em 1309 foram transferidos para Coimbra; e só d'essa época em diante se trata da cadeira de Musica.

¹ Viterbo, *Elucidario*, vb.º CABISCOL.

² *Elucidario*, vb.º SCOLA.

³ *Mon. Lus.*, part. III, pag. 377.

⁴ Braz Luiz d'Abreu, *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol*. Ed. de 1753, pag. 10 e seg.

Manda o rei que o professor da cadeira de Musica, receba em cada anno 65 libras, o que corresponde á quantia de 2\$340 reis. Seria curioso dar uma lista completa dos professores que regeram aquella cadeira, mas, apenas conhecemos os seguintes :

Matheus d'Aranda.....	1544
Balthazar Telles.....	1549
Pedro Thalesio.....	1613
Fr. Antonio de Jesus.....	1636
Fr. Nuno da Conceição.....	1691
Padre Manoel José Ferreira, até.....	1802
José Mauricio.....	18.2
D. Francisco.....	?
Francisco Xavier Migone.....	1838
Antonio Florencio Sarmiento.....	?
Francisco Lopes Lima de Macedo.....	?

Foi celeberrimo o *Collegio dos Meninos do côro*, em Evora, instituido em 1552 pelo cardeal infante D. Henrique, época anterior á instituição da Universidade de Evora pelos jesuitas, em 1558. Em 1617, o arcebispo D. José de Mello, deu estatutos a este collegio, d'onde saíram grandes mestres para as cathedraes de Portugal e Castella ¹.

Para a boa reputação d'este collegio, bastaria lembrar que foi regido pelo celebre musico Manoel Mendes, a quem os contemporaneos chamavam : *Principe da musica*. — Não devemos esquecer a escola de Portalegre, (seculo xvi) regida por Antonio Ferro; a de Thomar, instituida por el-rei D. Sebastião e onde se ensinava canto-chão e canto de orgão; a do Collegio dos Reis em Villa Viçosa, á qual D. João iv deu regimento e estatutos, etc. etc.

Tambem nos conventos de freiras se ensinava musica. No convento das Chagas, em Lamego, Soror Maria da Cruz, fallecida em 1619, regia a escola de canto e de rabeção grande, em que era muito dextra ².

Além das innumeraveis escolas ecclesiasticas, havia um consideravel numero de escolas particulares. No anno de 1550, segundo o testemunho de Christovão Rodrigues d'Oliveira, havia, só em Lisboa, treze escolas publicas de orgão e quatorze escolas de dan-

¹ Fonseca, *Evora gloriosa*, pag. 233.

² D. de Froes Perym, *Theatro heroico*, t. II, pag. 215.

ça, sem contar o ensino particular ¹. Diz mais o mesmo author : « Ha em Lisboa : vinte tangedores de tecla, cento e cincoenta cantores, vinte charamelas, doze trombetas, oito atabaleiros, alguns carpinteiros de manicordio, tres carpinteiros organistas, dezeseis violeiros, quatro carpinteiros de pandeiros, quatro ditos de adufes e quatro homens que fazem cordas de viola, etc. »

Para dar toda a importancia a estas noticias, não devemos esquecer que são ellas do meado do seculo xvi.

A Bibliotheca, formada por D. João iv, este grande rei artista, seria hoje um inapreciavel thesouro de maravilhas, se o terramoto de 1755 a não tivesse destruido. Animado da mais grandiosa idéa artistica, colleccionou, na sua real bibliotheca, tudo o que havia de bom, desde o meado do seculo xv. Julgue-se da grandeza d'esta bibliotheca pela *primeira parte* do Catalogo, que se publicou no anno de 1649, em Lisboa, na officina de Paulo Cresbaech, in-4.º gr. com 521 paginas! Tocado da dôr e da reflexão, diz o snr. Vasconcellos :

« Que perda immensa para a arte ! Foi o golpe mortal dado na nossa historia artistica e que, até certo ponto, foi causa do profundo esquecimento em que têm ficado sepultados os nomes gloriosos dos nossos artistas. Se a arte portugueza perdeu com este triste desastre, quanto não perdeu a arte em geral ?

« Quanta obra prima de compositores estrangeiros, quanta perola preciosa não se perdeu conjunctamente com aquellas que eram nossas ! »

D. João iv pertence á historia da arte, não só como amador, mas como grande artista, em obras theoricas e praticas :

Defensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Franco. Lisboa, 1649. Não menos curiosa é a outra intitulada : *Respuestas á las dudas que se puzieron a la missa « Panis quem ego dabo » del Palestrina*, etc. Roma, 1655.

Das suas musicas, apenas se conhecem, por se terem executado em nossos dias, as magnificas *Paixões de Domingo de Ramos* e a de *Sexta Feira Santa*. É mais conhecida no estrangeiro a sua notavel composição : *Dux fidelis inter omnes* ; motete a 4 vozes, soprano, contralto, tenor e baixo.

Se estes factos tão grandes como gloriosos, não fossem sufficientes para perpetuar a memoria de D. João iv, bastaria a dedicada e incansavel protecção com que beneficiava os musicos do seu

¹ *Summario em que brevemente se contam algumas coisas assim ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa*, ed. de 1551.

tempo, dando-lhes pensões, como a um fr. João Fogaça, a um fr. Manoel dos Santos, etc. A condição de bom musico era garantia sufficiente para a estima d'este monarcha.

Soares Rebello, seu mestre, foi elevado ás honras e categoria de fidalgo cavalleiro da casa real e agraciado com a commenda de Christo. Um neto de Soares Rebello chegou a ser patriarcha de Lisboa, etc.

Foi admiravel o zelo e esplendor com que, em proveito da arte, sustentou a sua Capella ducal de S. Jeronymo, em Villa Viçosa, onde entretinha grande cópia de musicos distinctos, que formaram a educação de muitos outros.

Os estatutos d'esta capella acham-se impressos no tomo III das *Provas da historia genealogica*.

A sua bibliotheca mereceu-lhe especialissimos cuidados e a grande importancia, que lhe ligava, póde-se vér no seu testamento, extractado na *Hist. gen. da casa real*, t. IV, *Provas*, fl. 764.

É datado de 4 de novembro de 1656. (Vej. mais o t. VII, fl. 243.)

Quando, em 1640, tomou o governo do reino, restituiu a Capella real ao seu antigo esplendor, sem afrouxar o da sua Capella ducal.

Divide o snr. Vasconcellos em oito periodos a historia da Capella real.

1.º Em 596, reinando Theodomiro, rei dos suevos, o canto ambrosiano estabelece-se nas igrejas da peninsula iberica.

2.º Em 1279, D. Diniz organisa definitivamente a Capella real, no castello de Lisboa.

3.º Em 1325, D. Affonso IV. Phase decadente.

4.º Em 1433, D. Duarte reforma a Capella por alvará de 18 de março de 1473. Privilegios e regalias de D. João II e D. Manoel. A Capella é transferida para os paços da Ribeira (Terreiro do Paço).

5.º Em 1581, Filippe I dá estatutos á Capella real em 2 de janeiro de 1592. Por estes estatutos ficou sendo o pessoal da Capella assim dividido :

Parte ecclesiastica.....	47	— Ordenados.....	2:926\$000
Parte artistica.....	45	»	1:740\$000
	<hr/>		<hr/>
Somma, pessoal.....	92	Reis.....	4:666\$000
	<hr/>		<hr/>

Reforma em 30 d'agosto de 1608. Grande protecção de D. João IV.

6.º Em 1656. Em D. Affonso VI e D. Pedro II, decadencia.

7.º D. João V cria e desenvolve o brilhantissimo periodo da Capella real. Eleva o arcebispo de Lisboa á dignidade de patriarcha; cria o grande cabido da Basilica; faz generosas e extraordinarias dotações á igreja patriarchal; manda vir do estrangeiro os melhores artistas musicos, etc.

É curioso o quadro de toda a receita e despeza da igreja patriarchal em 1747.

Por elle se vê que n'este anno o rendimento chegava á enorme quantia de 407:306\$669 reis, que se repartiam do seguinte modo:

328 pessoas que compunham a parte ecclesiastica, recebiam a enorme quantia de.....	300:105\$920
não entrando n'esta verba o ordenado do capellão-mór (cardeal patriarcha) que era avultadissimo.	
A parte artistica compunha-se de:	
54 capellães cantores, incluindo 20 sacristães....	6:688\$000
132 cantores nacionaes e estrangeiros, incluindo 4 organistas, 1 afinador d'orgãos, 1 compositor de solfa e 1 estampador.....	38:680\$000
<hr/>	<hr/>
460	Somma reis..... 338:785\$920
<hr/>	<hr/>

O saldo de 68:520\$749 reis era dividido entre o capellão-mór e os 24 principaes.

Por conseguinte, cada um dos principaes tinha de rendimento annual 7:000\$000 reis! Em 1747!

§. II. — Danças e Representações hieraticas

A lucta do clero com o povo, foi teimosa em todos os paizes catholicos da Europa. Quem não conhece, por exemplo, a excêntrica *Festa dos loucos*, em França, de que Ducange nos conserva uma tão completa descripção? Por toda a parte se cantava, simultaneamente, com o canto sagrado, qualquer canção profana, v. g. ao *Sanctus*, entoava-se a popular canção: *Baise-moi ma mie*¹.

¹ Clement, *Hist. gen. de la Mus. relig.*, pag. 45.

Naturalmente, taes escandalos provocaram as censuras ecclesiasticas.

O papa João xxii, por bulla publicada em 1322, recommenda moderação aos musicos. O Concilio de Basilêa, e depois o de Trento, lançaram novas e mais sérias censuras, e, finalmente, Pio iv estava resolvido a reduzir o canto ecclesiastico ao simples canto-chão, quando o grande Palestrina apresentou em 1565 a sua famosa missa, chamada do papa Marcello. Em Portugal, no reinado de D. João iii, o clero quiz banir da Igreja a poesia e os divertimentos do povo. As Constituições do bispado de Evora em 1534 ¹ prohibem que nas igrejas e em seus adros se cantem, bailem, ou façam jogos e representações de genero algum, sem especial licença da authoridade ecclesiastica. Iguaes prohibições se encontram em todas as outras constituições de Portugal no seculo xvi, em Lisboa 1536 — Braga 1537 — Angra 1559 — Lamego 1561 — Miranda 1563 — Funchal 1578, etc.

No Porto porém, em 1538, o bispo, para não desagradar ao povo, viu-se obrigado a fazer um accôrdo com a camara municipal, pelo qual se tolerava, com certas condições, a representação de Autos, durante a procissão de Corpus Christi ². Nas mesmas constituições prohibem-se os cantos mundanos do seguinte modo ³:

« É porque não é decente interromper o santo sacrificio da missa e deixar de cantar o que a igreja n'elle tem ordenado se cante, por entremetter n'elle, chasonetas e villancicos e ainda que sejam pios e devotos; conformando-nos com a disposição do concilio provincial bracarense, prohibimos, que nas missas cantadas, em logar do Tracto, Offertorio, Sanctus, Agnus Dei, Post-communio e mais coisas ordenadas pela igreja, se cantem chasonetas e villancicos, nem motetes, antiphonas e hymnos que não pertençam ao sacrificio, que se celebra, nem emquanto se disser alguma missa se consinta cantar cantigas profanas, nem festas, danças, autos, colloquios, posto que sejam sagrados, nem clamores, petitorios de esmolas, etc. etc. »

Nas mesmas constituições se prohibem, sob pena de excommunição maior, cantigas deshonestas ⁴. As leis seculares reforçavam as ecclesiasticas. D. Sebastião, por lei de 15 de maio de 1565, determina que se não façam representações nas igrejas, nem se usem mascaras nas procissões ⁵.

¹ Constituições x, tit. xv.

² Trigoso, *Mem. sobre o Theat. portuguez.*

³ L. ii, tit. i. *Const.* vii, pag. 175.

⁴ L. iv, tit. ix. *Const.* vii.

⁵ *Synopsis chronol. da Leg. port.*

Miguel Leitão d'Andrade, na sua curiosa *Miscellanea* ¹ descreve minuciosamente os festejos, que se fizeram nos arredores de Coimbra em 1612. Duraram estes festejos quatro dias. Além dos officios divinos, houve danças, mascaradas, justas, touradas, representações dramaticas, etc.

Entre outras, representou-se a comedia de Lope de La Vega : *De la ocasion perdida*.

Em uma das representações que se fizeram dentro do templo, appareceram: o Padre Eterno, o Deus Filho, o Deus Espirito Santo e a Virgem Nossa Senhora. Esta representação acabou por uma cantilena a solo com acompanhamento de instrumentos de musica e outra a 3 vozes e instrumentos, devagar e suavissimamente.

Nas procissões, além das folias e chacotas, que bailavam, cantando villancetes e tangendo diversos instrumentos, iam tres coros de musicos cantando alternadamente com as charamelas, cornetas e doçainas varios cantares da igreja catholica, etc. etc.

Em 1625 fez-se em Lisboa uma procissão que levou nada menos de *dezoito ternos* de charamelas com danças, chacotas e outras folias ².

As danças populares eram toleradas pelo clero. Vamos transcrever na sua integra o §. 1.º do l. II, tit. VI, das Constituições synodales do arcebispado de Lisboa; n'elle se resume tudo o mais que poderíamos dizer sobre o assumpto ³:

« Muy encomendado he pelo Direito Canonico e Sagrado Concilio Tridentino, que nas Igrejas e acções instituidas para o culto divino, se não intrometerão cousas profanas, e muito menos lascivas e deshonestas. Pelo que mandamos sob pena de excommunhão mayor, ipsò facto, que nas procissões não vão figuras lascivas e deshonestas, nem mulheres representando sanctas, pela occasião que d'ahi se pode seguir. Nem tambem se façam nellas autos e representações de cousas profanas, nem colloquios alguns de figuras, salvo sendo ao divino, e de maneira que se não retarde com elles por tempo muito consideravel o curso das procissões, nem sejam autos ou colloquios da Payxão. E os que houverem de representar ao divino, serão primeiro vistos e approvados por Nós, ou por nosso Provisor. E as danças e folias, e similhantes festas, que costumão ir nas procissões, assim nesta cidade de Lisboa, como nas villas e terras do arcebispado, não prohibimos que vão, com tanto que vão sempre diante de todas as cruces e que não cantem

¹ *Dialogos* XI e XII.

² *Archivo pitt.*, t. III, pag. 204.

³ Ed. de 1737, pag. 218.

cousas lascivas, nem se intrometão com as Religiões e Cleresia, nem cantem, nem dancem nas Igrejas emquanto se disser Missa, ou se cantarem vesporas, e os mais officios divinos. O que tudo se cumprirá sob a mesma pena.

« E por quanto dos autos em que com figuras se representa a Payxão de Christo Nosso Senhor se seguem muitas indecencias, defendemos sob a mesma pena de excommunhão mayor, e de vinte cruzados, applicados para a Cruzada e despezas de nossa Relação, que nem nas Igrejas, nem nas procissões, que se fazem quinta feira e sexta feira da semana santa, se representem autos, ou dialogos da Payxão, nem se introduzão figuras vivas para o tal effeito. E tudo o que n'ellas se houver de representar, seja com imagens de pão, barro e semelhantes, etc. »

Vejamos ainda o que dizia o doutissimo padre Manoel Bernardes, nas suas *Florestas*, tão ricas de erudição e de estylo :

« Emende-se pois o abuso de fazermos, ou permittir se fação vigalias e serões á Cruz, ou aos Altares, que se armão nas ruas, com aquellas profanidades, que só podem ser aceitas a Bacco e a Venus, e não ao verdadeiro Deos e a seus santos.

« Emende-se o celebrarmos as noites de Natal nas Igrejas (como eu vi celebrar em uma) com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas. E advirta-se que nenhuma d'estas cousas descanta bem com a letra dos Anjos; pois nenhuma dá gloria a Deos nas alturas, nem paz aos homens na terra.

« Emende-se o introduzir nos coros sagrados, as chulas, sara-bandas e outros tonilhos do theatro profano, e advirta-se que para a casa de Deos, só é decente o que é santo.

« Emende-se levar nas procissões, diante do Santissimo Sacramento, danças de siganos e de mulheres de ruim fama, etc. etc. »¹

Foi sob o reinado de D. José, que Portugal ostentou todas as riquezas e pompas da arte lyrica, na opera. O theatro dos Paços da Ribeira, situado onde hoje é o caes do Corpo Santo, foi o mais esplendoroso e rico que se conhecia. Basta o testemunho de um homem que viajou por toda a Europa.

Diz Burney²: « A execução era magnifica, a orchestra imponente, o scenario do maior esplendor. *O theatro excedia em magnificencia e grandeza, tudo quanto modernamente se possa apresentar.* »

¹ *Florestas*, t. II, tit. I.

² *A general History of Music.*, vol. IV, pag. 570.

Grande é a gloria que cabe a Portugal n'este assumpto. Appelando para o infatigavel zelo do snr. Vasconcellos, esperamos que, em breve, desenvolverá esta importante e riquissima parte da nossa historia musical, e então se verá que não fomos dos ultimos a trabalhar para o esplendor e progressos da arte.

Talvez que outros povos se ataviem e enfatuem com prioridades que nos pertencem.

Esboçaremos de corrida este importante elemento da arte lyrica em Portugal, remontando aos mais antigos tempos da monarchia.

O povo tinha os seus divertimentos nas *Janeiras, Maias, Judengas, Mouriscas, bafurdios, canas, touradas, justas, torneios*, etc. etc. Pouco a pouco, estes divertimentos foram-se desenvolvendo e tomando fórmas mais importantes.

O clero tinha os seus mysterios, autos e mais representações ao divino. Os trovadores invadiram a Igreja com os seus cantares profanos, e com elles, o povo. Estas entidades formam o elemento mixto, profano-religioso, que por muito tempo dominou na Europa.

Nas procissões, principalmente, expande-se mais o elemento popular; n'ellas vemos todas as reminiscencias do paganismo representadas por mascaradas, momos, mysterios, autos, lóas, entremeses, danças, chacotes e folias de toda a especie. Os padres tomam o mister de jograes e são elles que representam e fazem representar nas igrejas scenas indecentes, até aos jogos de zombaria e de escarneo, e danças descompostas, deshonestas e lascivas, como eram as das *Soldaderas* ¹.

A intervenção da auctoridade civil fez-se sentir. Nas Ordenações Affonsinas lê-se a seguinte prohibição datada de 1446: ² « Todo o clerigo jogral, que tem por officio tanger, e por elle supportar a maior parte da sua vida, ou publicamente tanger por preço que lhe dêem em algumas festas, que não são principalmente ecclesiasticas e de serviço de Deus; e o tregeitador, etc. »

Esta lei e outras foram impotentes, porque, ainda nas Constituições synodales do arcebispado de Lisboa na edição de 1737 ³ se prohibe aos clerigos que entrem em comédias, ou danças, touros, canas, manilhas, luctas, torneios e outras festas publicas de pé, ou de cavallo, e tambem de serem ou se fazerem chocarreiros ou jograes.

¹ Baret. *Hist. de la Litt. esp.*, pag. 205.

² Liv. III, tit. XV, §. XVIII.

³ Pag. 238.

Como já dissemos, o povo desenvolvia com mais franqueza, os elementos scenicos nas procissões.

Na primeira procissão de Corpus Christi que se celebrou em Evora no anno de 1264, e que foi acompanhada pelo clero e nobreza, já figuravam: os reis David e Salomão, alguns gigantes, o demonio, a serpente, o dragão, etc. O povo acompanhava com musicas e danças ¹. Sob D. João II as procissões de Corpus Christi eram precedidas por delegações de varias corporações de artistas, taes como: os carniceiros, os hortelões, carreteiros, alfaiates, besteiros e muitos outros, que levavam as suas bandeiras acompanhadas, nas corporações de mulheres, de um gaitero, e nas dos homens de um atabaque. Entre as corporações havia algumas, que se distinguiam: assim, as mancebas de partido vinham n'uma dança com seus gaiteros: os sapateiros traziam o seu imperador com dois reis muito bem vestidos e um atabaque.

Apoz as corporações iam os Apostolos, Evangelistas, Anjos, etc. Veja-se o curioso regimento d'esta procissão, publicado pelo snr. Silva Tullio ².

Não menos curiosa é a descripção da procissão de Corpus Christi, celebrada em Setubal no anno de 1484 ³. Na frente ia uma judenga, uma dança de cigalos e um sagittario, ou frecheiro, que fazia visagens e momices. Entre as corporações dos artifices, notava-se a dos hortelões com um auto ou entremez, em que se figurava uma caçada: via-se um rei e um imperador, um urso e monteiros; um carro e homens armados de chuços e lanças, tudo ao modo antigo. Arraes, espadeiros, petintaes, galeotes e mais gente de marinhagem de naus, caravellas e fustalha miuda, salvo barqueiros, iam apoz a caçada, levando uma nau sobre rodas, com seu cordoame, enxarcias, baileus e gaveas mui bem obradas e adiante caminhava S. Pedro com suas barbas alvas e as chaves na mão, etc. O que sobretudo excitava maior attenção era uma dança de mulheres. Duas raparigas dançavam, uma em pé, sobre os hombros da outra, tambem dançando; outras mulheres as rodeavam correndo e tocando adufes e pandeiros.

Seguia a turma dos barqueiros que vinham rodeando uma horrenda e agigantada figura, que representava S. Christovão.

Os sapateiros levavam S. João.

Adiante vinham doze pastores e doze macacos com rabos muito compridos, tanto ao natural, que enganavam os olhos.

¹ Fonseca, *Evora gloriosa*, p. 274.

² *Revista univ. lisb.*, t. IV, p. 528.

³ *Panorama*, t. II, p. 388 e seg.

Seguia-se a dança dos anciãos, outra de mouros e escravas, outra de satyros e nymphas em competencias amorosas, outras de bailadores, que pelejavam armados de espadas, e, apoz o rei David, os taverneiros com um Baccho gordo e vermelho assentado sobre uma pipa, etc.

Durante as estações das procissões representavam-se autos ¹.

D'este elemento mixto nasceram: os jograes, bobos, maninellos, bufões, truões, chocarreiros, tregeitadores, farçantes, comediantes, etc. etc.

Nos paços reaes, nos palacios e castellos dos grandes senhores, além dos bufurdios ² e mais folgares, que se usavam, representavam-se arremedilhos e momos. Dos arremedilhos nos dá Viterbo um curioso e antigo documento.

Diz, pois, aquelle illustre escriptor ³:

« No anno de 1193 el-rei D. Sancho I com sua mulher e filhos, fizeram doação de um casal, dos quatro que a corôa tinha em Cannellas de Poyares do Douro, ao farsante, ou bobo Bonamis, e a seu irmão Acompaniado, para elles e seus descendentes. E por confirmação ou rebora se diz: Nos mimi supranominati debemus Domini nostro regi pro reboratione unum arremedilium. »

Dos momos, que nem sempre eram mudos, como diz Aragão Morato ⁴, temos curiosas descripções dos que se representaram no paço de el-rei D. João II, em que elle proprio tomava parte ⁵.

Nos paços reaes tambem se estimavam muito as Janeiras, Maias, Judengas, Mouriscas, etc.

Diz Garcia de Rezende ⁶:

« Vimos grandes judarias,
judeus, guinolâs e touras,
tambem mouras, mourarias,
seus bailes, galanterias
de muitas fermosas mouras.
Sempre nas festas reaes
seram, dias principaes,
festas de mouras aua;
tambem festa se fazia,
que não podia ser mais », etc.

¹ Trigo, *Mem. sobre o Theatro portuguez*, p. 69.

² Viterbo, *Elucidario*, vb.º BUFURDIO.

³ *Elucidario*, vb.º ARREMEDILHO.

⁴ *Mem. sobre o Theatro portuguez*.

⁵ Garcia de Rezende, *Vida de D. João II*, cap. 122, 123, 126. Ruy de Pina, *Chronica de D. João II*, p. 126.

⁶ *Miscellanea*.

Os cantos das Janeiras e Maias, já tinham sido prohibidos em tempo d'el-rei D. João I, por accordão da camara municipal de Lisboa, no anno de 1385 ¹. As danças não se prohibiram; apenas em 1402, D. João I prohibe aos judeus e depois aos mouros, de irem armados ás festas do paço ².

Mais tarde, D. João III, não só consente que vão armados, mas até que usem vestidos de seda ³.

N'estes tempos, porém, pouca animação poderiam ter estas festas. Sem entrarmos na philosophia da historia, e, citando apenas os factos, bastará lembrar o terrivel golpe dado ás artes, ao commercio e industria, pela expulsão, que D. Manoel fez, em 1496, dos judeus e mouros.

As serenatas, que tanto em voga estavam n'estes tempos, tambem tinham sido prohibidas em Lisboa, conforme uma lei que vem nas Ordenações Manuelinas ⁴ e em um documento de Coimbra ⁵.

Diz a lei :

« Considerando nós quantos males se seguem das musicas que muitas pessoas costumam fazer de noite, assim de cantar, como com alguns instrumentos de tanger ás portas de outras pessoas; querendo-os evitar; defendemos que d'aqui por diante nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, nem se ponha só, nem com outros a tanger, nem a cantar á porta de outra nenhuma pessoa desde que anoitecer, até que seja o sol saído; e sendo achados de noite assim fazendo as ditas musicas, mandamos que sejam presos e jazam na cadêa trinta dias sem remissão, e mais paguem de cadêa dez cruzados e percam os instrumentos, que lhe assim forem tomados e as armas, tudo para o Meirinho, ou Alcaide que os prender e para os seus homens. »

Diz o documento inedito :

« Reverendo bispo rector.

« Amigo. — Eu el-rei vos envio muito saudar — eu são enformado que alguns studantes dessa universidade nã esguardando ho que compre a serviço de deos et meu et aa honestidade de suas pessoas andam de noite cõ armas fazendo musica et outros autos nã mui honestos per essa cidade do que segue escandalo aos cidaons et moradores, et pouca authoridade et honra a universidade

¹ Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. iv, p. 362.

² Fr. Francisco Brandão, *Mon. Lus.*, vi, p. 16. *Ord. Aff.*, l. II, t. 73 e 115.

³ *Privilegios de D. João III*, L. II, fl. 113.

⁴ L. v, tit. 103.

⁵ *Documento inedito*.

253

et porque eu recebo desprazer de taes cousas se fizerem vos encomendo que vos enformees disso et ho estranhai aas pessoas que o fizerem segundo a qualidade e suas pessoas et mandai chamar ho meirinho da universidade e lhe dizee de minha parte que olhe per isso et cumpra minhas ordenaçõens et assi as ordenaçõens que sobre isso tenho feitas porque não ho fazendo assi eu proverei no caso como ouver per bee et vos me escrevee ho que neste caso passa mui deccradamente.

« Anrique da mota a fez em lixboa aos vinte dias de Junho de 1539. »

Um novo divertimento se desenvolveu n'esta época; porém, bem depressa se destruiu. Das nossas conquistas e descobertas vinham escravos, que, com as saudades da patria, traziam os seus rudes folguedos e bailes, em que procuravam alliviar os amargores do captiveiro. O povo folgava com elles.

Esta pequena consolação foi-lhes roubada pelo alvará de 1559, que, mais tarde, entrou nas Ordenações Filipinas ¹.

Diz o alvará :

« E bem assi na cidade de Lisboa e huma legoa ao redor, se não faça ajuntamento de escravos, nem bailes, nem tangeres seus, de dia nem de noite, em dias de Festas, nem pelas semanas, sob pena de serem presos e de os que tangerem, ou bailarem pagarem cada um mil reis para quem os prender e a mesma defesa se entende nos pretos forros. »

A influencia do paganismo produziu as fórmas do culto externo á nossa religião, e com ella os divertimentos, o theatro.

« As ceremonias do paganismo tinham creado o theatro grego; as ceremonias christãs crearam o theatro moderno. Ao principio, era uso, para solemnisar cada festa, pôr em acção aos olhos dos fieis o acontecimento de que se celebrava a memoria. » ²

Assim se prova pela dedicação com que muitos padres se davam ao mister de jograes e comediantes.

O elemento scenico, como já vimos, nasceu e desenvolveu-se na igreja. Já em tempo de D. João I, em 1401, os mysterios e autos tinham tomado uma grande importancia de fórmas scenicas. Veja-se a magnifica descripção, que o snr. Alexandre Herculano nos faz de um auto representado em presença do monarcha, no mosteiro da Batalha ³.

¹ L. v, tit. 70, §. 1.º

² Viardot, *Est. sobre a Hist. das inst. litt.*, etc., trad. port. Lisboa, 1844, p. 318.

³ *Lendas e narr.* A abobada.

Gil Vicente ainda assentou os alicerces do seu theatro sob a influencia religiosa.

« ... Muitos autos de Gil Vicente ainda foram representados nas igrejas. As fórmulas liturgicas do christianismo eram eminentemente dramaticas, e o povo tomava parte nas ceremonias do culto; quando Gil Vicente escreveu, a sua primeira fórmula foi a das vigílias do Natal. » ¹

Diz Garrett, que antes de Gil Vicente, no reinado de D. João II, já se usavam representações dramaticas ², baseando-se nos seguintes versos de Ayres Telles de Menezes :

« Depois ledos tangedores,
A vinda da princeza,
Fizeram fortes rumores,
Espanto da natureza;
Barcas e Loas fizeram,
E outras *representações*
Que a todos gran prazer deram,
Conforme suas tenções. »

O snr. Theophilo Braga, sustentando a mesma opinião, no seu importante e curiosissimo trabalho — *Historia do Theatro portuguez* — em que mui detidamente trata de Gil Vicente e da sua escola, dá curiosas noticias dos mômos, que se representaram na côrte de D. João II, e, mais especialmente, de uma representação scenica feita pelo conde de Vimioso.

Diz mais o snr. Theophilo Braga ³ :

« Entre as poesias do conde de Vimioso existem algumas com allusões a factos de 1471, e por aqui se pôde fazer idéa da antiguidade dos ensaios dramaticos de Portugal.

« Gil Vicente não tinha que implantar; eram da etiqueta da côrte estas representações a que alludem os versos de Ayres Telles, muito antes de se representarem as *Côrtes de Jupiter*, na partida da Infanta D. Beatriz para Saboya, etc. etc. »

Aos curiosos e amadores d'estes assumptos, muito recommendamos o estudioso trabalho do snr. Theophilo Braga. É admiravel de paciencia e estudo, principalmente a entidade Gil Vicente; nem é possivel mais. Dá-nos, o snr. Theophilo Braga, o repertorio geral do theatro portuguez no seculo XVI. Consta de 113 autos, myste-

¹ Theophilo Braga, *Hist. do Theat. port.*, Porto, 1870, t. I, p. 7.

² *Romanceiro*, t. II, 1863, p. 129.

³ *Op. cit.*, p. 11.

rios, dialogos e comedias, cujos authores, além de 26 anonymos, são os seguintes :

Gil Vicente.
 Jorge Ferreira de Vasconcellos.
 Infante D. Luiz.
 Antonio Prestes.
 Sá de Miranda.
 Antonio Ribeiro Chiado.
 Anrique Lopes.
 Luiz de Camões.
 Jeronymo Ribeiro.
 Padre Anchieta.
 Dr. Antonio Ferreira.
 Ayres Victoria.
 Balthazar Dias.
 Simão Machado.
 Fr. Antonio de Lisboa.
 Padre Francisco Vaz Guimarães.
 Alvaro Lobo.

A opera comica nasce em Gil Vicente. Os seus autos, que elle proprio ornava de musica, são, como diz o snr. Vasconcellos, especie de zarzuelas. Camões e quasi todos os filhos da escola de Gil Vicente, ornavam os seus autos e mais representações com cantoria e musica.

s. III. — A Opera em Portugal

No seculo xvii e principios do xviii, a zarzuela teve grande aceitação em Portugal.

D. Francisco Manoel de Mello, volvendo á patria cheio de saudades, de poesia e illustração, ajudou a desenvolver este e outros generos musicaes com o seu prodigioso talento. Foi elle o cabeça da celebre Academia dos Generosos ; foi elle o libretista de quasi todos os compositores do seu tempo ; é d'elle a opera *Juicio de Paris*, representada em Lisboa na primeira metade do seculo xvii. Veja-se a famosa biographia, que lhe fez o snr. Vasconcellos e vejam-se as suas obras metricas ¹.

Os principaes maestros para quem D. Francisco Manoel de Mello fez letra, foram os seguintes :

Miguel de Herrera.
 Fr. Philippe da Madre de Deus.

¹ Tomo II, p. 92, ed. 1665.

Fr. Luiz de Christo.
 Gaspar dos Reis.
 Antonio Marques.
 Marcos Soares.
 Philippe da Cruz.
 Fr. Antonio de Jesus, o insigne.
 João Lourenço Rebello.

Fr. Pedro da Conceição, na primavera da vida, com 21 annos, produz: uma comedia com musica a quatro coros, que se representou no paço, com applauso da serenissima senhora D. Marianna d'Austria; Lôa com musica a 4 vozes, que se representou no convento de Santa Clara de Lisboa, e villancicos e motetes. Este musico, que Fetis qualifica de *compositeur distingué*, morreu em 1712, tendo nascido em 1691.

Luiz da Costa e Faria compõe a sua:

FABULA DE ALFEO E ARETUSA, *fiesta harmonica con toda la variedad de instrumentos musicos con que la Reyna, nuestra señora D. Maria de Austria celebrou el real nombre del rey, nuestro señor D. Juan V, a 24 de junio d'este año de 1712.*

Compoz mais:

EL PODER DE LA HARMONIA, *fiesta de zarzuela que a los felices años del rey nuestro señor D. Juan V se representó en su real palacio el dia 22 de octubre de 1713.*

Finalmente, Antonio José da Silva desenvolve a opera comica portugueza, dando-lhe as fórmãs mais ricas e magnificas, quer quanto á graça e sainete puramente nacional, quer quanto ao aparato scenico, quer quanto á musica, tão variada em arias, recitados, minuets, duetos, tercetos, quartetos, quintetos, etc. etc.

Diz Sismondi ¹ que a musica das operas de Antonio José não era original, mas inspirada pela musica da opera italiana, que se introduzira em Lisboa sob o reinado d'el-rei D. João v. Igual opinião partilha o snr. Trigoso ².

Não podemos concordar com a opinião d'estes respeitaveis escriptores. A opera italiana apenas apparece no dominio do publico, em Lisboa, no anno de 1735, dois annos depois das Operas do Judeu.

Antes d'essa época a musica italiana apenas era conhecida no paço. Nem deve admirar que nas Operas do Judeu se encontrem as mesmas fórmãs musicaes que então se usavam nas operas italianas; já muito antes se encontram as mesmas fórmãs nos Villanci-

¹ *Historical view of the literal, etc.*, t. II, pag. 590.

² *Mem. sobre o Theat. port.*, pag. 75.

cos, incluindo mesmo o recitativo, como já tivemos occasião d'analysar. Não cremos que Antonio José da Silva tivesse ouvido opera italiana antes da composição das suas operas; crêmos, porém, que o christão-novo teria ouvido os famosos Villancicos, que ainda no seu tempo se executavam. Por conseguinte, firmemente assentamos que a opera comica de Antonio José foi trabalhada sob a influencia dos Villancicos e tão sómente. O character essencialmente popular e ingenuamente portuguez das Operas do Judeu aproxima-se tanto do genero nacional dos villancicos, quanto se distancia do genero italiano.

As Operas do Judeu são as seguintes:

1.^a *Vida do grande Quixote de la Mancha*, representada em outubro de 1733.

2.^a *Esopaida*, abril, 1734.

3.^a *Encantos de Medéa*, maio, 1735.

4.^a *Anfitrião*, maio, 1736.

5.^a *Labyrintho de Creta*, novembro, 1736.

6.^a *Guerras do alecrim e mangerona*, carnaval de 1737.

7.^a *As variedades de Proteo*, maio, 1837.

8.^a *Precipicio de Faetonte*, janeiro, 1838.

Antonio José da Silva, christão-novo, natural do Brazil, foi queimado n'um auto-de-fé, no Campo da Lã, em Lisboa, no anno de 1739.

Podemos dizer que a opera comica portugueza, tão brilhantemente desenvolvida por elle, com elle morreu na fogueira.

Os seus successores continuaram o mesmo genero, guardando as mesmas fórmas scenicas, mas não a originalidade.

As operas que depois de Antonio José se representaram, eram apenas imitações ou traducções de Zeno-Apostoli, Metastazio e outros. Em prova, bastará citar alguns titulos:

Adolomino em Sydonia; Adriano em Syria; Felinto perseguido; Semiramis em Babilonia, etc.

Sob o reinado d'el-rei D. Sebastião, crearam os jesuitas um novo genero de representações a que chamaram — *Tragi-comedia sagrada*. Eram vidas de santos, ou lendas, tiradas do antigo Testamento e, quasi sempre, escriptas em latim. Estes dramas tinham muita musica de orchestra, córos e canto; muita complicação de machinas e sumptuosos bailados. Muitas vezes chegavam a entrar na peça 350 figuras ¹!

Um talentoso escriptor contemporaneo ² diz que a opera se

¹ Trigoso, *Mem. sobre o Theat. port.*, pag. 71.

² Celler. *Les origines de l'opera*, pag. 2.

compõe de cinco elementos, que são: a poesia, a musica, a dança, a pintura e o mechanismo. É por isso que se toma, como origem de uma verdadeira opera o — *Ballet de la Reine* — representado na côrte de França a 15 de outubro de 1581.

Em Portugal, pois, muitos annos antes do que em França, já havia a opera, desenvolvida pomposamente, com todos os seus elementos.

Em Coimbra, no anno de 1570, onze annos antes do *Ballet de la Reine*, representou-se na presença d'el-rei D. Sebastião a tragi-comedia — *Sedecias, ou a destruição de Jerusalém*, feita pelo padre Luiz da Cruz...

As Tragi-comedias representaram-se nos claustros dos Jesuitas, em Portugal, até á sua extincção pelo marquez de Pombal.

O libreto da opera *Sedecias* foi impresso em Leão de França no anno de 1605. Seria cousa importante o exame d'este libreto e por elle se poderá averiguar se a opera nasceu em Portugal, paiz unico, que não tem opera nacional!

Foi em 1602 que Monteverde deu a expressão dramatica ao recitativo e desenvolveu todas as partes do drama lyrico.

Na Allemanha cantou-se a primeira opera em 1627. O cardeal Mazarini introduziu a opera em Paris no anno de 1645. A companhia de musicos italianos, que D. João v mandou vir, em 1716, para a capella real, cantava tambem na camara real por occasiões de solemnidades. D. João v, que era grande amator da musica italiana, deveria fazer executar no paço alguma opera das muitas que então já se admiravam na Europa; entretanto, apenas chegou até nós, o libreto da serenata — *Trionfo de le Virtu* — cantada no paço em 22 de outubro de 172 (?), por occasião do anniversario natalicio d'el-rei.

Só em 1735 o publico de Lisboa conheceu a opera italiana e d'esse anno por diante, Paghetti foi o primeiro empresario lyrico, que se conheceu em Portugal. Além de tres ou quatro cantoras da sua familia, trouxe mais os cantores:

Valletta, Galetti, Veroni e Checacci. Esta academia de musica estabeleceu-se em umas casas defronte do convento da Trindade e ahi começou, n'esse mesmo anno, as suas representações. Das operas alli cantadas, apenas conhecemos: *Alexandre na India* — de Schrassi — cantada em 1736, e a *Olympiada*, de author anonymo, cantada em 1737.

Em 1739, o empresario Antonio Ferreira Carlos, por contrato com Paghetti, começou tambem a dar opera italiana no theatro da rua dos Condes. Os libretos que conhecemos das operas cantadas n'este theatro em 1739, são: *Demetrio*, de Schrassi; *Merope*, de Giacomelli; *Il velogeto*, de Sala; e em 1740, *Ciro riconosciuto*, de Caldara.

Os cantores da companhia de Ferreira eram os mesmos, que formavam a companhia de Paghetti, com alguns novos, como a Franchi, a Polli, a Traló, Schiavini, Santini, etc.

Em 1739 cantou-se no paço o drama comico — *Lo Spinalba, ovvero, il vechio matto*, composição do mestre portuguez Francisco Antonio d'Almeida, cuja partitura se conserva na real Bibliotheca da Ajuda. Em 1752 vem para o serviço de el-rei o celebre compositor napolitano David Perez, ao qual se deve, em grande parte, o admiravel desenvolvimento que então tomou a Opera em Portugal. Comsigo trouxe David Perez os celeberrimos cantores Antonio Raaff, o maior tenor do seculo passado, e Gizziello, o admiravel soprano; estes e outros, entre os quaes se distinguiam os sopranistas Domingos Luciano e José Gallieni, estrearam-se na primeira opera que David Perez compoz e fez representar no theatro da côrte, no outono de 1752 — *Demofonte*; em seguida *Il Siroe, Adriano na Syria*, etc. Repetimos, foi admiravel o desenvolvimento da opera em Portugal, e tanto mais, se compararmos as épocas de então com as de hoje.

A terrivel catastrophe de 1755 apenas interrompeu este esplendor musical.

Bastará lembrar que só em Lisboa e arredores, tivemos até fim do seculo passado, oito theatros lyricos, que são: Trindade, rua dos Condes, Salitre, Ajuda, Salvaterra, Queluz, Paços da Ribeira, e finalmente S. Carlos.

No theatro da Ajuda dominou o gosto da musica de David Perez, Jomelli, Piccini, Paesiello e Cimarosa; tambem Haydn alli se fez ouvir no seu magnifico oratorio *Il ritorno di Tobia*, cantado em 1784.

No de Salvaterra, além dos supracitados, admirou-se tambem Hasse e Gretry no seu *Ricardo Cor di Leone*, cantado em 1792. O theatro de Queluz deve-nos a maior sympathia; era ahi, principalmente, que se cantavam as operas dos mestres portuguezes. Alli brilharam, pois, os grandes mestres: Luciano Xavier dos Santos, Jeronymo Francisco de Lima, João de Sousa Carvalho, João Cordeiro da Silva, etc. Tambem alli se cantaram operas de David Perez e Piccini.

Que diremos do magnifico theatro dos Paços da Ribeira?

Hoje mal poderemos comprehender o esplendor artistico que alli se desenvolveu.

Teve apenas sete mezes de existencia, *mas gloriosa e talvez unica nos annaes da arte*.

Foi inaugurado em 31 de março de 1755, e destruido pelo terramoto em 1 de novembro do mesmo anno.

As maiores celebridades artisticas alli brilharam.

Tudo era esplendido, admiravel. N'este tempo, em que tanto se admiravam os theatros de Madrid, Milão, Berlim, Florença e Napoles, era o theatro de Lisboa classificado como o *primeiro da Europa!*

Quereis saber quaes eram os artistas que alli cantavam? Eil-os: Elisi, Caffarelli, Manzueli, Giziello, Veroli, Balbi, Luciani, Raaff Reina, Guadagni e Balino.

Caffarelli e Giziello recebiam, *cada um*, 72:000 francos, ou 13:000\$000 reis!

Apenas conhecemos os libretos de duas operas cantadas n'este magnifico theatro — *La clemenza di Tito*, de Antonio Mazoni, e *Alessandro nell'Indie*, de David Perez.

Para se julgar e admirar a riquissima e maravilhosa pompa do scenario, bastará dizer que na opera de David Perez, *Alessandro nell'Indie*, apparecia um corpo de cavallaria de 400 homens, segundo o testemunho de Volkmar Machado, e uma imitação da phalange macedonica!

Ainda nos principios do nosso seculo os nossos avós se deliciavam com a magnifica e admiravel musica dos grandes mestres.

As fugas de Bach ainda admiravam e enthusiasmavam os auditorios. No genero ligeiro conhecia-se Cimarosa, Paesiello, Marcos de Portugal, Fioravanti, Gretry, Piccini, Jomelli e outros.

As Modinhas portuguezas ainda se cantavam nos saraus, com a sua plangente e suave melodia, originalmente nossa, portugueza de cunho, tão estimada e admirada, e cuja fama se sustentava ainda, fama altamente merecida e insuspeita.

O padre André Escoto, da Companhia de Jesus, dizia no seculo xvii:

« Lusitani in poetica ut et in musica regnare feruntur, mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti. »

Gracian, fallando das cousas em que se avantajavam uns reinos aos outros, disse:

« Las comedias italianas, *las musicas portuguezas* ».

Em Hespanha dizia-se proverbialmente: *Musica de Portugal* ¹.

Vejamos ainda o que diz Mr. Stafford na sua *Historia da musica* ²:

« O povo portuguez possui um grande numero de arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas arias nacionaes são os lunduns e as modinhas.

« Estas em nada se parecem com as arias das outras nações,

¹ Fr. Simão de Santa Catharina, *Orações academicas*, pag. 279.

² Trad. do inglez para francez por M.^{me} Fetis. Paris 1834, pag. 265.

a modulação é absolutamente original. As melodias portuguezas são simples, nobres e muito expressivas.

«É para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana.»

Effectivamente, foi no principio do nosso seculo que as Modinhas portuguezas perderam a sua originalidade, abastardando-se com musica do genero italiano. Ainda n'este seculo tivemos Modinhas de Marcos e Simão de Portugal, José Mauricio, João de Sousa Carvalho, João Cordeiro da Silva, Antonio da Silva Leite, João Leal, Antonio José do Rego, João de Mesquita, etc. etc.

Appareceram então os Schiopetta, os Ayres, Franchi, Costa e quejandos. Não sabiam estes uma nota de musica, mas conheciam as tendencias melodicadas dos lisbonenses, e, aproveitando-as, começaram de pôr letra portugueza nas arias mais de voga então no theatro de S. Carlos.

O theatro de S. Carlos sustentou-se até á invasão franceza com o brilho e esplendor, que lhe mereceu a reputação de um dos de primeira ordem.

Abriu-se em 30 de junho de 1793, sendo empregados F. A. Lodi e André Lenzi; director de orchestra o celebre maestro portuguez Antonio Leal Moreira; architecto José da Costa e Silva; pintores Manoel da Costa, João Maria Appiani, Cyrillo Wolkmar Machado, Antonio Baila e Gaspar José Raposo; machinista, Joaquim Pereira.

A companhia de canto compunha-se dos seguintes artistas, todos ou quasi todos celebres: Caporalini, Marchesi, Garariglia, Cavana, Olivieri, Boscolo, Rossi, Fiduchi, Schira, Nery, Rosselli, Onesti, Jobit.

A companhia de baile compunha-se dos seguintes: Pietro Angiolini, Gaetano Gioya, Giuseppe Cajani, Pietro Petrelli, Gius. Passaponte, Antonio Chiaveri, Gaet. Ghelardini, Gius. Pheri, Pius Capporetti, Ambrogio Cajani, Ferd. Gioya, Luigi Bellucci, Nice Parisinis, Felice Mazan, Leop. Banchelli, Lorenzo Parodi, Gius. Bolla, e mais dezoito artistas.

O sexo amavel não fazia parte d'esta companhia. Vigorava e vigorou ainda por mais alguns annos o fatal decreto de D. Maria I. O sexo barbudo desempenhava *satisfactoriamente* os papeis de nymphas, nereides e quejandas beldades, que figuravam nas operas e nas danças.

As operas que se cantaram no anno da abertura foram as seguintes: *La Ballerina amante*, Cimarosa; *La finta Baroneza*, Alessandri; *Le Gelosie Villane*, Sarti; *Fra due litigante il terzo gode*, Sarti; *La Molinara*, Paesiello; *La virtuosa in margelina*, Guglielmo; *Raollo*, Antonio Leal Moreira.

Até á invasão franceza cantaram-se operas dos seguintes maestros :

Marcos Antonio Portugal.....	21
Cimarosa.....	20
Fioravanti.....	18
Paesiello.....	13
Guglielmo.....	13
Mayer.....	6
Sarti.....	4
Zingarelli.....	4
Per.....	4
Antonio Leal Moreira.....	3
Martini.....	3
Gazzaniga.....	3
Dalayrac.....	3
Nicolini.....	3
Tritto.....	3
Andreozzi.....	3
Antonio José do Rego.....	3
Gneco.....	3
Anfossi.....	2
Nazolini.....	2
Salieri.....	2
Giordanelli.....	2
Gretry.....	2
Longarini.....	2
Farinelli.....	2
Alessandri.....	1
Isouard.....	1
Caruso.....	1
Puzzi.....	1
Bianchi.....	1
Kreutzer.....	1
Fabrizzi.....	1
Borghi.....	1
Marino.....	1
Gluck.....	1
Mosea.....	1
Orlandi.....	1
David Perez.....	1
Gardi.....	1

	<i>Transporte...</i>	158
Mozart.....		1
Chiocechia.....		1
Federici.....		1
Giannelli.....		1
Pedeozzi.....		1
Anonymas.....		5
	Somma.....	168

Seria curioso e importante desenvolver as diversas phases por que tem passado este theatro, artisticamente fallando.

A brilhante influencia de Rossini começou a sentir-se no nosso theatro lyrico em 1819. Cantou-se n'esse anno o *Barbeiro de Sevilha*, e em seguida *Cenerentola*, *Gazza ladra*, *Otello*, *Turco in Italia* e *Donna del Lago*. O maestro Coccia, que então era director da orchestra, dava as suas operas com as dos maestros Generalli e Mercadante. Entre outras, agradou até ao delirio, a *Festa da Rosa*, de Coccia.

Depois da morte de D. João VI, em 1825, continuou o maestro de Pesaro a dominar o gosto do publico lisbonense com *Mosé*, *Semiramis*, *Tancredo* e *Mahomet II*.

Em 1827 regia a orchestra o maestro Mercadante, que poz em scena algumas das suas operas: além de *Adele ed Emerico* e *Ipermestra*, poz o seu *Adriano in Syria*, escripto expressamente para o theatro de S. Carlos.

Teve exito enthusiastico.

Durante o governo do snr. D. Miguel, os divertimentos eram muito outros; o nosso theatro lyrico esteve fechado. Em 1834 fez-se sentir a poetica influencia do inesgotavel melodista Bellini e do seu mais distincto emulo Donizetti, o primeiro imitador do cysne de Pesaro.

Cantaram-se então: *Elisire d'amore*, *Somnambula*, *Anna Bolena*, *Il Pirata*, *La Straniera*, *Norma*, *I Puritani* e *Lucia*.

De 1838 a 1841 foi a magnifica empresa Farrobo, que poz em scena *D. João*, de Mozart (não agradou!); *Roberto do Diabo*, de Meyerbeer; *Muta di Portici*, de Auber; *Zampa*, de Herold; além de operas de Bellini, Donizetti, Mercadanti, Paccini e os irmãos Ricci.

D'esta data em diante, a decadencia do nosso theatro lyrico vai-se tornando cada vez mais sensivel. Depois da empreza Farrobo, ouviram-se apenas: os *Martyres* e a *Favorita*, de Donizetti.

Em seguida foram honrados no nosso theatro de S. Carlos os seguintes maestros: Lillo, Speranza, Frondoni, Aspa, Fioravanti,

filho; Vicente Baptista, Sanelli, Lauro Rossi, Natale Perelli, Petrella, Apolloni, Franchini, Vera, Pedrotti.

Explica-se então, cabalmente, a funesta influencia do maestro lombardo no nosso theatro lyrico.

Verdi debutou em 1843 com o *Nabuco* e, até hoje, domina *quasi exclusivamente* o gosto musical dos frequentadores do theatro de S. Carlos.

As operas, que deu em seguida ao *Nabuco*, são: *Ernani*, *Lombardi*, *I due Foscari*, *Attila*, *Giovana d'Arco*, *Macbetto*, *I Masnadieri*, *Alzira*, *Luigia Miller*, *Rigoletto*, *Il Trovatore*, *Traviata*, *I Vespri siciliani*, *Un ballo in maschera*, *Aroldo* e *Simone Boccanegra*.

Este tragico maestro, de inspiração febril, arrebatada e turbulenta, tem peccado contra a arte, contra os artistas e contra o bom gosto. É funestissima a sua influencia em Portugal.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

O ZOLLVEREIN MEDITERRANEO

I

Estado actual da questão. O elemento geographico

Entre as notas discordantes das cegas ambições que estragem na Europa, ameaçando a tranquillidade das nações com a repercussão dos tremendos choques d'uma guerra mortifera, conforta o vê reunirem-se para intuitos de paz, homens de todas as opiniões e sentimentos, sem attenção a castas nem a raças, mantendo intemperato e firme o ideal da fraternisação dos povos.

Mais uma vez coube este serviço á França — a polarisadora dos ideaes da humanidade! Mais uma vez procuraram concertar-se os representantes das nações do Mediterraneo — origem da civilisação presente e base da futura.

Reuniram-se em Paris em 17 de janeiro de 1887, sob convite do energico A. Gromier, os filhos das nações ribeirinhas do Mediterraneo, francezes, maltezes, italianos, armenios, hespanhoes, egypcios, gregos, portuguezes, que adherem ao levantado ideal da *liga economica* dos paizes respectivos, como dique á invasora corrente do commercio germanico e anglo-saxonio, e como esteio para a aproximação politica de todos os outros povos, sob o advento d'um regimen de paz e de trabalho.

Em redor do Mediterraneo estende-se a ala numerosa de mais de 600 *correspondentes*; outros tantos pensadores, commerciantes, jornalistas, oradores, generaes, estadistas, etc., a propugnam, por si e por mais de 60 jornaes em oito linguas. Uma revista, *l'Union*

Méditerranéenne, é o laço de todos os trabalhadores da nova idéa, mantendo animada correspondencia com todos, avivando a unanimidade e estabelecendo o processo pratico sobre que hão de estribar-se todos os que desejarem fazel-a vingar. O seu programma, afastando cuidadosamente todas as ambições pessoaes, dynasticas ou governamentaes, e territoriaes, consiste na defeza humanitaria dos povos mediterraneos, sem distincção — monarchicos ou democraticos, livres-pensadores ou religiosos — como ponto de partida para a *constituição dos Estados-Unidos da Europa, encaminhando o mundo civilisado para a paz social*.

A idéa sae pois do campo da utopia, onde se manteve durante vinte annos, para entrar no campo da acção pratica. Estudémos com attenção este movimento, que se nos afigura de grandissima importancia para Portugal, para a Europa, e para a civilisação, no actual momento economico e historico, tão grave como época de crise entre dois seculos, — um de renovação, outro de reconstituição — e entre duas gerações: uma, vivendo e educando-se no falso constitucionalismo, em que as liberdades e as riquezas dos povos ainda estão sujeitas ao capricho dosreis, ao predominio dos diplomatas e ao tagante dos militares; outra, educada por esta, mas desilludida por quarenta annos de incertezas, de mentiras e de miseria, procurando na liberdade, no commercio e na divisão do trabalho, o manancial eternamente fecundo — porque tudo abrange — da paz universal e da sciencia cosmopolita.

Na actualidade a Europa deve considerar-se, economica e politicamente, dividida em tres grandes correntes. Uma, que abrange os estados do Mediterraneo, povos com pequeno commercio ultramarino, cuidando do robustecimento da agricultura, do commercio e da industria, sem menoscabo da integridade territorial — Hespanha, França, Italia, Grecia, Roumania, Bulgaria, Armenia, Egypto e colonias europeas do norte da Africa. Portugal deve ser incluido n'esta classe por afinidade de raça, civilisação e situação economica e politica, embora realmente não esteja sobre o Mediterraneo.

A segunda corrente envolve, com excepção da França, da Suissa, Belgica e Dinamarca, todos os paizes do centro, com vastos territorios, poderosa agricultura, industria muito desenvolvida, e grande iniciativa; mas, com pequeno movimento colonial e grandes complicações de politica interna, motivadas pelo profundo desequilibrio das classes sociaes, pelo artificioso da federação dos estados e pelo antagonismo entre as aspirações dos povos e as ambições das dynastias. São a Allemanha, Austria e Russia.

O terceiro grupo comprehende os estados onde predomina a vida maritima, pesca, navegação, exploração de colonias, afastando-os das perturbações dos estados do centro, como a Hollanda,

Noruega, Suecia e Reino-Unido (sempre desunido), da Gran-Bretanha e Irlanda.

As nações pequenas filiam-se n'um ou n'outro d'estes grupos, conforme as suas affinidades geographicas e ethnicas. Assim a Dinamarca, apertada entre dois colossos e lançada como ponte de passagem entre a Suecia e a Allemanha, deve ser incluída na terceira corrente, em virtude do seu bello estado economico, do seu movimento marítimo e do equilibrio interior. A Belgica reunir-se-ha á França, com a qual tem aliás tanto parentesco e civilisação commum.

A Suíssa, porém, destaca-se e isola-se como ilha alterosa em meio da agitação de redor, aproximando-se comtudo pela sua invejada paz interior, e constante renovação economica, das nações do sul. Embora realmente destacada, como nucleo de montanhas a que se prendeu a restante Europa, é pela sua posição geographica e cruzamentos ethnicos laço das nações septentrionaes para as do meio-dia.

Na primeira corrente sobreleva a todos os movimentos, o de uma constante e pacifica reconstituição de forças, tão necessaria a paizes esgotados por aventurosas e heroicas lides no mar e na terra, defendendo a Europa, como porta-voz da civilisação, contra todos os invasores, semitas e turcos.

Na segunda predominam raças de grande vitalidade, iniciadas pelas anteriores nos mysterios e privilegios da vida europêa.

Na terceira prevalecem elementos ethnicos do centro, educados na vida marítima pelos primeiros, na vida industrial pelos segundos, e senhoreando-se do mar por imprevidencia de uns e de outros.

Se houvesse cataclysmos e algum pudesse fazer mergulhar a Africa, a Asia Menor e a Europa, de 2700^m pelas profundezas do Oceano, arrancando-as da Asia e despenhando-as nos abysmos, todos os paizes do centro e norte desapareceriam. Sobrenadando como ilhas, formando a ossatura da bacia do Mediterraneo, fluctuariam sobranceiros — a serra Nevada na Hespanha, os Pyrenéos na França; os Alpes na Suíssa, amparando o Gran Sasso e o Amara como esqueleto da Italia; o Rilo segurando o Gol-Têpê, como alicerces das muralhas da Rumelia; o Olympo como assento da Thessalia; o enorme Caucaso esteando a Armenia; o Anti-Taurus e o Taurus como vestigios da Asia Menor; o Libano e o Anti-Libano representando o Levante; os montes da Abyssinia como origens do Nilo azul; e no extremo occidente, as cumiadas do Idrar-n-Deren no centro de Marrocos, como fundamento da Algeria e Tunis.

Se apenas fossem afundadas de 1000 metros, desapareceria só toda a zona do centro europeu, com excepção de um ou outro

pico entre o Meuse e o Oder, na Bohemia e nos Carpathos, superiores ás vagas. A zona extrema do norte, sobrenadaria agora.

Se a Europa mergulhára só de 500 metros, todas as tres faxas seriam habitaveis; mas a do centro teria perdido $\frac{3}{4}$ da sua superficie; e a Scandinavia ficaria separada da Russia, como ilha predestinada para o dominio e exploração do mar.

As altitudes coincidem, pois, com a divisão actual. Outros elementos cosmicos, vem ainda confirmar a nossa opinião. O recorte das costas é, sobre longo, muito profundo, nos paizes humidos e cavados pelas ondas, da Islandia, futura Dinamarca, da Scandinavia e do archipelago britanico: regiões de nevoas que provocam ao desconhecido, fitas á beira-mar dispostas convidando á navegação e ás aventuras maritimas.

O centro, sem portos numerosos, com os mares muitas vezes gelados, com as sahidas vedadas, é arrastado pelo *struggle for life* a manter-se pela cultura intensa e extensa do sólo, enquanto não abre caminho á força para esgotar livremente os productos do seu trabalho pelas aguas conquistadas.

O sul com as costas maritimas sobre o Atlantico abertas á exploração, e com as linhas da beira-mar, muito aproximadas no Mediterraneo pela estreiteza dos mares, está votado a um convivio mais intimo, mais continuado, e a uma fraternisação mais forçada, pelas cinco pontes que mutuamente se lançam a Europa, a Asia e a Africa — na Hespanha, na Italia, na Turquia, na Asia Menor e nos sedimentos do Nilo que formaram e engrandeceram o Egypto e a sua historia.

Consultando a geologia vêmos que a ossatura do Mediterraneo é o mais antigo dos terrenos da Europa — os montes Ibericos, planalto central de França, Alpes, Sardenha, Sicilia, Pindo, Olympo, Balkans, etc., existiam antes de quaesquer outros. Seguiram-se-lhe depois os Grampians, os Alpes Scandinavos e os Uraes, Carpathos e quadrilatero bohemio, como paredes sobre que deveriam em seguida assentar os terrenos da Europa oriental e central, jurassicos, cretacicos, terciarios e quaternarios.

Ainda a Europa central não estava definida nem sequer esboçada, e já ao sul se estendiam as tres peninsulas mediterraneas. Ainda o mar assolava os contrafortes septentrionaes dos Pyrenéos, dos Alpes, dos Carpathos e do Caucaso, e já o archipelago britanico estava formado, e os Alpes Scandinavos levantavam altivos os seus pincaros para o céo. Ainda a Allemanha, a Hungria e Baden eram charcos ou lagos, e já os homens prehistoricos balbuciavam as primeiras vozes do mando, quasi sem articulação como a raça de Néanderthal; caçadores, como a de Canstadt na bacia do Sena, e a de Cro-Magnon na Belgica e sul da França, ou religiosos, como

a de Grenelle na Suecia, parte da Jutlandia, Inglaterra e França.

Não é de pouco peso a fatalidade geographica e geologica. A Inglaterra esteve ligada á França; e os dois estados tem desenvolvido civilizações parallelas, quando não unidas. A Escossia, pela enorme ponte das Orcades, Shetland, Feroer e Groenlandia, esteve em contacto com a America do norte; e por onde passaram a flora e fauna americanas, navegaram depois os piratas northmanos e os colonisadores britannicos. A peninsula iberica esteve presa á Africa; e por onde atravessaram os invasores semitas, que nos deram immunidades africanas, velejou, seculos depois, o nauta portuguez que se foi a conquistar a Africa do norte, colonisar a do sul e descobrir as costas maritimas dos continentes ignotos. A Italia foi passagem, pela Sicilia e Pantellaria, para Tunis; e a velha ponte, foi mais tarde percorrida pelo romano, conquistador de Carthago: e o italiano, se não pôde, em nossos dias, avassallar Tunis, comtudo reivindica direitos sobre a vizinha Tripoli. Ha muitas dezenas de seculos, a Jutlandia e a Scandinavia estiveram ligadas pelos terrenos cretaceos; e a solidariedade da raça pre-historica de Grenelle, resurge, pela absorpção da Dinamarca no imperio normando, em seguida pela *união de Calmar*, e ainda posteriormente á idade-média, pela união da Noruega com a Dinamarca no seculo XVIII.

O clima, com excepção da parte hyperborea onde se arrasam os laponios, como elemento mongoloide na Europa; o clima é continental, de grandes e extremos calores e frios, em toda a zona central; é temperado e maritimo, em toda a orla do occidente e sul, oceanico ao poente, e mediterraneo ao meio-dia, com abraçamentos africanos.

Os ventos frios do norte, escoados pelo funil dos Uraes e Scandinavos, sopram temerosos pelas planicies da Russia, derivando para a Allemanha, para se quebrarem ao sul contra a muralha que se estende dos Balkans aos Vosges, preservando o grupo mediterraneo dos rigores polares. Os ventos do oriente, mais seccos, galgam o baixo muro dos Uraes, e assolam a Europa central, apontados a oeste pela bella muralha do Caucaso, que abriga a Armenia e a Asia Menor.

Os ventos do sudoeste, muito humidos e tepidos, são muito frequentes nas ilhas inglezas, e n'aquella outra ilha geologica da Scandinavia — costas de horisontes curtos e pescarias largas, paizes de nevoas e aventuras, onde o *home* robustece e conforta os membros enregelados.

No Mediterraneo o horisonte é vasto, o céu azul e claro, a atmospherá limpida, o mar de anil e a vida suavissima: lago de poesia, onde a existencia parece estreita e mesquinha em casa; zona de altruismo, onde se cruzam quatro raças e se aproximam

tres continentes — porque da Hespanha se avista Marrocos, da Sicilia Tunis, e de Constantinopla a Asia, para que o semita, o éraniano, o turco e o aryano, mutuamente se relacionem, dando cambiantes ao tom geral da civilisação.

A ethnogenia e a ethnographia, confirmam a divisão *natural* que apresentamos. Gaëls, celtas e iberos, autochtones ou não da Europa, educados, sujeitos, absorvidos, e por vezes rechaçados pelos hellenos, etruscos, lydios, phenicios, germanos, slavos, etc.; todos estes povos, que agora constituem a Europa civilisada, se agruparam em cinco familias indo-europêas — grega, italiana, celtica, germanica e slava.

Os tres primeiros poderosamente ligados por uma antiga vida commum, e pela violenta centralisação romana, fundiram-se n'um grupo — o néo-latino — que se estendeu por todo o percurso septentrional do Mediterraneo.

Os germanos, que tanto concorreram para esta aproximação, estabeleceram-se ao norte, mas pesando constantemente sobre o meio-dia, ávidos da riqueza e dos esplendores da natureza e da civilisação meridionaes. Os slavos, posteriores na conquista da Europa, mas igualmente energicos e ricos em aptidões, avassallaram o Oriente, esbatendo-se contra as muralhas dos Carpathos e dos Balkans, por cujos desfiladeiros penetraram e se perderam os mais ousados.

Os néo-latinos, comprehendendo os povos de mais recente civilisação, romanos e romanisados, são os mais numerosos da Europa, 106 milhões. Os germanos, por tanto tempo fundidos com os elementos slavos nas vastas planicies do centro e sueste da Europa, formam com elles — porque foram os seus iniciadores na civilisação moderna — um grupo de 177 milhões, dos quaes 91 slavos e 86 germanos. Se, pois, *naturalmente* o grupo néo-latino é mais numeroso, *politicamente* não deve ser considerado como tal, visto que ha 50 annos a esta parte a Russia e a Allemanha têm feito quasi sempre politica parallela, quando não commum.

Se pois *unidos* os latinos não podem tanto como os germanos e slavos, o que será quando eternamente separados e divididos?

O grupo maritimo, arrancado ao oceano, como a Hollanda, ilhas verdadeiras como o Reino-Unido, ou ilha geologica como a Scandinavia; o grupo insular, cruzado como singular mistura de turanianos, celtas, germanos e slavos, merece logar á parte, por isso que não só é de civilisação mais antiga do que os dois ultimos, mas tambem porque desde os tempos néolithicos é conhecido como familia de pescadores e de maritimos, violentamente rechaçada para o norte pela invasão aryana.

Estes marinheiros, depois educados pelos latinos e pelos germanos, formando uma civilização original com tradições antiquíssimas, são hoje em numero de 51 milhões.

Assim se pôde dizer, sob um ponto de vista generico, que a coincidência do elemento ethnico com o politico, isto é, a ethnologia, reconhece tres grupos, dos quaes o central, o germano-slavo é o mais numeroso.

Se esta massa enorme se alliasse com o grupo maritimo para aniquilar entre chimeras de immediata conquista, a familia néo-latina, as nações do Mediterraneo só teriam a oppôr os seus 106 milhões de protestos contra 228 milhões de guerreiros!

Este perigo, enorme no presente, cresce para o futuro, porque a população germana e slava augmenta muito mais rapidamente do que a latina, como raças novas, por assim dizer em *estado nascente*... pelas suas aptidões e pelos povos que dirigem.

Ainda ha uma circumstancia mais grave: e é que por detraz do colosso russo estão as riquezas e a população, com que não contámos, da Asia Russa; e por detraz da pequena população ingleza estão as tres centenas de milhões da federação britanica, ligados por uma honrosa e altiva solidariedade.

O grupo meridional, berbère e semita, do norte da Africa, não pôde ser contado para a alliança latina, no caso d'esta horrivel e vergonhosa collisão, porque os seus 20 milhões ainda agora esperam que a Europa os dirija e exercite na civilização. Ainda que porém valessem, o desequilibrio seria enorme, apesar de tudo.

O mundo, porém, é grande. E se, por desgraça d'elles, a phantasia dos conquistadores se puder engrinaldar com estes sonhos ridentes de imperios deslumbrantes, a realidade das cousas os chamará brutalmente á verdadeira existencia, apontando-lhes a China, a India, a Australia e a America, como valvulas de segurança da civilização, caso não bastassem os conflictos interiores para lhes roubar pela emigração ou pela guerra o melhor dos braços.

Se as razões geographicas e ethnicas, valeram tanto na balança que pesou a Polonia, perante a cobardia da Europa hesitante e tremula; se tanto predominaram, por motivos de conveniencia egoista, para ligar as ilhas britanicas; se tanto sobrenadaram para amarrar a Noruega á Suecia, e vincular a liga economica dos estados allemães com a fusão violenta do imperio germanico; perante o direito de alliança, *por necessidade de segurança propria, e por dever de trabalhar para o bem-estar da especie*, tambem agora a fatalidade geographica deve pesar e valer, na união economica de todos os povos latinos.

II

Acção do meio social

A federação, d'est'arte recommendada pelo exame da mesologia europêa, tambem nos é imposta, no direito e no dever da sua constituição, pela historia imparcial, sem resaibos de tendencias exclusivas que lhe maculem a independencia do juizo. A sociologia, considerada no que tem de positivo na sua applicação á vida historica da Europa, indica-nos a fôrma federativa como o systema final do governo, que por si mesmo realisa e mantem o equilibrio entre as nações, e ainda entre as diversas partes do proprio estado. Theoricamente, assim foi obrigado a confessal-o o illustre e auctoritario Bluntschli; praticamente, revolvendo e examinando a historia, assim o provou o dr. Theophilo Braga, n'um livro que daria honra a qualquer litteratura se porventura não fosse uma obra portugueza ¹.

Mas a distancia que separa a exposição d'um principio da sua transformação em realidade, é grande, é muitas vezes enorme: de tal maneira que, n'este seculo de actividade excessiva em que os acontecimentos se precipitam, absorvendo-se e devorando-se, não bastam os principios, são necessarios os processos praticos.

As nações, porém, nem sempre conhecem os meios de satisfazerem aos proprios destinos, porque, como os individuos, se desorientam, deixando-se cegar pelos deslumbramentos d'um grande poderio que se alcançou em pouco tempo, confundindo a posse do objecto com o direito de o usarem; e sancionando inconscientemente a divisa brutal *a força vale mais do que a justiça*. Na actualidade, a febre que domina é a colonial, é a da conquista e posse de territorios, para alargar a esphera de acção nacional tolhida n'uma pequena superficie, ou para garantir a vida alcançando mais vastos dominios. N'esta concorrência vital, em que raras vezes fluctua um criterio seguro, as nações consomem as suas forças vivas em luctas enormes, verificando por fim ter sido esteril o seu trabalho, visto que os resultados de maneira nenhuma corresponderam á grandeza do sacrificio. Assim succedeu á Inglaterra na Zululandia, no Egypto, no Afghanistan; á França em Madagascar e na Guyanna; á Italia em Massuah, á Allemanha no paiz dos Damaras.

Obrigados, pela offensa ao orgulho irritado, a manterem á viva

¹ *Systema de Sociologia* — Lisboa, 1884.

26

força essas conquistas, os estados perseveraram no mau caminho, depauperando-se e atrasando-se, menos pela certeza dos resultados ou por esperanças de melhoria, do que por mostrarem pela pertinácia do acto a continuação da sua justiça e a verdade do seu calculo.

As perdas de capital, as hecatombes de homens, as violencias impostas, os crimes commettidos, são realmente enormes. Pesam comtudo muito pouco no animo dos diplomatas, que ainda procedem á moda do *bon vieux temps* do feudalismo, fazendo conquistas por norma de vida; mas com a differença, de que os galantes cavalleiros da idade média iam em pessoa batalhar, emquanto que os actuaes diplomatas mandam combater aos outros...

O empirismo da politica, assim transviada pelo capricho ou perversa pela ambição, far-nos-hia crêr na inefficacia da actual civilização, se porventura a natureza do nosso meio social não obrigasse a humanidade a entrar na corrente historica do progresso, d'onde momentaneamente se afastou, sem vantagem alguma.

Postos assim de parte os accessos febris de grandeza, nós só temos a considerar as condições normaes da vida das nações, sob o ponto de vista objectivo da realidade presente, e não sob o ponto de vista subjectivo, e forçosamente estreito, de qualquer politica nacional ou de preponderancia.

A civilização moderna não deve ter exclusivismos. Acompanhando a evolução do commercio, que dia a dia se vae tornando cosmopolita, abrangendo todas as raças e toda a terra, a civilização moderna circula: não com esse lento giro de annos e seculos, que faz correr a idéa de povo a povo, aviventando-os e engrandecendo-os com esse preciosissimo sangue que se transfunde; mas com a rapidez do caminho de ferro, que dá a volta ao mundo quasi 13 vezes, e com a espantosa velocidade do telegrapho, que 100 vezes a enrola na trama das suas redes.

Por esta circulação material, tão rapida quanto segura, as idéas passam de povo a povo, de cerebro a cerebro, captivando os que tem maior receptividade, prendendo os que são mais activos, imprimindo-se nos que estão menos cansados, determinando progressos tanto mais rapidos quanto menor fôr o estiolamento da raça.

Transformando-se, surgiram assim á vida nova, os inglezes, nos Estados-Unidos, no Canadá, na Australia; os portuguezes, no Brazil; os hespanhoes, nas republicas americanas; os negros, no Haiti e na Liberia. Educando-se, sem transplantação do sólo, mas sob a direcção dos mais adiantados, crearam-se por este processo a China moderna, o Japão e Coréa, representando o mundo mongolico; os estados de Hawaii, de Tonga e Samôa, do grupo oceanico; os indios da America, os negros do Senegal, etc.

A quem pertence a gloria d'esta iniciação? Á França, á Inglaterra, á Hespanha, a Portugal? A nenhum, porque todos a fizeram inscientemente, contra vontade; a todos, porque do trabalho de cada um veio a parcella de civilisação e de originalidade necessarias para darem um cunho novo á nação incipiente.

Se considerarmos no presente momento a vida das nações sem expansão do movimento colonial, melhor veremos ainda que os exclusivismos, as arrogadas preponderancias, não existem. Ha, é verdade, casas mobiladas á ingleza, á allemã, á suissa; ha cozinha hollandeza, hespanhola ou italiana; mas não existe civilisação ingleza, nem franceza, nem allemã, e muito menos *latina* ou *germanica*. Ha apenas civilisação — de todos, para todos, com a contribuição de tudo e com a collaboração de todos.

Se a moderna generalisação da vida civilisada, torna impossiveis as preponderancias ridiculas das nações-pedagôgas, como se ellas não levassem comsigo ao lado da cultura o veneno,...; se no actual estado da civilisação, nação alguma pôde pretender á exclusiva direcção do mundo, regressando ao tremendo desvario dos imperios universaes, para quê então perturbar o socego dos estranhos e retardar a propria evolução com o exercicio da força bruta? E porque não procurar na historia nacional o segredo da propria força, liquidando os erros e pesando bem as glorias e as responsabilidades?

Sob este ponto de vista largo, desapaixonado e verdadeiro, os interesses dos povos orientam-se no caminho da legalidade internacional, forcejando cada um por se manter independente e livre, sem menoscabar a liberdade e a independencia das nações visinhas ou irmãs. A vizinhança não estabelece direitos de conquista, antes é um titulo de respeito e *sympathia*. O parentesco das nações não obriga ás brutalidades de Saturno; antes se impõe como garantia honrosa á protecção e á defeza, nunca ao exterminio.

Por isso é que o panslavismo se nos afigura um crime: porque a realisar-se sem federação e sob o jugo auctoritario d'um imperador, esmagaria a Bulgaria, a Rumelia e a Servia, retardando-lhes a evolução, ou aniquilando-as. O pangermanismo está no mesmo caso; porque se se levasse a effeito a utopia prussiana, a humanidade ficaria privada durante muito tempo da heroica e valiosa cooperação da Dinamarca, da Hollanda e da Belgica, tão benemeritas quanto modestas.

Se para os imperios do norte os direitos e deveres da moderna civilisação se manifestam por este modo, apesar da orographia não ser muito contraria á formação de grandes estados; contra os do sul, com mais forte razão se levantariam, porque as condições do relêvo são abertamente contrarias á existencia de grandes naciona-

lidades, favorecendo por isso mesmo a independencia dos pequenos estados. D'este modo o panlatinismo, se tivesse por cupola um governo imperial, seria mais do que nenhum outro criminoso, pois que attentaria contra a propria natureza.

Muito differente era a cultura dos espiritos e o individualismo dos homens do I ao V seculo depois de Christo, e comtudo o rescripto de Honorio e Theodosio, não foi obedecido (418), apesar da enorme rede do despotismo administrativo, que habilmente tinham estendido os imperadores entre Augusto e Diocleciano, como justamente o observou Guizot ¹. E comtudo o unitarismo romano tinha bases sólidas, e o *imperium* era a lei!

As desastradas resurreições d'esta idéa por Carlos Magno e por Carlos V foram o que se sabe — retardaram o desenvolvimento da Hollanda, da Belgica, da Hespanha e da Italia, envolvendo a Europa em guerras demoradas, com vantagem para as dynastias, mas com prejuizo para os povos, isto é, para o maior numero.

Como liga politica, em que por igual se repartam as responsabilidades e os direitos, o panlatinismo tem uma importancia extraordinaria. Entre as tres familias, constituindo os tres *pans*, que actualmente correspondem ás naturaes divisões geographicas da Europa, do sul, centro e oriente, a que está mais harmonica no seu todo e na sua constituição, é sem duvida a latina. A que porém é mais pobre em dinheiro, em homens, e em generalisação da sciencia, é incontestavelmente a mediterranea, cujo crescimento é menor que o das populações do norte. Imprevidentes e confiadas, estas nações teem contado com um imaginario predomínio, acompanhado da sympathia e do respeito das nações visinhas, avaras da sua situação geographia ou ciosas da sua riqueza. Previdentes e activas, as nações do norte pelo contrario forcejam por melhorar e garantir a sua pujança no exterior, radicando com pactos sollemnes allianças antigas. Assim se exagerou ao norte o poder anti-latino, emquanto no sul nos deixavamos cegar por palavras e promessas, fiados n'um direito internacional que não existe senão para os fortes. Por isso se tornou difficil a liga politica dos estados latinos, habilmente separados pela diplomacia prussiana, e ainda hoje divididos por causas futeis. Paira no ar o phantasma napoleonico, perturbando os homens do XIX seculo com os mesmos horrores do tremendo lobishomem do *anno mil* — na Italia, lembrando as intervenções e os erros da França; na Hespanha, recordando-lhe o bloqueio continental. Esquecendo a sua finalidade historica, a

¹ *Histoire de la civilisation en Europe.* — Paris, 1863 — pag. 48.

Italia oscilla entre a alliança da Allemanha e a da França, olvidando a enorme parte que teve a ambição dos reis nas invasões francezas, e fingindo desconhecer que muitas vezes as chamaram os papas, como espada de Damocles suspensa sobre os renitentes.

Portugal e Hespanha, visinhos por natureza, tendo muitos elementos ethnicos analogos, com civilisações parallelas e com igual corrente historica, estão afastados por inimizadas ridiculas, que os teem prejudicado a ambos. A França, compromettida pela sua politica colonial muito distante e muito vasta, distrahiu-se dos seus interesses na Europa, deixando aproximar-se e desenvolver-se as nações visinhas, deslumbrada mais uma vez pelas conquistas, que ainda criam fremitos nas multidões, como n'um trigal açoutado pelo vento... E ninguem olha para as espigas derribadas e secas!...

A Romania enfraquecida pela paz armada a que a obrigam a irritabilidade da Russia, as hesitações da Austria, a diplomacia da Allemanha, e a incoherencia da politica da Inglaterra e da França, desenvolve-se lentamente, emquanto não perder a sua independencia assim como perdeu a tranquillidade. A Grecia, derivando da evolução pacifica do commercio para o trabalho guerreiro da posse de todos os hellenos, não logrou ainda completar-se nem desenvolver-se como poderia, por se ter deixado arrastar por impetos sanguineos, sem amparo da cooperação commum, e sem auxilio da Europa que a deixava, mau grado seu, isolada e compromettida.

Assim fragmentada e dividida, a Europa mediterranea atrazou-se; e o commercio allemão avassallou a Asia menor e a oriental, e a previdencia ingleza estabeleceu-se ao lado da germanica no Pacifico septentrional, abandonando o canal de Suez, de todos, pela via nova do Canadá, mais curta e d'elles. As suas industrias, levadas pelas exposições fluctuantes, francezas na invenção; e generalizadas pelas camaras de commercio, e pelas numerosas agencias colonias e mil outros modos de propaganda, tem invadido todos os mercados, tornando o grupo latino, imprevidente e confiado, feudatario do seu commercio e servo da sua preponderancia.

Como em geral o predomínio commercial traz comsigo a supremacia financeira, mil vezes mais perigosa do que a dependencia politica, as nações do norte tem assim garantido um futuro de immediata prosperidade, tomando a si, como na maior parte dos casos, a parte do leão, injustamente alcançada pela força, muita vez, mas agora justamente cabida ao mais habil, ao mais pertinaz, ao mais previdente.

Cumpre-nos pois, além de reconhecer esta superioridade que os factos nos impõem, evitar que ella ganhe fóros de exclusivo dominio, não só porque já corre perigo a nossa liberdade de acção,

mas também porque as suspeitas que ora nos dividem são claros symptomas da nossa incapacidade ou da nossa indiferença.

Como as vantagens commerciaes na zona do sul da Europa se não podem garantir por simples declamações rhetoricas, ou por meras aspirações, convém que pela federação dos estados latinos, ou por um novo *zollverein*, nos unamos ou aproximemos, tornando parallelas as respectivas correntes de civilisação, e abrindo na historia um largo sulco, tão fecundo como brilhante e nobre.

Um outro phantasma surge porém; e esse não vem assustar-nos como o de Napoleão, surgindo do tumulo quasi depois de 60 annos!...

Vem ainda de mais longe, porque tem quasi 100 annos!

E apparecendo-nos por consequencia mais caricato, mais ridiculo, como espantallo de carcassa de sabugueiro que o menor vento prostra, impedindo-o de afugentar passarinhos... É o vulto da Revolução de 1789!!

Vê-se d'este modo o caso original de se quedarem afastadas d'uma festa internacional, nações que deveriam concorrer a ella, pelo simples facto de ter sido HA 100 ANNOS, *nocivo a algumas dynastias o regimen e a implantação da Republica*, esquecendo que a reacção consequente lhes consolidou e garantiu os thronos! Se a humanidade tem os reis como os seus unicos representantes na terra, é justo que as suas familias se não façam representar no glorioso centenario, visto que acima da sacrosanta liberdade humana collocam o egoismo da sua dynastia, ou o apparatus das suas côrtes regias. Se porventura as nações modernas se compenetraram da solidariedade da especie, como unico palladio da sua eterna duração e dignidade, em cujas aras tudo devemos sacrificar; então não é justo, nem desinteressado e nobre, que se entregue ao isolamento um povo tão respeitavel como benemerito, e cujo maior defeito é o excesso de cortezia. A revolução de 1789 não é apanagio da França, foi um estadio na vida da humanidade; se é gloria d'aquella nação por se ter dado no seu territorio, firmando-se com o nobre sangue das suas victimas, também é facto memoravel que por todos os modos se deve eternisar, visto que os seus fecundos beneficios se estenderam a todo o mundo.

Mal iria á Europa se no limiar do xx seculo sancionasse a falsa doutrina da metade do xix — o liberalismo é uma doença do espirito... E mal seria que n'um tempo de vida internacional, na legislação, no commercio, na sciencia, e na industria, se creassem entre as nações as ridiculas inimizades por opiniões politicas, que nem sequer entre os particulares existem. Demais, o pensamento não tem fronteiras: é pois digno de lastima que ainda surjam revoltas contra a unanimidade estabelecida em 1791, como o provaram

Kant, Goethe, Schiller, Fichte na Allemanha; Bacsany, Szentmariai, Laczkovics, Hajnóczy, na Hungria: Novikoff, Knianéne e Radichtcheff, na Russia; Sheridan, Fox, Erskine, lord Grey, na Inglaterra; Emmet e Wolf Tone, na Irlanda; e tantos outros na Italia, na Hespanha, na America.

Se este pusillanime retrocesso não deve impedir povo algum de concorrer á lucta pacifica do trabalho, na exposição franceza de 1889, muito menos deve sequestrar a França das allianças e sympathias das nações, sobretudo quando para algumas d'ellas a sua cooperação é indispensavel.

Isto quanto á necessidade da federação tal como nol-a impõe o meio social; porque o direito a ella provém d'essa imperiosa força, caso não bastasse a liberdade de alliança que possuem todas as nações modernas. A historia porém mostra que esta federação é, além de uma necessidade, um dever, pelo excessivo desenvolvimento do commercio, politica e populações germano-slavas, que ameaça retardar o advento da era de paz, que é dever de todos provocar, favorecer e garantir.

CARLOS DE MELLO.

O FACTO...

(ESTUDO)

Parecia que se tinham creado um para o outro, a julgar pelas largas conversações, em rasgamentos, em intimidades, n'uma confiança de inclinações naturaes, de desejos e paixões equilibradas; emfim toda uma paridade esthetica que os aproximava nos seus passeios quotidianos pela rua, n'essa liberdade confiada da estação de banhos...

— Uns genios muito parecidos! — concordavam.

Ella, a Leonor, era uma d'essas raparigas da *Toda-Lisboa conhecida*. Caprichosa, incongruente, d'umas velleidades inarraveis e sem fundamento; d'um *espírito* antes pesadamente aggressivo, do que finamente mordaz, o que podiamos attribuir á educação, ao meio.

Filha unica de burguezes elevados « por um capricho da sorte », como se segredava; cercada d'um sem numero de mimos, foi crescendo n'uma independencia quasi insolente, n'esse desejo ou antes n'essa necessidade imprescindivel de impôr a sua vontade e que se revelava no aproximar caracteristico das sobancelhas, n'uns movimentos anormalos das narinas, no franzir dos labios, em que mostrava levemente os dentes e nos altivos meneios da cabeça, em que soberanamente respondia ás justas represalias provocadas pelas suas phrases pesadamente petulantes. Conservava comtudo, na maioria das occasiões, um certo ar frio que impunha respeito, aos que a conheciam superficialmente.

A sua figura elevada e elegante tinha um porte distincto, que a recommendava. O rosto pallido, d'uma brancura opalina, os labios desmaiados, accusavam esse lymphatismo predominante nas senhoras de Lisboa. Depois de feita a *toilette*, o seio era d'uma falsa exuberancia, que o penteador da manhã revelava... Os braços pouco cheios, d'uma flaccidez symptomatica da sua carnação balofa. Os olhos escuros, d'uma expressão dura; o nariz grosso; os labios finos, ligeiramente contrahidos na hora do riso, deixando apenas differenciar uma parte dos dentes; davam-lhe ao rosto uma expressão estranhamente engraçada e ironica, meiga e violenta, attrahente e repulsiva.

Por vezes venciam-na uns quebramentos particulares, oriundos do hysterismo dos seus 18 annos curiosos, insoffridos e insatisfeitos...

O seu character manifestava-se com a mesma complexa expressão do seu olhar. Porém, para a familia, na vida intima, chegava a ser d'uma meiguice rara; em grandes blandicias, em que se tornava flagrante uma feminilidade dôce. N'essas occasiões abraçava os paes n'uma contensão nervosa, cumulava-os de epithetos carinhosos, n'uma linguagem piegas, de criança; o brilho do olhar, d'uma expressão suavemente meiga, os gestosinhos que lhe contrahiam o rosto, os meneios graciosos da cabeça, davam a toda a sua figura as vibrações magneticas d'um character amavel, cheio de dedicações e aspirando meiguices.

E era bonita assim!

Na frente de rapazes — a febre de agradar, a necessidade de se impôr, tornavam-n'a uma outra.

*
* *

Ia para 12 annos que o pai alugára pela primeira vez aquella casa para banhos e jámais a abandonára.

Esta circumstancia concorria para que em todas as pequenas reuniões necessarias n'aquella intimidade forçada, accidental, de convenção, elle tivesse voto deliberativo, como o « decano dos banhistas ».

— Tinha a prioridade da posse, a auctoridade indiscutivel de chefe da « colonia » — rematavam os visinhos, nas suas reuniões ao fresco, em cadeiras de verga, á porta d'elle, do Lopes.

Agradecia descobrindo-se, com um sorriso que buscava apparen-

tar de mofa para aquelle titulo gratuito, mas que em verdade revelava o intimo prazer da sua autolatria satisfeita.

Nas illuminações da rua — uma prodigalidade de balões á veneziana — esperava-se o seu exemplo :

— Anda, avia-te; dá cá os balões. *O Lopes já accendeu...*

As serenatas offerecidas pelas *estudentinas* á « colonia », realjavam-se em frente da porta do Lopes, que ás 10 $\frac{1}{2}$ da noite os regalava com o invariavel *beberete* : vinhos mediocres da sua garrafeira burgueza, refrigerantes do Estacio, bolachas Marias e biscoitos de Oeiras.

— Que perdoassem; era o que se tinha podido arranjar — desculpava galhofando.

— Não temos cá arranjos nenhuns... Isto é uma coisa para aqui... Se fosse em Lisboa... — rematava a Julia, corroborando a desculpa do marido, sorrindo amavelmente e requebrando-se n'uns meneios tão elegantes, quanto lh'o permittia a adiposidade dos seus quarenta e oito annos d'uma vida regalona.

— Por quem eram! Essa era boa... Estava perfeitamente — retrucavam os rapazes, servindo-se.

— Então! mais um biscoito — insistia o Lopes.

— ...

— Á sua saude, snr. Lopes — brindava um.

— E á de toda a familia — ampliava outro.

— Á mesma — correspondia um outro ainda.

— D. Leonor? — fazia o Sequeira, aproximando-se da janella, pondo-se em evidencia, attrahindo a attenção do rancho que asse-diava a rapariga; e elevando o copo n'esse gesto expressivo de quem saúda :

— Brindo por v. exc.^a!

— Viva! — correspondiam.

... Grupos que passavam tinham exclamações diversas; sobretudo as de um d'elles — formado por tres rapazes — os *desidentes*, como os alcunhava o Torres, um antigo deputado da camara dos Possidonios, chegavam a rastejar pela inconveniencia :

— Ó menino? que insenso tão pôdre!

— Mette-me tanto nojo aquelle Sequeira. É o verdadeiro *pão!*...

— De rolão — acrescentou o do meio.

— Sim, mas de que se nutre a Leonor — affirmou o terceiro.

— Cada um come do que gosta... São dois genios muito parecidos — concordaram.

E seguiram no seu passeio.

A Leonor, no fundo do seu despeito, fulminava-os com o olhar e em phrases indirectas de provocação, onde muitas vezes o insulto baixo adjectivava :

— São porcamente ridiculos !

... Á despedida, a *estudantina*, saudava a « colonia » em geral e de seguida um — « Viva a familia Lopes ! » especialisava, asoprando a desmedida vaidade do bom burguez.

Esta superioridade manifesta dava insoffrimentos a alguns, impetos de reacção. Por fim chegou-se a anatomisar a genealogia do Lopes, n'um tom asperamente acrimonioso :

— Um antigo vendedor ambulante de azeite e vinagre e uma actriz de 3.^a ordem !... A rapariga era uma tola ! Queria saber de tudo e por ultimo...

— Este anno falta-lhe o Andrade, o poeta... — lembrava uma.

— Deixa, tem o Sequeira ; devoluto é que ella não está — morreu a Virginia.

— Mais baixo, meninas ! *Elles* ahi vão, com a Emma... — reprehendeu a Luiza, n'um impeto de consideração, de honestidade.

— Queres entrar, *Lórita* ?... Entra ; um bocadinho só ! — convidou a Virginia, na sua voz suave, n'uma meiguice supplicante e d'um accento a inspirar confiança, a infiltrar dedicação.

— Não, obrigada — tornou a Leonor, aproximando-se da janel-la, ao rez-do-chão, onde a Virginia assomára para convidal-a — Não posso... o papá... Até logo, sim ? Precisamos *fazer a nossa noite*...

E trocaram um beijo despedindo-se.

— Ai, que tola ; que raiva !

E a voz da Virginia era intercadente, de rancorosa.

... Entretanto na frente da casa do Lopes, a maioria da « colonia », ia *fazendo a sua noite* : « Recitava, instado, o Arnaud, um idiota desfrutavel ; cantavam : a Emma, um tantinho desafinada ; a Luiza, a da voz chorada ; a Ilda, um Arnaud de saias ; o Sequeira marcava as quadrilhas n'um francez pretencioso ; e todos arranchavam a um bocado de má lingua » — criticava a Leonor.

E toda esta monotonia, na sua chateza mundana, na sua vulgaridade flagrante e compungedora, tomava tres quartas partes d'aquella *villégiature* de alta-burguezia.

Por ultimo o grupo dos *desidentes* engrossou e a Leonor conhecendo-o, sentiu-se mordida na sua vaidade. Vingava-se d'*elles* redobrando de attentões com o Sequeira, que se ufanava da sua victoria.

Ainda assim, esta transigencia forçada, imposta pela necessidade despotica de ter quem lhe fizesse a côrte, enchia-a de despeitos, de insoffrimentos, chegando a fazel-a chorar de raiva, humilhada. Tinha intimas revoltas ante esta evidente preponderancia dos *desidentes*. N'uns momentos de breve fraqueza, confessava a si mesma que estava vencida ; depois a independencia desmedida do seu ca-

racter protestava e o protesto era tão violento que chegava a revelar-se uma outra a seus paes ! E n'uma raiva concentrada, violenta, terrível, determinava :

— É preciso prescindir d'elle. É ridiculo !

*
* *

O Sequeira era um d'esses rapazes conhecidos no *sport*; um d'esses caracteres excepcionaes, inverosimeis para a grande multidão anonyma do proletariado e da baixa burguezia. O Chiado recebera-o um dia sem se incomodar em saber-lhe a precedencia e contentando-se em acreditar na auto-biographia: . . . « Neto d'uma antiga familia, quasi totalmente arruinada pelas luctas civis » . . . fazendo o Chiado com a invariabilidade característica, fumando bons charutos e assistindo ás recitas impares de S. Carlos . . . Meia duzia de aventuras galantes, pautadas pelos moldes do Ponson, constituíam a sua bagagem de conquistador. Uma qualidade o recomendava ainda — era um bohemio da litteratura. Tinha não sei quantos folhetins em que se reflectia o seu character falsamente escrupuloso, d'uma leveza accentuada. Em todos os seus passos havia o cuidado do individuo que visa ao theatral. Com velleidades aristocraticas, umas susceptibilidades antigas, que constituíam a nobreza dos nossos maiores e que hoje tocam pelo ridiculo. Ao mesmo tempo que elogiava a « affabilidade dos Braganças », não resistia a popularisar a phrase feliz da mundana mais em voga. Se se apresentava como respeitador da familia, o *escandalo* apocrypho, era uma das suas paixões. D'uma memoria prodigiosa, retinha todas as phrases que haviam guindado os seus auctores ao grau de — *rapazes de espirito* — e todas essas anedotas mais ou menos engraçadas, que corriam no mercado do nosso *sport*. Recitava-as depois ás burguezitas, que sentiam impetos de o beijar :

— Tinha muito espirito, o demonio !

Viajára pelo estrangeiro e lera alguma coisa, o que lhe facultava os meios de poder ter uma conversação facil, que agradava, na sua illustração apparente, superficial. Sabia de *modas* e possuia *gosto*; as raparigas chegavam a consultal-o muitas vezes.

Todas estas circumstancias tornavam d'elle um homem indispensavel para os cavacos feminis: tinha puerilidades de criança, arrosos de ignorante e critica electiva — bajuladoramente accommodati-

cia ou pesadamente intransigente, segundo as occasiões. Aquellas deferencias com que o distinguia a Leonor, satisfazião-lhe a vaidade; augmentavam-lhe a reputação...

Era por orgulho que a cortejava.

« Pobre... Elle nem sequer a achava bonita! O melhor eram os olhos; os olhos, sim! De resto uma desgraça: o nariz grosso; a boca demasiadamente grande; mesmo o cabello... E o seio... No *boudoir* devia ser um gato esfolado.»

Nos primeiros tempos foi soffredor; bajulava-a descarada, impudentemente. Á medida porém que a Leonor se lhe ia communicando, tornando-se a mais e mais intima, quando comprehendeu que a sua victoria era certa, sentiu desejos de lhe rebater as prepotencias; chegou mesmo, uma vez, a responder-lhe menos delicadamente.

A Leonor mediu-o d'alto a baixo e apenas soltou um

— Bom...

precipitado e secco. Pretextando ter que fazer, partiu apressada para casa. Cinco minutos depois, quando voltou, trazia os olhos ligeiramente avermelhados. Tinha chorado!

*

* *

Ia em mais de meio a estação de banhos.

O dia estava d'uma tristeza profunda, communicativa, esmagadora. O sol encoberto — nuvens d'um cinzento desagradavel corriam pelo espaço. Já á hora do banho o aspecto atmospherico era carrancudo.

A taciturnidade da natureza influa poderosamente sobre o seu organismo impressionavel. Sentia vontade de embirrar, fosse com que fosse. Ao almoço comeu pouco e a comida tinha, para *ella*, um sabor acre, desagradavel. Para mais, na vespera, combinára com as Almeidas, um passeio, a pé, á Cruz Quebrada; e eram 11 horas e ainda não tinham apparecido.

Por volta do meio dia o criado entregou-lhe uma carta perfumada da Carlota, a mais velha das Almeidas, em que lhe pedia desculpa de não poder acompanhar-a; iam a Lisboa, a casa da tia viscondessa.

Esta contrariedade revoltou-a. Maldisse a fidalga que assim lhe roubava o prazer do seu passeio; e toda a raiva que sentia pelo

velho Almeida, expandiu no epitheto de — *burro* — com que o acoimou muitas vezes.

Pouco depois a parte juvenil da « colonia » principiou a *fazer o seu dia* : uns passeios de brandinho, aos grupos, a toda a extensão da rua.

Proximo da uma appareceu o Sequeira, n'um traje despretençioso, de quem vai ao banho... Em exageradas zumbaias compri-mentou a Leonor, apertando-lhe a mão, elevando o antebraço á altura do peito; era, no genero cortezia, a ultima exportação do Chiado... A Emma, muito naturalmente, n'esse automatismo que dá o habito, deixou o braço da Leonor, para que o Sequeira tomasse logar ao lado d'*ella*, como era costume.

... Uma ligeira discrepancia de gosto feriu-lhe o amor-proprio, n'esse momento torturado pelo mau humor, o que lhe refinava a susceptibilidade exotica, estranhamente extravagante.

— Ha de concordar que é pouco amavel ! — reprehendeu, n'um tom rispido, insolente.

O Sequeira teve um pequeno sorriso zombeteiro e replicou-lhe d'um modo caustico e com felicidade.

As phrases do rapaz acabaram de *a* impacientar. N'um momento comprehendeu que era chegada a occasião de se libertar d'esse pequeno ascendente que o Sequeira ia adquirindo. Todo o seu organismo vibrou ao impulso da raiva. O rosto penumbrou-se n'essa torva expressão : — ironica, violenta e repulsiva — que o caracterisava ; os labios contrahiram-se ligeiramente, deixando apparecer parte dos dentes superiores mordendo o labio d'um roseo desmaiado...

— O snr. Sequeira, não me conhece.

— De mais, minha senhora.

— Se assim fôra, não teria o atrevimento de me faltar ao respeito.

— Perdão, snr.^a D. Leonor ; o homem só póde faltar ao que deve ; e desde que v. exc.^a desceu a insultar-me, deixou de ser credora do meu respeito.

— Do snr. Sequeira eu desejo apenas ser credora... da sua ausencia.

— Retirar-me-hei se estas senhoras m'ó ordenarem.

O grupo parou. O Sequeira descobrira-se com largos gestos theatraes, a cabeça ligeiramente curva, o rosto um quasi nada pallido. A surpresa tomára de todo as companheiras da Leonor ; o silencio foi a sua resposta. *Ella* lançou-lhes um olhar pesado, de fundo desprezo.

— São muito amaveis para me contradizerem e muito... timoratas para o despedirem...

— O que eu agradeço, sobremaneira, n'este momento, tanto mais que tenho de prolongar, um pouco ainda, o nosso... interessante dialogo — tornou cobrindo-se e convidando-as, pelo exemplo, a passear.

— Basta, estou satisfeita; e mesmo porque deveria continuar a escutal-o?

— Ora! por um pouco de... afeição — arrastou, sorrindo intencionalmente.

— O sentimento que sinto por si é o odio!

O Sequeira parou, um tanto interdito; não o esperava... De golpe mediu a situação. Era preciso tirar partido d'ella. A sua reputação de conquistador soffria, é verdade, mas os seus credits de homem de *espírito* affirmar-se-hiam. A arma que lhe apontavam era necessario que se invertesse e fosse ferir o proprio que a aperrava.

— Ainda bem, minha senhora! Estimo mil vezes mais o seu odio do que a sua amizade. E sabe porque? porque o seu odio póde, ao menos, ser verdadeiro, ao passo que a sua amizade é com certeza postiza, falsa.

O dialogo prolongou-se algum tempo ainda. Os insultos de parte a parte foram — como a difficuldade nos trabalhos apresentados pelos gymnastas — crescendo successivamente, progressivamente.

O Sequeira retirou-se e a Leonor tomou o caminho de casa, rubra de cólera.

As raparigas succumbidas ante aquella manifestação extraordinaria, partiram a commental-a com os seus:

— Um escandalo, um verdadeiro escandalo!

— Que malcriado!

trocaram, n'um primeiro impulso espontaneo. Por fim chegaram a confessar n'uma larga satisfação intima:

— É bem feito. Foi uma boa lição. Ainda bem; para que não seja tola.

... O *escandalo* tornou-se o assumpto das conversas geraes. Cada um o glosava a seu bello prazer. Os *desidentes* rejubilavam.

— Que ideia que nós faziamos do rapaz! Afinal não é tão *pão* como parecia.

Sentiam animo capaz de lhe enviarem uma commissão, a felicital-o; merecia-o, palavra!

*
* *

Depois de jantar, em frente da casa da Leonor, a « colonia » preparava-se *para fazer a sua noite*. Havia em todos um desacostumado mutismo... Muito baixinho, em segredo, continuava-se exprobrando o procedimento d'elle, do Sequeira.

— Tinha sido infame!

Ella não queria passear; « tinha um ameaço de dôr de cabeça e uma ponta de febre » — desculpava o Lopes. Sentou-se entre a mãe e a mulher do Borges e Souto, o par do reino: o rosto ligeiramente afogueado e o corpo flexível, n'uma posição de abandono, cheia de morbidez sentimental.

... Às oito horas da noite, á hora de se accenderem os balões, desembocou, ao fundo da rua, o Sequeira.

Aproximou-se prazenteiramente da Leonor e estendeu-lhe a mão, que *ella* apertou, sem pronunciar palavra e com um sorriso meigo e triste nos labios. Fallou a todos com affectação e receberam-o maravilhosamente, a alegria no rosto.

De seguida a Leonor dirigiu-lhe a palavra e o dialogo entabou-se.

— Aqui está cadeira, snr. Sequeira — offereceu o Lopes, apresentando-lhe uma, que fôra buscar dentro de casa.

— Mil vezes obrigado, senhor.

E sentou-se ao pé da Leonor, seguindo em animada conversação.

O factó deu que fallar. Os *desidentes* não podiam acreditar-o. Commentavam:

— Ainda não ha sete horas agatanhavam-se e... já aos beijos!

— Por ultimo, menino, não ha inconsequencia nos seus actos. São uns genios muito parecidos; precisam um do outro, completam-se. *Ella* com quem havia de debicar? e *elle* como poderia resistir á ostentação d'um namoro official com a menina Leonor Lopes, de quem a *Chronica* se tem occupado?

— Olhem, eu penitenceio-me d'esse peccado. Quando foi da *Kermesse*, *chimpei* com o nome d'ella, lá no jornal, escoltado de adjectivos caros...

— É estupendo! Que paes, que filhas e que sociedade!

— Bem diz o Zola!... A petroleo, meus amigos, só a petroleo!

.....

Dezembro — 1885.

F. SÁ CHAVES.

*

MATERIAES PARA A FLORA DO ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE

I

O archipelago

... Yet these apparently barren islands have associations of great interest and their examination yields both pleasure and profit.

WEBB.

Na zona tropical boreal, entre 14°17' — 17°21' latitude N., e 13°43'55" — 16°16' longitude O., meridiano de Lisboa (segundo os calculos de Vidal, Monteath, Owen e Mudge, os quaes corrigiram os anteriormente feitos por portuguezes, francezes e inglezes, e que apresentavam um erro d'alguns minutos para léste), a uma distancia cerca de 80 milhas geographicas da Senegambia¹ e do Cabo-Verde (*Hesperium Promontorium* ou *Arsinarum Africae*, assim

¹ Deve-se chamar a attenção dos naturalistas e do governo portuguez para o estudo da historia natural da Guiné ou Senegambia Portugueza. Como amostra das riquezas naturaes que esta nossa possessão ultramarina encerra citaremos, na

Secção botanica

Sterculia acuminata, *Ximena americana*, *Terminalia macroptera*, *Uvaria ethiopica*, *Sorghum vulgare*, *Trichillia pricurania*, *Strophantus laurifolius*, *Tetracera senegalensis*, *Typha latifolia*, *Oncoba spinosa*, *Hendelotia africana*, *Phillipea africana*, *Sesbania punctata*, *Polygala spicata*, *Linaria spartiotides*, *Grewia betulæ folia*, *Rhus tomentosa*, *Rhyncosia minima*, *Lansea acida*, *Lontharus flatelliformis*, *Adansonia digitata*, *Eriodendron anfractuosum*, *Canocarpus erecta*, *Bombax buoporense*, *Diospyros dioica*, *Cratæra*

27

denominado entre os romanos) que é a proeminencia mais occidental do continente africano, descoberta por Diniz Fernandes em 1443, demora no Oceano Atlantico o archipelago de Cabo-Verde, cuja superficie é de 78 milhas geographicas quadradas, e a área de 53:380 kilometros quadrados. É composto de dez ilhas descobertas em 1446, (época em que se achavam cobertas de florestas de que hoje não ha sequer vestigios, e deshabitadas) que se estendem em fôrma de meia lua, em que o lado convexo está voltado para o continente africano, e que, pela sua disposição physica, se dividem em dois grupos :

1.º — Ilhas de Barlavento, $\left\{ \begin{array}{l} \text{S. Nicolau} \\ \text{Santo Antão} \\ \text{S. Vicente} \\ \text{Santa Luzia;} \end{array} \right.$
ou do Norte

2.º — Ilhas de Sotavento, $\left\{ \begin{array}{l} \text{Sal} \\ \text{Boa Vista} \\ \text{Maio} \\ \text{S. Thiago} \\ \text{Fogo} \\ \text{Brava;} \end{array} \right.$
ou do Sul

ou, para melhor, em tres, assim formados :

NO..... $\left\{ \begin{array}{l} \text{Santo Antão} \\ \text{S. Vicente} \\ \text{Santa Luzia} \\ \text{S. Nicolau;} \end{array} \right.$

adansonii, *Erioglossum clausiformus*, *Calypso Senegalensis*, *Artocarpus incisa*, *Chrysobolamus icaco*, etc.; e na

Secção zoologica

Abelhas, Escaravelhos, Gafanhotos, Cantharidas, Aranhas (duas especies), Pyrilampos, Lagartos, Borboletas (especies varias), Cem-pés, Sapos, Escorpiões, Caracoes, Vespas, Moscardos, etc.;

Macacos (differentes especies e variedades), Bufalos, Camaleões, Cachorros, Ratos de Mangue, Serpentes (a hiran-cego, a cobra vidron, a aspide, a cobra lume, a linguana, etc.), Hippopotamos, Hyenas, Onças, Pantheras, Leopardos, Jacarés, Gazellas, Chacaes, Gatos bravos, etc.;

Jugudis (pertence á familia das aves de rapina), Grous coroados (*Ardea Parvonea*), Garças Reaes, Flamengos, Maçaricos, Ibis (tres especies), Papagaios, Periquitos, Pelicanos, Falcões (*Falco rufiscens*, *F. ruficollis*, *F. concolor*), Patos (*Anas Gambiensis* L., etc.), Cardeaes, *Crithagora chrysophyra*, *Vidua paradisca*, *Vidua chrysonotus*, *Ploceus biachypterus*, *Halcyon senegalensis*, *Halcyon rufiventer*, *Halcyon lycoanotis*, Abutres, Melros, etc.;

Golpinhos verdadeiros, Cacholottes, Marsopas, Cavallos marinhos, etc.

NE..... { Sal
Boa Vista;

Meridional..... { Maio
S. Thiago
Fogo
Brava;

e dos ilhéos Branco, Raso de Rhombo (Grande e de João Carneiro), dos Passaros; do banco d'areia ao SO. da ilha da Boa Vista, denominado Baixo de João Leitão, e do Baixo de Gallião, ao N. da ilha do Maio.

A maior largura d'este archipelago, d'este a oeste, é de 53 legoas maritimas (de 20 ao grau), estendendo-se cerca de 450 legoas portuguezas (de 18 ao grau) ao SO. do cabo da Roca.

Os distinctos officiaes da marinha real britannica, já citados, elaboraram, concernente ao archipelago de Cabo-Verde, o seguinte

Mappa das latitudes N. e longitudes O. (referidas ao meridiano de Lisboa)

		Lat. N.	Lat. O.
S. Antão	Ponta do Norte.....	17° 12'	16° 0' 35''
	Oeste (Pão d'Assucar).....	17° 4' 0''	16° 16'
	Ponta de Leste.....	17° 5' 30''	15° 53' 55''
	» » Sul.....	16° 56'	15° 13' 15''
S. Vicente	Mindello (Porto Grande).....	16° 54'	15° 55' 15''
Santa Luzia	Ponta da Praia dos mastros..	16° 49'	15° 41' 30''
	Ponta do Creolo.....	16° 46'	15° 36' 15''
Raza	Ponta de Leste.....	16° 38'	15° 37' 15''
S. Nicolau	Pedra da Enxova dos Camarões	16° 34' 30''	14° 54' 15''
	» » Praia Branca.....	16° 42'	15° 15' 35''
	» » Vermelharía.....	16° 38'	15° 21' 15''
		16° 28' 30''	15° 13' 15''
Sal	Pedra do Norte.....	16° 51'	13° 48'
	» » Sul.....	16° 34'	13° 51'
	Cabeça de Leão.....	16° 41'	13° 51' 45''

		Lat. N.	Long. O.
Boa-Vista	Ponta de NO.....	16° 13' 20//	13° 50' 55//
	» » NE.....	16° 11'	13° 37' 45//
	A Villa Sal Rey.....	16° 7'	13° 50' 45//
	Ponta de Sul.....	15° 57'	13° 43' 55//
	Baixos de João Leitão.....	15° 48'	14° 4' 15//
Maio	Ponta Septentrional.....	15° 19' 30//	14° 7' 15//
	Porto Inglez.....	15° 0' 30//	14° 8' 15//
	Ponta Meridional.....	15° 6' 40//	14° 5' 15//
S. Thiago	Ponta do Terrafal.....	15° 19' 30//	14° 40'
	» de Leste.....	15° 0' 30//	14° 20'
	Porto da Praia.....	14° 53' 40//	14° 24'
	» » Ribeira do Inferno..	14° 58' 30//	14° 38'
Fogo	Ponta Septentrional.....	15° 1' 15//	15 16' 15//
	Villa de S. Philippe.....	14° 53'	15 25' 15//
Brava	Porto dos Ferreiros.....	14° 48'	15° 40'
	Ponta Brava do Sul.....	14° 17'	15° 36'

D'estas ilhas — conhecidas pelos antigos, e entre estes *Strabo*, *Ptolomeu* ¹ e *Plinio* ², por *Gorgones*, e que entraram, por vezes, em luçta, por causa dos ataques dos estrangeiros: dos inglezes (que se quizeram apoderar da ilha do Maio) em 1582 e 1392, dos francezes em 1712, dos hollandezes em 1622, e dos piratas vindos do Brazil em 1817 — a primeira descoberta em maio de 1446, por uma frota de tres caravellas que, levando entre outros estrangeiros

¹ *Geograph. Enarrationis*, liv. 3: ... «in sinu Hesperio, Hesperionceras, seu cornu extrema.»

² C. Plinii *Naturalis Hist.*, liv. vi, cap. xxxi: ... «Traditur et alia insula contra montem Atlantem et ipsa Atlantis appellata. Ab ea quinque dierum navigatione solitudines ad Æthiopis Hesperionceras, inde primum circumagente se terram ponte in occasum ac mare Atlanticum. Contra hoc promontorium Gorgades Insulæ narrantur, Gorgonum quondam domus bi-dui navigatione distantes a continente, ut tradit Xenophon Lampsacenus.

Penetravit in eas Hanno, Pœnonum Imperator, prodiditque hirta, fœminarumque corpora, viros pernicitate evasisse, duarumque Gorgonum cutes argumenti et miraculi gratia in Junonis templo possuit, spectasque usque ad Carthaginem captam...»

o portuguez Vicente de Lagos, sahira de Sagres, sob a protecção do infante D. Henrique, com o fim de descobrir terras, foi a ilha da Boa Vista, seguindo-se logo as do Maio, S. Thiago e S. Philippe.

As outras ilhas foram exploradas por criados do infante D. Fernando.

Parte d'estas ilhas foram doadas a D. Affonso v que as doou, a seu turno, em 1460, a seu irmão D. Fernando; em 1489 foi doado todo o archipelago, por D. João II, ao duque de Beja. Além dos criados de D. Henrique e D. Fernando, foram as ilhas povoadas por muitas familias do reino e criminosos, podendo-se citar como primeiros donatarios e principaes povoadores de quem descendem as mais antigas familias do archipelago, Ayres Tinoco, Diniz Annes e Rodrigues Annes Travassos, e algum parente do genovez Antonio Nolle.

O archipelago entrou completamente sob a auctoridade immediata da corôa portugueza, sómente pelos fins do seculo xvii e metade do seculo xviii. A população cresceu muito rapidamente. Em 1730, já S. Thiago accusava 2:300 habitantes e a ilha do Fogo 1:200. Embora tenha sido dizimada varias vezes, o recenseamento de 1878 da população de provincia accusa 99:317 habitantes, na sua maior parte de côr.

*

A idade geologica do archipelago de Cabo-Verde é, aproximadamente, terciaria, como as ilhas da Madeira, Açores, Tristão da Cunha, Canarias, Mascarenhas, Santa Helena, Ascensão, Sandwich, Galapagos, S. Paulo, Amsterdam, Juan Fernandez e Kerguelen.

As rochas, em geral, são talhadas a prumo, altissimas, a ponto de se erguerem a milhares de pés para o interior; por ellas passam, ás vezes, as ribeiras que nunca seccam, e que no tempo das chuvas se convertem em torrentes e rios caudalosos de pequena duração, indo desaguar, então, no oceano: os seus leitos de pequena largura são verdadeiros abysmos, provenientes de se terem essas rochas rachado em varios sitios, quando o archipelago foi agitado por erupções vulcanicas. *Basalto, teorite, trachyte, argilla* combinada com *ferro* ou com *hornblende, seixos schistosos, olivina, pyroxene, angite, o spath calcareo* — taes são os corpos que definem a estructura d'estas rochas.

Sobre ellas, mostram-se misturados, bancos de lava, basaltos, pedra pomes, pozzolanas, escorias, cinzas, lôdo, sendo raros os bancos calcareos, cujo maior existe na Ponta Leste de S. Nicolau.

As escarpadas rochas da Ponta da Bicuda (entrada do porto da

Praia), mostram frisantemente ter-se passado certo tempo entre a formação das lavas inferiores e a da camada superior.

As ilhas mais montanhosas e em que é difficil pela sua confusão e desordem, achar-se um systema, são as de Santo Antão, Fogo e S. Thiago.

N'esta ultima — cortada por varias ribeiras cujas principaes são as da *Trindade*, de *S. Domingos*, dos *Leitões grandes*, dos *Leitões pequenos*, dos *Orgãos*, da *Cidade*, de *S. Francisco*, de *Monfaleiro*, da *Barca* e do *Engenho*; e á qual aportavam, outr'ora, a fim de refrescarm, os que demandavam longinquas paragens, podendo-se citar, entre outros, João Empoli, Thomé Lopes, Cabral, Vasco da Gama e o nosso immortal épico, Camões:

Aquella Ilha aportamos que tomou
O nome do guerreiro Santo-Yago;

.....

D'aqui, tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado oceano, e assim deixamos
A terra onde refresco dôce achamos.

Lus., cant. v, est. 9.

— ha o chamado *Pico d'Antonia*, grande montanha conica, bastante aguçada, de 4:800 pés, acima do oceano, e da qual partem arestas que se confundem, formando systemas de montanhas, inteiramente isoladas, tendo de commum, sómente, o leve declive para o mar, e cujas principaes constituem os *Orgãos* — cordilheira de picos muito aguçados — e os *Leitões* — agrupamento de montes e outeiros cortados de ravinas em todas as direcções.

Esta ilha é constituída por *basalto*, e camadas bastante espessas de lavas, compactas, basalticas, e em fórma de prisma, por *olivina* e *pyroxene*, em abundancia; n'ella se encontra (como em Santo Antão), uma terra assás vermelha que não é senão producto da decomposição do *tufo vermelho* e do *basalto*. Uma cadeia de montanhas separa o concelho da Praia do de Santa Catharina. N'um e n'outro concelhos se observam valles ferteis, plantações de café, purgueira, canna saccharina, etc., jardins, terras onde se não vêem arvores, e outras em que se vê claramente a acção destruidora do machado indigena, e do gado que pasta livremente. O indigena destroe as arvores para fazer lenha que vae no dia seguinte vender ao *pelourinho*, á razão de 240 a 400 reis a carga!

Attesta a formação vulcanica d'esta ilha o contorno do porto da Praia, cidade que está assente n'uma planura de basalto e cuja al-

titude, referida ao preamar dentro do porto e ao nivel da Praça do Quartel é de 28^m,28.

No *Ilhéu* e na *Ponta das Bicudas*, bem como n'outros pontos, se mostram distinctos signaes de se ter seguido á formação ignea, embora com intervallo de seculos, a formação aquosa: a massa basaltica, em grande quantidade, alternada de fachas de substancias decompostas pelo fogo, argillas, areias, tufos, mostra-se a nú.

Existem ainda n'esta ilha, que offerece á navegação dois bons portos — o da Praia e o Tarrafal — conchas marinhas do littoral, muito recentes.

No porto da Praia, a variação da agulha é, aproximadamente, de 16° e a preamar ás 6 horas, nas conjuncções da lua, sendo a maior differença entre a preamar e baixa-mar, nos sysigios dos equinocios, cerca de 1^m,9.

A ILHA DO MAIO, a 40 kilometros E. de S. Thiago, é d'origem vulcanica como todas as outras do archipelago, não sendo todavia estranha á formação neptunina.

Mostra-nos lava, mais ou menos antiga, estratificações e depositos marinhos, montes de configuração conica, collinas, areia preta de lava (como se observa na pequena collina denominada *Montinho de Lume* e que dista meio kilometro do *Porto Inglez*), camadas horisontaes de gneis silicio-calcareo, constituindo o solo em grandes extensões. É alguma coisa montanhosa no interior e para os lados do norte, e d'altitude varia nos seus differentes pontos.

A *Montanha do Fogo* é n'esta ilha uma elevação composta de areia assás friavel.

Apresenta duas cordilheiras, uma lançada na direcção NS., formada pelos montes *Batalha*, *Vermelho* e *Penoso* (o mais alto e d'onde o horisonte é vasto), a outra na direcção NO. a SO., constituída pelos montes *Santo Antonio* e *Coróa*.

Mede, no sentido NS., 15 kilometros; e 7 kilometros de E. a O.

Nos sitios chamados *Morro*, *Alagoa*, *Ribeira de S. João*, mostra numerosos coqueiros, assentes á beira-mar, em terreno argillo-silicioso, de sub-solo pantanoso.

Carece de ribeiras.

Tem boas aguas potaveis; e nos poços ao redor da salina, aguas assás chloretadas e sulfatadas, as quaes não são mais que as aguas do mar, filtradas d'uma maneira incompleta através do solo que as intercepta do oceano.

Os ventos reinantes são N. e E., durante mais de 9 mezes.

Tem a ilha pantanos salgados de agua salobra, como os denominados *Flamengo*, do *Gabão*, do *Morrinho*.

Os portos d'esta ilha são: o principal, o *Porto Inglez*, a SSO; os secundarios que não podem receber navios de grandes dimen-

sões, o *Porto da Calheta* a NO., e o de *Pau secco*, a NE. A salina a que já nos referimos é natural, em terreno arenoso, e a sua configuração aproxima-se d'uma pyramide cujo vertice está voltado para o nordeste d'aquelle, na parte que ainda funciona; os inglezes, nossos *feis alliados*, apoderaram-se d'esta salina em 1713.

Entre os seus productos, esta ilha conta o marmore, preto e pintado.

Em 1844 o governo portuguez fez construir um novo forte para defeza da ilha.

A ILHA DO SAL fica ao N. da de S. Vicente e na extremidade NE. do grupo.

É montanhosa ao norte, mas achatada para o sul.

Esta ilha foi comparada por Bowdich, quando vista de longe (póde-se vê-la, vindo do norte, á distancia de 14 legoas e mais), a um tumulo d'areia.

Na parte septentrional é montuosa; ao sul, areenta e baixa; a este e oeste, irregular, sendo orlada a léste, na direcção norte-sul, por uma série de cachopos, dispostos ao longo da costa.

O mais alto e septentrional dos seus outeiros é o *Pico do Martins* que está a 1:340 pés acima do nivel do mar. Uma das rochas d'esta ilha cuja formação se póde dizer mixta, se attendermos aos jazigos *argillosos*, *pedra calcarea* e *areia branca* que possui, é toda de *silex*. A ilha tem *pyrites de cobre*, *mica*, *basalto*, e duas *salinas naturaes*, sendo o sal, em geral, bom — a *Salina do Portinho* e a da *Pedra Lume*.

A primeira d'estas salinas é a mais importante; assenta na cratera d'um vulcão onde brota uma nascente de agua saturada de *chloreto de sodio*, que pela evaporação fórma sal de muito boa qualidade, e que, fechada de todos os lados, mede na sua bacia 45^m,6 d'altura por 13 metros de fundo, sendo a sua superficie de 4 hectares.

As bahias d'esta ilha são as da *Palmeira*, das *Tartarugas*, de *Santa Maria* (principal), *Portinho da Salesia*, e a de *Rabo de Junco*.

Arelas em que se acham misturados os *cassis testiculus*, *bulli striata*, *cerethium obelisticus*, *arca senilis*, *olivina*, *augite*, rochas (caracterisadas por *spondylus gaederopus*, e *vermes*), pelo meio das quaes apparece o *spath calcareo*, fragmentos ou morros de *basalto*, com bancos de *conchas* e de *gneis* (onde se encontra o *spondylus gaederopus* e o *cassis testiculus*, já citados, e um grande numero de restos de *asterias* e diferentes *lapas*, *terra vermelha* ou *tufosa* em que apparecem o *maestra alba*, o *arca senilis*, etc. —: dão a ideia da formação da ilha da Boa Vista, que proximo do littoral tem um rico deposito de *bulli striata*, o *cassis test.* e o *obelisticus calc.*

O melhor porto da ilha é o do Sal Rei, a oeste; o melhor lugar, S. Roque do Rabil.

A ILHA DE SANTO ANTÃO é bastante pittoresca. Está situada na extremidade NO. do archipelago. Póde-se avistar, graças á altura das suas montanhas, á distancia de cerca de vinte legoas.

Apresenta no seu centro uma larga cratera (*Tope da Coróa*) do antigo e extincto vulcão, e mostra massas gigantescas de rochedos, erguidos a prumo do fundo do mar, sendo o seu mais alto pico, 8:000 pés, o *Pão d'Assucar*.

Possue *marmore cinzento com pontos pretos, pedra pomes, argilla, figulina, enxofre, ferro, hyacinthos, ametistas, granatas, fontes thermaes e aguas ferreas, uma mina de sulfato de cobre, topazios, rochas de schorl, zinconite com pedaços de ferro crystallizado.*

Os seus portos são os da *Ponta do Sol*, dos *Carvoeiros* e do *Tarrafal*. O primeiro, e o melhor, está na extremidade N. da ilha; as suas aguas estão á profundidade de 16 metros pelo menos; não sendo garantido dos ventos do S. e NE. é perigoso, sobretudo em novembro e maio. O dos *Carvoeiros* está situado a SE., o do *Tarrafal* a SO.

O seu vulcão extincto, denominado da *Caldeira*, apresenta um phenomeno curioso, digno de se registrar: o vento sopra com uma tal força nas suas profundezas, que qualquer objecto ahi cahido é repellido immediatamente.

Tendo sido esta ilha concedida no seculo XVIII á companhia do Grão Pará e Maranhão, o governo portuguez entrou de posse d'ella novamente, pela indignidade de trato que ella fez soffrer aos insulares ¹.

A ilha de S. NICOLAU, toda montanhosa, está assente sobre o leito d'uma ribeira, em terreno pantanoso e tendo por ponto mais alto o *Monte Grosso*, a 4280 pés d'altura.

É vulcanica e de materia porosa e fragil.

Possue sulfato de magnesia, crystal de rocha, pedra calcarea e caparosa.

É cortada, em parte, pelas abundantes e ferteis ribeiras dos *Calhaus*, da *Praia Grande*, dos *Queimados*.

Os seus portos são os de *Canical*, *Tarrafal*, *S. Jorge*, *Preguiça* e da *Lapa*.

A violencia das brizas costuma impellir os navios para os escolhos das costas, pelo que a aproximação da ilha se torna perigosa.

¹ Ch. Vogel — *Le Portugal et ses colonies*.

Esta ilha é uma das menos insalubres e melhor cultivadas. O seu melhor sitio é a *Ribeira Brava*, situada na montanha a uma grande legoa da costa.

No ilhéu *Razo* que é quasi redondo, muito alto e cortado a pique, ha *talco*, *algodão* e *urzella*.

Os ilhéos DO RHOMBO estão a duas legoas, Norte, da ilha *Brava*. São brancos e altos. N'elles se encontra o *azeviche*, lagartos de 27^{mm} de comprimento por 11^{mm} aproximadamente de largura (*Macios cincuscoctei*)¹.

O ilhéu Branco que tem duas e meia legoas de comprimento e tres quartos de legoa, por largo, é muito alto, inteiramente montanhoso e despovoado; possui *urzella*.

O ilhéu *dos Passaros* está a pequena distancia do *Porto Grande* de S. Vicente. N'elle se encontrou, não ha muitos annos, grande quantidade de *guano*.

Hoje está estabelecido n'este ilhéu um pharol.

A ILHA BRAVA — Paraíso do archipelago Cabo-verdiano² — outr'ora denominada ilha de S. João, está situada algum tanto a oeste da ilha do Fogo.

É formada de altas montanhas, accumuladas pyramidalmente umas sobre as outras, cobertas quasi sempre de densos nevoeiros e d'*areias diversas em côr e peso, mais pesadas que o ferro*, segundo um explorador. Possui *salitre, ambra ambrosiaca, alvaiade, pedra calcarea* com que se fabrica magnifica *cal, barro, ocre encarnado*.

O unico porto frequentado d'esta ilha é o denominado das *Furnas*.

Na sua primitiva foi coberta esta ilha d'uma espessa floresta.

Tem seis fontes d'agua, algumas mineraes.

Sobre as suas montanhas planta-se vinha que dá duas vezes por anno, fazendo-se as vindimas em junho e dezembro.

Na ilha Brava fabricam-se chapéos, carteiras de palha, e bonitas colchas de lã e d'algodão.

A ilha de S. VICENTE é formada por duas serras na direcção de NE. e SE., as quaes deixam um valle central que termina na famosa bahia (*Porto Grande*), a NO.

Esta bahia tem duas legoas de largura, com bom fundo e espaço sufficiente para ancorarem um grande numero d'embarcações.

¹ Veja-se a *Notice sur l'habitat et les caractères du Macioscincus Coctes (cuprepres coctei, Dum et Bibi)*, par J. V. Barbosa du Bocage.

² *Voyages of the Leven*, etc.

Póde-se considerar como um dos melhores portos do globo. A sua apparencia é bella, e o ancoradouro tem fundos de cascalho e areia, sendo de facil desembarque, e estando ao abrigo dos ventos NE. e SO. Além d'esta bahia tem a ilha dos *Gatos*.

De todas as ilhas do archipelago, é esta, na generalidade de origem vulcanica. Possui a *pedra calcarea* e é a mais conhecida e frequentada por estrangeiros.

É assim que por ella passam annualmente milhares d'individuos que demandam differentes pontos do globo, e que com alegria, visitam a laboriosa cidade do Mindello, aonde ha fornecidos depositos de carvão, propriedade de estrangeiros que de quasi todas as nacionalidades aqui vieram uns, intelligentemente, a procurar meios de lucta pela existencia, outros á exploração e aproveitamento do nosso desprezo ou descuido pelas colonias.

A ilha do Fogo deve o seu nome ao vulcão n'ella existente e cuja acção destruidora se manifestou depois de 1675.

Da sua cratera tirou um hespanhol, ha annos, algumas arrobas de enxofre.

O vulcão está a 1:650 braças sobre o nivel do mar, segundo uns, 1:230 toezas segundo Sabine, 1:484 segundo Master, 1:738 segundo King, 2:599 metros (8:000 pés) segundo Grisebach.

Foi terrivel pelas suas grandes erupções em 1757, 1761, 1769 e 1785, 1816 e 1847.

Estas duas ultimas foram as maiores.

Todas as erupções se fizeram acompanhar por tremores de terra.

Pelo que acabamos de dizer, póde-se comparar este vulcão ao Stromboli que outr'ora esteve em erupção contínua. Tencionando fallar, mais desenvolvidamente, do vulcão da ilha do Fogo n'outra parte, limitar-nos-hemos a transcrever agora, o que nos legou uma testemunha ocular, Feijó, sobre a ultima das erupções, a qual durou vinte e sete dias, sendo as cinzas e areias arremessadas a trinta legoas de distancia (ilha do Maio).

«Uma grande commoção subterranea que abalou e se fez sentir por toda a ilha com fortissimos estrondos no interior do Pico, como trovoens, foi o primeiro signal d'esta erupção. Depois do que abriu-se o Pico perpendicularmente e lançando de si em golfadas, torrentes de escórias, cinzas e pedras, tornou a fechar-se, ficando no seu primeiro estado... N'esta situação... foram abrindo por toda aquella montanha até o mar de espaço em espaço, da parte de E. N. E. diversos rombos, por onde sahiram torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, umas queimadas, outras derretidas, cinzas e fumo, que levados ao ar, faziam escurecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado

opposto, onde se diz *Monte d'Aipo* em que se encontram antigas crateras, que foram abertas na antecedente erupção de 1769.

«Juntamente na base do Pico da parte de léste, aonde chamam os naturaes *Monte de Losna* (outro antigo monticulo e cratera vulcanica) se abriram as principaes e mais profundas bocas, pelas quaes sabiu a maior força, e quantidade de incendio e de lavas, e que deram origem a quatro novos montes, immediatos uns aos outros e na mesma direcção. Estes novos montes tambem se abriram verticalmente e lançaram de si immensa quantidade de lavas, as quaes descendo pelo lado E. S. E. se dividiram em duas como ribeiras de fogo, das quaes uma foi entulhar um grande e profundissimo valle chamado *Ribeira de Antoninha (de Palha Carga)* e outra passou a alagar um dilatado plano inclinado denominado *Relva* onde havia algumas casas e plantações de algodoeiros, vinhas, etc., ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

«As que foram expellidas das boccas que se abriram da parte de E. N. E. desde o monte denominado de *Domingos Fernandes*, até outro junto ao mar, que se diz de *João Martins*, inundaram tambem muita porção de terreno e as que sahiram da ultima bocca em João Martins foram até entrar pelo mar dentro mais de vinte lanças fazendo alli n'aquella costa onde antes era uma enseada com o fundo de quatro para cinco braças, uma ponta de pedra queimada assás alta.

«Até aqui são os phenomenos observados n'esta erupção que durou até 25 de fevereiro seguinte, sendo a sua maior violencia nos primeiros sete dias successivos, continuando comtudo o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensivel, particularmente nos quatro novos montes em que foi intensissimo o calor na superficie e nas suas boccas as quaes são como a do Pico ellipticas, terminadas inferiormente como um funil.»

Possue esta ilha dois portos, *Porto da Villa* e o *de Nossa Senhora da Luz*, os quaes na verdade não formam mais do que uma só bahia, dividida em duas por uma tira de terra que o mar recobre, durante perto de seis mezes, no anno.

N'esta bahia observa-se um phenomeno curioso: quando em junho começam soprando os ventos do sul, as areias no fundo da bahia de Nossa Senhora da Luz são por tal fórma revolvidas que os navios encontrando rocha núa, são obrigados a passar á bahia vizinha, onde effeito igual se reproduz em novembro, quando as brizas começam.

É perigoso bastante, sem piloto, o accesso ao porto.

Na proximidade d'este a areia é ardente.

N'esta ilha fazem-se, como na Brava, lindas colchas de lã e de algodão.

Não tem muita agua potavel, e a que ha é trazida, por burros, das fontes que ficam a distancia da villa de S. Philippe, o melhor logar da ilha, em odres de pelle de cabra aos quaes os indigenas chamam *Barquinos*.

Na ilha do Fogo ha enxofre, salitre, sulfato de soda, de boa qualidade e analysados pelo exc.^{mo} snr. visconde de Villa Maior ¹, planicies profundas e ribeiras.

É muito alta, redonda quasi toda; as suas costas são rocha viva a pique.

*

A zoologia acha-se representada no archipelago de Cabo-Verde por :

Burros, machos, cavallos, porcos, cabras, macacos (*Cercopithecus Sabæus*), cães, gatos, etc. ;

Corujas (*Strix*), milhafres (*Falco milvus*), Francellos (*Falco tinnanculus*), Abutres, Falcões, Aletos, Calhandras, Storninhos, Andorinhas (*Hirundo Apus*), Alveloas amarellas (*Motracilla flava*), Pardaes, Gralhas, Corvos (*Peleanus Carto L.*), Passarinhos (variedade do Alce Senegalensis ou *A. cancrophago?*), Codornizes, Galinhas pintadas (*Numida meleagris*), Gaivotas e Alcatrazes (*Diomedea exulans*), Perús, Macariços reaes, Caganas (especie de mergulhão), Flamengos (*Rhæni copterus L.*), Rabijuncos (*Phaeton æthereus L.*), Rabiforcados (*Pebeanus fragata L.*), Andorinhas do mar (*Sterna hirundo, L.*), Toutinegras, Minhotos, Patos do mar, etc. ;

Labros (*L. Jayonensis, etc.*), Atuns, Sardos, Bonitos, Judeus, Alvacoras, Coryphena azul, Coryphena hippuras, Bodianus punctatus, Perca punctata, Pargos, Balistas (*B. Radiata, etc.*), Scioena Mongata (variedade), Lichia Petracantha, Tubarões (*Squalus Carcharis*), Cacão de Cabo Verde (*S. Minimoceus*, classificado por Brotero), Pescadas, Chernes, Garoupas, Dourados, Lagostas, Carapaus, Linguado, Peixe-Agulha, Sardinhas, Robalos, Sargos, Badejos, Tainhas, Espadartes, Voadores, Gorazes, Barbos, Salmonetes, Baleias, Gatas, Toninhas, etc. ;

¹ Vejam-se *Memorias da Academia Real de Sciencias*.

Tartaruga verde-maior (*Testudo mydes*), Sapos, Rãs, Kagados, Lagartos, Cem-pés, etc.;

Papilio Calypso, Papilio Atalanta (variedade), Termes destructor, Blatta americana, Sphex labata, Abelhas, Besouros, Borboletas, Grillos, Gafanhotos, Mosquitos, Aranhas, Escaravelhos, Melgas, Formigas, Baratas, etc.;

Pecten pyxidatus, Pecten gibbus, Pecten imbricatus, Ostrea fucorum, Nerita striata, Patella mamillaris, Conus leoninus, C. testudinarius, C. obesus, C. monachus, C. achatinus, C. nebulosus, C. amadis, Cassis testiculus, Cyprea zanata, C. crosa, C. ocellata, C. vexillum, Chama gryphoides, Pema vulsella, Purpura hemastom, P. neritoides, P. macrinella, Natica fulminea, N. canserra, N. carnea, N. rosea, N. collaris, Venus venucosa, Cytherea triplia, C. cineta, C. corbicula, Marginebla faba, M. lineolata, M. aurantia, Murex aspinimus, Strombus puzilis, Svittatus, S. giganteus, S. lobatus, Rosterallaria fissurella, Harpa rosea, Voluta zebra, Turbinella cingulata, Cerithium obelisticus, C. granulum, Sepia officinalis, Bulla ampula striata, Donax rugosa, Cardium ringens, C. isocardia, C. ælicum, Luceria squamosa, L. pensilvanica, Arca Noë, A. similis, Ovula gibbosa, Tunitellatri sulcata, etc.

*

A profundeza, em metros, do mar, na proximidade immediata das ilhas de Cabo Verde, orça por 182-1:820.

Mar de sargaços!

Como és bello com a tua extensão egual ao valle de Mississipi, com a tua crusta de vegetação, formada de hervas de golfo, *uvas dos tropicos, fucus natans*, etc., de tal maneira agglomeradas, que chegam, ainda hoje, a embaraçar a derrota!

Como tu — embora as estações te façam oscillar regularmente de norte a sul — conservas o logar que occupavas e em que te viu, pela vez primeira, Colombo, restabelecendo-te sempre, do que te possam fazer ventos e tempestades!

Como tu és a prova mais immutavel do movimento circular!

Oh! Colombo não se enganou ao pensar que as aguas do mar se movem como o céu, de leste para oeste, emquanto que, sobre ti proprio, mar de sargaços, muitos aventuravam ideias extravagantes.

*

O catalogo das madeiras existentes n'este archipelago, é realmente muito inferior, no numero e na qualidade, á que nos offerecem Angola, S. Thomé e Príncipe, a India; e na qualidade, ás conhecidas da Guiné e de Moçambique.

Eil-o, ainda assim :

1.º Bambú,	13.º Laranjeira,
2.º Pau de jardim,	14.º Espinheiro cachupa,
3.º Goiabeira,	15.º Ciba,
4.º Café,	16.º Manipo,
5.º Espinheiro branco,	17.º Tamarindes,
6.º Figueira brava,	18.º Calabaceira,
7.º Mamoeiro,	19.º Cannafistula,
8.º Limoeiro,	20.º Nespereira,
9.º Pinha,	21.º Carrapateiro,
10.º Panafe,	22.º Zimbrão,
11.º Imbla,	23.º Nona,
12.º Espinheiro preto,	24.º Poilão.

*

Nas ilhas de Barlavento, o estabelecimento do porto é ás 7 horas e 45 minutos; a amplitude das marés, de 1 a 2 metros; a velocidade das aguas que correm ao N. de S. Nicolau para S. O., e ao S. de S. Vicente, para E. S. E., de 303 a 484 metros.

Nas ilhas de Sotavento, o estabelecimento do porto é ás 6 horas; a amplitude das marés, de 2 metros; a velocidade das aguas que correm para S. é de 1:650 metros.

*

Nas ilhas de Cabo Verde ha varias nascentes.

A origem plutonica d'este archipelago levou Brito Capello a applicar a estas nascentes as seguintes regras ¹:

1.º As aguas das fontes, em geral, são devidas ás aguas das chuvas, infiltradas através das terras ou fendas das rochas.

2.º A quantidade e duração das aguas é proporcional á superficie absorvente.

¹ *Memoria relativa á conducção para a villa de S. Filippe da ilha do Fogo da agua da fonte da PRAIA DO LADRÃO, por Felix Antonio de Brito Capello.*

3.º Toda a vez que estas aguas accumuladas, em consequencia de terem encontrado uma superficie impermeavel, encontram uma sahida dão origem a uma fonte.

*

Desde novembro a julho sopram no archipelago as chamadas *brizas* — ventanias impetuosas, sibilantes, que levantam nuvens de poeira, e que sopram geralmente dos quadrantes Norte e Leste, e na maior parte de Nordeste.

Nos tres mezes restantes que constituem o periodo chuvoso solsticial, sopram quasi d'uma maneira constante os ventos de S. e S. E. que augmentam muito o calor, e que se fazem ás vezes acompanhar de trovoadas e faiscas electricas (concelho de Santa Catharina ¹) e fortes tufões (S. Thiago).

Os ventos do archipelago distinguem por si só, este dos outros archipelagos atlanticos.

Ha annos em que não chove, ou chove pouquissimo e irregularmente.

Todo o anno ha *cacimba*. Em S. Vicente é ella abundante, principalmente de novembro a janeiro.

Durante os mezes de dezembro e janeiro em que a Europa sente frio, tambem os habitantes das ilhas de S. Thiago, S. Vicente, Santo Antão, Fogo e Brava, pelo menos, o sentem, vendo-se obrigados a deitar cobertores nas camas que d'ordinario têm, por roupas, um simples lençol e coberta finissima.

A curva *thermica* é muito variavel.

A temperatura mais alta de que temos conhecimento, foi a de 40º centigrados, ao ar livre e ao sol, observada em S. Vicente, em março de 1875 ás 2 horas da tarde; sendo, nas mesmas condições, a temperatura maxima, observada ás 6 horas da manhã de 21º,5.

Em dezembro de 1878, o *thermometro* marcou na ilha do Maio ás 2 horas da tarde, 31º.

Em Santo Antão, poucos dias passam sem tempo encoberto ou neblina de manhã ou de tarde, havendo orvalho copioso nas noites da estação secca e calmosa.

¹ Os homens d'este concelho trazem calça e jaleco de *russa* ou cotim, chapéo de palha, *camisão* d'algodão crú; e trazem faca á cinta, e *manduco* (cacete) em punho. As mulheres trazem á cintura os tradicionaes pannos d'algodão, saia e camisa de *zuarde* ou chita, e lenço sarapintado.

O porto do Tarrafal, pertencente a este concelho, é vasto e bom. O estrangeiro, possuindo ahi já terreno, mostrou-se mais uma vez previdente.

As chuvas são annunciadas pelo apparecimento de *mariposas, grillos, moscas, mosquitos, ratos, tumba-tumba, gafanhotos, besouros, baratas, etc.*

Em ambas as estações reina por vezes, nas ilhas do Fogo e S. Thiago, com duração de dois, tres e cinco dias, o vento E. que é tão secco, que os olhos, fossas nasaes e labios se tornam seccos e dolorosos, e os objectos de madeira estalam e racham.

Da meteorologia do archipelago se póde fazer ideia pelos seguintes mappas d'observações feitas por respeitaveis funcionarios publicos, a quem a provincia de Cabo-Verde deve, mais ou menos, importantes serviços, e por um estrangeiro que a visitou, os quaes nós hoje colligimos.

Resumo das observações meteorologicas, feitas em Santo Antão (Villa da Ribeira Grande) no anno de 1872

Altura do barometro (metros).....	27	
Pressão atmospherica (millimetros).....	762,28	
Temperatura.....	{ maxima absoluta.....	22°,07 ^c
	{ minima absoluta.....	29°,5 ^c
	{ média.....	15°,0 ^c
Chuva (millimetros).....	426,55	
Humidade relativa.....	71,34	
Tensão do vapor (millimetros).....	15,81	
Ozone	{ inverno	5,26
	{ primavera.....	5,04
	{ estio.....	4,78
	{ outomno	4,81
Ventos dominantes...	{ inverno	NNE., ESE., ENE., E.
	{ primavera.....	NE., ENE.
	{ estio.....	NE., ENE., ESE., SE., NNE., E.
	{ outomno	NE., ESE., ENE., E., NNE., OSO., SO.

Observações meteorologicas feitas no archipelago de Cabo-Verde em 1851

... Do começo de agosto até ao fim de outubro — tempo das chuvas — predominam os ventos de oeste. Às vezes, embora muito raro, deixa de chover durante este tempo, o que é sempre seguido de calamidades diversas.

Durante a minha estada (de janeiro a abril) predominaram quasi sempre os ventos nordeste, que particularmente na ilha do Sal ainda seccaram mais a atmospheria, já por si secca, e por isso desde as 10 até ás 4 horas, raras vezes sahi de casa, por tempo prolongado.

À noite o thermometro baixava sempre a 14° ou até 12° R, embora durante o dia tivesse estado muito alto.

O sol durante este tempo nasceu entre 5 $\frac{1}{2}$ -6 horas da manhã, e o occaso teve logar entre 6-7 horas da tarde, formando-se a escuridão depressa, e sendo as noites tão escuras como no nosso paiz ¹, na mesma época do anno.

Durante a estação secca a chuva é muito rara, e quando chove é de pouca duração, mas ha dias inteiros em que as ilhas são envolvidas n'um nevoeiro, que a maior parte das vezes desaparece rapidamente.

As variações da temperatura foram as seguintes :

De 24 a 30 de janeiro tivemos em S. Vicente tempo bom e alegre, não muito quente, thermometro ao meio dia 18° R; mas muito ventoso.

De 30 de janeiro a 1 de fevereiro, quente, S. Vicente e a ilha vizinha de Santo Antão envolvidas em nevoeiro, o ar mais pesado, não obstante o thermometro marcar ao meio dia 16-19° R, o vento menos forte.

Fevereiro, 2. — Tempo muito claro.

Fevereiro, 3-5. — Ventoso, com nuvens desde as 10-4 horas, o ar abafadiço com 16°-24° R.

Fevereiro, 6. — Em S. Vicente, ás 8 horas da noite, alguma chuva durante $\frac{1}{4}$ d' hora.

Fevereiro, 6. — O mar, ora claro ora turvo.

Fevereiro, 11 a 26. — Na ilha do Sol, o tempo sempre muito bom, quente e secco; thermometro geralmente, entre 21°-26° R; constantemente, mais ou menos vento.

Fevereiro, 22. — Na ilha da Boavista muito vento, e o céu bastante nublado.

Março, 3-7. — Em Santo Antão, falta de ventos fortes, claro, e o calor médio 19° R.

Março, 8-10. — Em Santo Antão, nevoeiro, temperatura agradável, pouco elevada, 18° R, e menos vento.

Março, 11. — Alguma chuva ao meio dia.

Março, 12. — Igualmente alguma chuva.

¹ Heidelberg.

Março, 13-19. — Bom tempo, ao meio dia 21-23° R, e muito vento.

Março, 20-22. — Calor suffocante, ao meio dia 20-27° R.

Março, 23-24. — Muito ventoso e nublado.

Março, 25-26. — Outra vez muito quente e abafadiço, em consequencia d'isto houve na noite de 26 para 27 de março uma forte trovoadá com muita chuva, que pude observar do mar como um espectáculo mui interessante.

Março, 27. — Mar nublado.

Março, 28-30. — Em S. Vicente sempre bom tempo e muito quente, thermometro ao meio dia 26° R.

*

Este archipelego está longe de poder-se considerar salubre. Ainda em 1883 e 1884, nos quadros necrológicos de S. Vicente, se registraram *gastro-enterites ulcerosas*, e nos da Praia, em 1883, biliosas.

Em Santo Antão, em 1874, o quadro nosológico foi sobrecarregado com as anasarcas, as febres de malária, as affecções do apparelho respiratorio, entrando a tísica pulmonar, e sendo de 297 a cifra total dos obitos, 151 representam creanças até á idade de sete annos.

Mas poder-se-ha ainda assim dizer, que a insalubridade do archipelago de Cabo-Verde, como affirmou Grisebach, se aproxima da do Soldão?

.....
As plantações de quinas, dragoeiros e purgueira; as culturas de café, algodão e canna sacharina; o fabrico d'assucar e d'aguardente; a exploração da cochonilha e das salinas; a pesca e a salga do peixe sensatamente exportado — quando desenvolvidas e aproveitadas como convém — farão chegar de facto, uma vez arborisada convenientemente ¹, a provincia de Cabo-Verde, a um grau de prosperidade admiravel.

Lisboa, 1 de dezembro de 1886.

JOÃO CARDOSO JUNIOR.

¹ O problema da arborisação do archipelago já foi por nós estudado em trabalho que enviamos ao snr. presidente da commissão encarregada de apresentar um projecto de regulamento para a arborisação de Cabo-Verde, tendo em consideração a agricultura e feição particular de cada ilha (Circular de 14 de janeiro de 1886, publicada no *Boletim Official de Cabo-Verde*, n.º 3, de 16 de janeiro).

Mapa das observações meteorológicas feitas em S. Vicente
nos annos de 1872 e 1873

Annos	Mezes	Temperatura em graus centigrados				Dias de	
		Seis h. da manhã		Duas h. da tarde		Chuvei- ros	Chuva
		maxima	minima	maxima	minima		
1872	Maio.....	24,5	22,5	28,5	26,5	—	—
	Junho.....	27	23	30	27	2	—
	Julho.....	27	25	30,5	27,5	8	3
	Agosto.....	28,5	28	32,5	29,5	1	5
	Setembro....	27,5	25,5	31,5	28,5	6	2
	Outubro.....	?	?	31,5	27	—	—
	Novembro...	?	?	36,5	30,5	2	2
	Dezembro....	24,5	21,5	27,5	24	9	6
	Janeiro.....	22,5	21,5	27	26,5	—	—
	Fevereiro....	23,5	22,5	26,5	24,5	—	—
	Março.....	23,3	22	27,5	26	—	—
	1873	Abril.....	23,1	22	28,5	26	—
Maio.....		25	22,5	29,5	26	5	—
Junho.....		26	23,5	29,5	27,5	—	—
Julho.....		25,5	23	31,5	29	4	—
Agosto.....		27,5	23	31,5	29,5	6	2
	Setembro....	30,5	29,5	33	30,5	1	1

Mapa das observações meteorológicas feitas em S. Vicente
nos annos de 1872 e 1873

Mezes	Temperatura média em graus centigrados, em casa e á sombra			
	Mensal	Trimestral	Semestral	Annual
Janeiro.....	24,1	} 24,3	} 25	} 26,9
Fevereiro.....	24,2			
Março.....	24,7			
Abril.....	24,9	} 25,7		
Maió.....	25,6			
Junho.....	26,7	} 28,6		
Julho.....	27,3			
Agosto.....	29,1			
Setembro.....	29,5	} 28,8		
Outubro.....	29,2			
Novembro.....	33,5		} 29	
Dezembro.....	24,4			

Mappa das observações meteorologicas feitas em S. Vicente no anno de 1875

Anno	Temperatura em graus centigrados, ao ar livre e ao sol					Temperatura média		Pressão atmospherica
	Mezes	Seis horas da manhã		Duas horas da tarde		Mensal	Trimestral	
		maxima	minima	maxima	minima			
1875	Janeiro.....	21,5	17,5	37,5	30	26,6	} 28,6	Variou de 753,66 a 762,52 — medidas não corre- ctas.
	Fevereiro.....	21	17	38,5	31	31		
	Março.....	21,5	16,5	40	35,5	28,3		

28

Mappa do resumo das observações meteorologicas feitas na ilha do Sal nos annos de 1863 a 1865
 ás 9 horas da manhã e 3 da tarde

Epochas	Pressão atmospherica em millimetros						Temperatura á sombra em graus centigrados					
	média	maxima	minima	Va- riação	Data da maxima	Data da minima	média	maxima	minima	Va- riação	Data da ma- xima	Data da mi- nima
Anno de 1863	758,76	762,77	754,16	8,61	26 de ja- neiro.	19 de de- zembro.	24,96	31,1	20,3	10,8	26 d'agosto e 8 de se- tembro.	31 de janeiro, 7 de feverei- ro e 13 de março.
1864	758,56	761,50	753,63	7,85	10, 11 e 12 de jan.	26 d'agos- to.	26,30	35,2	18,3	16,9	10 de outu- bro.	10 de feve- reiro.
1865	758,43	761,76	754,16	7,60	14 de fe- vereiro.	10, 17 e 18 d'ou- tubro.	26,22	32,2	20,6	11,6	9 de setem- bro.	28 de dezem- bro.

Frequencia do vento

Epochas	N	NNE	NE	ENE	E	ESE	SE	SSE	S	SSO	SO	OSO	O	ONO	NO	NNO
Anno de 1863.....	7	4	97	183	36	7	0	3	3	1	3	1	3	5	4	8
» » 1864.....	5	0	36	219	53	1	4	7	6	2	1	8	2	1	6	7
» » 1865.....	8	6	41	222	47	14	2	1	1	1	1	1	3	4	8	1

Estado da atmospheria, do céu e do mar

Epochas	Dias de vento					Dias de calma					Dias do céu					Dias do mar			
	Muito fresco	Fresco	Modera- do	Fraco	Muito fraco	Dias de calma	Chuva	Chuvis- cos	Relam- pagos	Trovões	Limpo	Nubla- do	Nuvens soltas	Incen- zado	Cerra- ção	Chão	Grosso	De gran- de yaga	Dias de mare- ta
Anno de 1863	23	113	161	53	6	9	4	19	1	3	0	0	0	0	6	0	0	0	1
1864	29	102	97	91	45	2	10	23	10	5	71	128	98	69	0	309	39	2	6
1865	43	102	88	84	44	4	10	11	3	4	70	95	113	84	3	317	47	1	2

26

Resumo das observações meteorológicas feitas na cidade da Praia
nos annos de 1875 a 1879

I

Pressão atmospherica em millimetros

MÉDIAS EXTREMAS TOTAES

Média.....	758,61	Maxima absoluta.....	763,71
Média maxima.....	759,30	Minima absoluta.....	753,48
Média minima.....	757,94	Varição extrema.....	10,23
Varição média.....	1,36		
	Data da maxima.....		4 de julho de 1876
	Data da minima.....		15 de dezembro de 1879

II

Temperatura em graus centesimos

Média.....	24,45	Maxima absoluta.....	33,0
Média maxima.....	26,78	Minima absoluta.....	15,0
Média minima.....	22,15	Varição extrema.....	18,0
Varição média.....	4,63		
	Data da maxima.....		29 de setembro de 1877
	Data da minima.....		7 de fevereiro de 1876

III

Tensão do valor atmospherico em millimetros

MÉDIAS TOTAES

Média.....	16,80	Média minima.....	16,02
Média maxima.....	17,62	Varição média.....	1,58

IV

Humidade relativa ao estado de saturação = 100

MÉDIAS TOTAES

Média.....	64,68	Média minima.....	60,18
Média maxima.....	69,34	Varição média.....	9,13

V

Quadro dos ventos

SOMMA TOTAL

N.....	60	SSW.....	15
NNE.....	115	SW.....	81
NE.....	596	WSW.....	15
ENE.....	216	W.....	15
E.....	354	WNW.....	1
ESE.....	47	NW.....	41
SE.....	30	NNW.....	11
SSE.....	7	Calmas.....	95
S.....	51		

VI

Chuva e evaporação

TOTAES

Quantidade de chuva em millímetros.....	1:616,1
Evaporação em millímetros.....	8:106,49

VII

Ozone

Média dos cinco annos das médias de dia.....	6,68
Média dos cinco annos das médias de noite.....	7,54
Média das médias dos cinco annos.....	7,05

VIII

Estado geral da atmosphaera

TOTAL

Trovões.....	26 dias	millimetro.....	2 dias
Nevoeiros.....	526 »	Vento muito fraco.....	88 »
Chuviscos.....	142 »	» fraco.....	290 »
Chuva cuja agua se mediu	1170 »	» moderado.....	427 »
Chuva inferior a 1 milli-		» fresco.....	623 »
metro.....	7 »	» forte.....	184 »
Chuva inferior a 1/4 de		» muito forte.....	43 »

IX

Estado do céu

TOTAL

Céu serenó (0).	Ni.
Céu nublado (1 — 9).	Ci — C.
Céu coberto (10).	Ci — St.
Ci.	C — St.
C.	C — Ni.
St.	

X

Estado do mar

TOTAL

Chão.....	766 dias
Agitado ou um pouco agitado.....	582 »
De pequena vaga.....	156 »
De grande vaga.....	94 »
Tempestuoso.....	4 »

Mappa das observações meteorologicas feitas na ilha do Maio nos annos de 1869 e 1870
 ás 7 horas da manhã e ás 4 e 8 horas da noite

Annos	Mezes	Dias	Estado do tempo	Estado geral da atmospherá	Estado do mar	Temperaturas			Observações
						Horas			
						7 da m.	4 da t.	8 da t.	
1869	Junho	28	Tempo fresco	—	—	22°	30°	21°	Todos se queixam de frio
		29	—	—	—	22°	31°	21°	Sensação de frio. Tosse geral
		30	Manhã fresca	—	—	21°	32°	24°	—
		1	Tempo aspero	NE. NE. forte	Mar agitado	27°	32°	22°	—
		2	—	NE. forte	Maresia, grande agitação do mar.	22°	28°	22°	Impossibilidade de embarcar sal
		3	—	NE. forte	Mar picado e alteroso na praia	26°	31°	25°	—
1870	Julho	4	Tempo encoberto	Chuviscos, ameaça de chuva, horizonte carregado do lado do sul; vento sul ás 4 horas da tarde.	Mar agitado, vagas grossas	22°	24°	24°	—
		5	Tempo encoberto	Horizonte carregado, SNE.	Mar picado	24°	29°	25°	—
		6	—	Horizonte curto, NE. forte.	Mar picado	23°	30°	27°	Sensação de frio. Impossibilidade de embarcar sal
		7	Tempo nebuloso, frio e humido	Chuviscos de noite, calma pela manhã, brisa forte de NE. pela tarde e do norte, chuviscos de madrugada.	Maresia	23°	30°	27°	Obstado o embarque do sal
		8	Tempo nublado	Brisa de NE. forte	Maresia formidavel	24°	30°	27°	Garram duas lanchas que estavam fundeadas destinadas ao embarque do sal. Solo humido.

Annos	Mezes	Dias	Estado do tempo	Estado geral da atmospherá	Estado do mar	Temperaturas			Observações
						Horas			
						7 da m.	4 da t.	8 da t.	
1870	Julho	9	Tempo fresco e ventoso	NE.	Mar agitado	23°	29°	26°	Não se póde embarcar sal
		10	Tempo claro	—	Ligeiras vagas que apenas agitam o mar	25°	30°	28°	—
		11	Bom tempo, calmoso	—	—	23°	30°	26°	—
		12	Manhã sêcca, fria e humida	Ligeiros chuviscos	—	25°	27°	25°	—
		13	—	Viração de SE.	—	26°	31°	28°	Sensação de calor
		14	Manhã clara e quente	Viração do sul todo o dia	—	28°	31°	28°	—
		15	Manhã clara e quente	Horisonte extenso e claro, calma, depois vento S., chuva ao norte da ilha, e chuviscos na povoação.	—	25°	29°	27°	Descobrem-se os principaes montes da ilha de S. Thiago.
		16	Tempo fresco, claro	Brisa de NE.	—	23°	29°	27°	Distinguem-se os montes da ilha de S. Thiago.
		17	Tempo quente pela manhã	Horisonte claro e extenso	Bonança	27°	31°	29°	—
		18	Tempo encoberto, fresco	Horisonte curto e pouco claro	—	24°	28°	26°	—
		19	Tempo escuro e fresco	NE. de noite	—	25°	29°	27°	—
		20	Tempo claro e fresco	NE. de noite	—	26°	30°	28°	—
		21	Bom tempo	Brisa de NE., forte	—	25°	30°	28°	—
		22	Bom tempo, fresco	—	—	26°	31°	28°	—
		23	Tempo claro e fresco pela manhã, escuro de tarde.	Chuviscos á noite	—	24°	29°	26°	—
		24	Tempo escuro e humido	—	—	28°	31°	26°	—
		25	Tempo sereno, claro, fresco	NO.	—	25°	30°	29°	—
		26	Manhã fresca e clara	NE.	—	26°	—	—	—

284

BIBLIOGRAPHIA

Rapport sur le commerce de la France avec la Turquie, l'Égypte, la Grèce, la Bulgarie et la Roumanie, soumis à Mr. E. Lourdelet, président de la Chambre syndicale des Négociants-Commissionnaires, par DEM. GEORGIADIS. Paris. Imprimerie Chaix, 1886.

Este trabalho, publicado em Paris nos ultimos dias de 1886, por muitos motivos tem para nós um interesse capital. Comprova-nos elle a opinião que ha muito formavamos dos homens que tem governado a terceira republica franceza, presa aos preconceitos religiosos e politicos, fiel mantenedora dos privilegios capitalistas e incapaz de qualquer iniciativa rasgadamente liberal.

Tudo quanto nos ultimos dezeseis annos os povos tem feito no sentido da sua emancipação, essa legitima e forte corrente democratica que vem ahi convulsionando todas as nacionalidades, não encontra na França outro apoio mais do que o exemplo frisante de poder uma grande nação da velha Europa governar-se, sem rei ou imperador, enriquecendo e fortificando-se, a ponto de conter já em respeito o novo imperio allemão, seu implacavel rival.

A democracia cosmopolita regosija-se de vêr como o suffragio universal, na França, vai attingindo a expressão do seu ideal. As virtudes civicas vão suplantando os interesses pessoaes, de grupos ou classes.

Thiers e Grevy representam de facto o egoismo burguez, os privilegios da auctoridade e do dinheiro, n'uma phase que a republica teve de atravessar, para regenerar a França, fortalecendo-a e locupletando-a a ponto de altivamente poder hoje qualquer ministro mediocre, como Flourens, repellir as provocações estolidas de Bismark.

E é precisamente este homem que mais concorre hoje para que a democracia se firme na Europa e unifique a sua acção e ideal. O povo francez que pretendeu esmagar foi elle quem o salvou, obrigando-o pelo terror a iniciar o regimen da ordem, acabando com os pretendentes, impotentes perante o odioso de dividirem a nação em grupos hostis, quando a união é indispensavel para se defenderem de qualquer nova aggressão tresloucada.

Esta situação violenta a que Bismark presentemente submette a Euro-

pa faz com que as sympathias geraes dos povos convirjam todos os dias para a França republicana, que uns ambiciosos indignos, durante algum tempo, arrastaram a conquistas longinquas, onde sacrificaram, sem resultado, muitos milhões e milhares de victimas, com applauso do chanceller de ferro, o qual via a sua rival abysmar-se em complicações e difficuldades.

A politica dos opportunistas deu motivo a que todas as nações tivessem motivos de agravo da França e principalmente a Italia, a Hespanha e Portugal, os latinos em summa que deviam ser os seus alliados naturaes.

Finalmente o bom senso prevaleceu e a par que o governo da republica entra n'uma phase nova de revivescencia liberal, tão brilhantemente caracterisada por Boulanger, alma do sentimento nacional, o desespero da reacção attinge o seu auge e encarna-se no snr. de Bismark, impotente para corromper Berlim e as gloriosas cidades da Allemanha e para germanisar a Lorena e a Alsacia.

Tão violenta é presentemente a situação do chanceller allemão, que já desceu até a solicitar a protecção do papado a quem em 1870 combateu na pessoa de Napoleão III, cobrindo-se de gloria immortal.

Mas todas estas considerações vieram a proposito do trabalho de Georgiades, esse digno filho da *juven* Grecia, hospede da França moderna e seu exaltador entusiasta.

Georgiades reconheceu contristado que a França preoccupada apenas com o seu fortalecimento interno descurou demasiado os interesses internacionaes. D'esta fórma viu elle que tendendo as sociedades modernas a dirigirem-se mais pelos interesses do que pelos sentimentos, o commercio da França, no extremo Oriente europeu, decae de dia para dia, a ponto de nos ultimos dez annos, segundo os documentos officiaes, só no Egypto e Turquia, descer a 21.600:000\$000 reis da média annual de 74.200:000\$000 reis a que se elevára antes de 1874.

Indo porém em progresso o commercio d'estes dois paizes ocorre evidentemente que os concorrentes ou inimigos da França é que tem aproveitado. E tanto isto é verdade que, nos ultimos annos, na Grecia, os productos allemães excederam já os francezes em 1.080:000\$000 reis na exportação e 2.340:000\$000 reis na importação ou 3.420:000\$000 reis na totalidade das transacções commerciaes.

Muito embora as sympathias d'estes povos pela analogia e afinidade da sua cultura intellectual sejam mais pela França, os interesses pouco a pouco tem vindo supplantando estas causas.

Georgiades diz com razão :

« Vós possuis em França uma especie de abnegação cavalheiresca que se casa com a indolencia nativa do character francez. Deixaes os vossos rivaes, nas vossas barbas e á vossa vista, apoderarem-se das melhores posições, sem tentar disputar-lh'as. Mais tarde quando vos reconheceis supplantados consolaes-vos do desastre, declamando contra o egoismo e a ambição insaciavel dos outros. Acaso não é já tempo de vos tornardes um pouco egoistas e ambiciosos, se não quereis em curto prazo assistir á vossa completa ruina commercial e politica no Oriente ? » (Pag. 4).

« As sympathias internacionaes não se estabelecem senão pela troca de serviços, e os unicos laços duradouros que podem aproximar e unir estreitamente os povos consistem na communhão de interesses. » (Idem).

A preponderancia da Inglaterra nos demais povos não tem de facto outra origem. A Allemanha moderna segue logicamente n'este rumo de resultados tão positivos e praticos.

O governo allemão com um bom senso admiravel protege valiosamente os seus compatriotas que decidem ir estabelecer-se nos paizes onde esperam colher bons lucros. Nas varias nações da Europa, da America, na Asia,

Oceania e Africa o allemão é o colono que disfructa de maior protecção official e a reputação da sua moralidade está geralmente propagada.

Muitas vezes desaparece a coadjuvação official para se tornar mais practica, efficaç e insuspeita nos auxilios das corporações particulares que supprem aquella iniciativa.

Citamos como exemplo a *Deutsche Handch-Verun in Berlin und dessen Wirtschaftliche Restrebungen in Griechenland* « Sociedade commercial allemã de Berlim e seus esforços economicos na Grecia ».

Esta sociedade surgiu da missão de notaveis negociantes, industriaes, economistas e engenheiros que a Sociedade de geographia commercial allemã de Berlim enviou em 1881 a explorar a Grecia, a Turquia europeia, a Asia menor e a Syria.

« O primeiro relatorio d'esta sociedade attrae a admiração de todos pelo espirito de perspicacia e previdencia que distingue os vossos visinhos e que os impelle á conquista economica das melhores posições... nos paizes onde a influencia da França, outr'ora tão preponderante, corre presentemente um perigo sério por causa dos concorrentes vigilantes e porque a vossa representação commercial sobretudo se encontra alli n'uma inferioridade notoria. » (Pag. 4).

Julgamos de grande utilidade dar aos nossos leitores uma idéa exacta dos fins a que aspira esta sociedade. Transcrevemos pois aqui alguns paragraphos d'um dos relatorios, publicados por Georgiades a pag. 16 do seu trabalho. Convém que entre nós se saiba que a Allemanha não se limita a ser só uma grande potencia militar :

« As nossas communicações dirigem-se tanto aos nossos compatriotas como aos orientaes, pois que se trata do exame d'uma série completa de questões tendendo para um fim commum que é abrir ao espirito emprehendedor dos nossos operarios e dos nossos commerciantes um novo campo de actividade no Oriente, destinado a aproveitar tambem tanto á Allemanha como ás populações das regiões inexploradas.

A criação da nossa sociedade tem por objecto não só abrir novas saídas á nossa industria nos paizes estrangeiros, como contribuir sobretudo e ao mesmo tempo para o bem-estar dos seus habitantes, desenvolvendo os seus recursos pelo estabelecimento entre elles de casas commerciaes permanentes, de colonos industriaes e agricolas. Porque seria anti-economico e imprudente se nos propuzessemos simplesmente a forçar a offerta dos nossos productos ás populações ainda pouco afortunadas, mas cujos recursos são susceptiveis de serem consideravelmente augmentados por um desenvolvimento mais racional da sua agricultura ainda primitiva.

O nosso programma tem pois por objecto :

A. — A exportação de productos da industria allemã em troca de materias primas que se importam directamente dos paizes de producção ;

B. — A redacção, o exame, etc., de projectos de trabalhos publicos ou particulares, taes como a construcção de canaes, de pontes de caminhos de ferro, de linhas americanas e aqueductos ; o trabalho de enxugamento de pantanos, a introducção de gaz e luz electrica ; o fornecimento de navios a vapor, de machinas, de material de telegraphos, de telephones, etc. ;

C. — A emigração de operarios especiaes para cada industria ou nova empresa e a procura de capitaes necessarios para o estabelecimento d'estas empresas ;

D. — A negociação de emprestimos por conta do governo e das municipalidades do reino hellenico ;

E. — Estimulação e incitamento da cultura intellectual das classes agricolas ;

.....

A nossa sociedade encarrega-se da fundação de estabelecimentos industriaes, de fornecimentos para os trabalhos do ministerio, das administrações e municipalidades, etc.; fornece o material para caminhos de ferro, tramways, barcos a vapor e minas, vapores, machinas hydraulicas e de qualquer outra especie, instrumentos agricolas e industriaes.»

Ahi deixamos bem manifesta a acção benéfica e civilisadora da Allemanha no Oriente, para que se confronte com a que diplomatica e industriosa-mente exerce na peninsula iberica, onde governa por via das allianças regias de ambos os paizes, e pelo concurso da reacção que se lhe allia para neutralisar o influxo invencivel da democracia.

Mas que dados e factos não adduz Georgiades em favor da sua patria, tão crédora do respeito e sympathia universaes?

No prazo de 55 annos a população da Grecia subiu de 741:950 a 2.000:000 de habitantes. Ainda em 1871 essa população era de 23 habitantes por kilometro quadrado e em 1882 elevava-se já a 34,45. Quando este paiz — 1830 — alcançou a sua independencia estava completamente arruinado, a população diminuiu cerca de 300:000 almas e as casas e cidades eram montões de ruínas. 223:000 hectares se cultivavam e hoje lavram acima de 2 milhões, mais de um terço da superficie do reino. A produção, por exemplo, da uva de Corintho que em 1831 era de 5.000:000 de libras inglezas (peso) elevou-se já em 1883 a 264.000:000 ou 120.000:000 de kilogrammas. As receitas do Estado que em 1875 eram apenas de 8.245:440\$000 subiram já em 1886 a 16.200:000\$000 reis.

Georgiades faz valer todos estes argumentos para que os capitalistas e politicos francezes reconheçam a verdadeira situação da sua patria. Vê elle que o momento é critico para os dois paizes e por isso propunha aos francezes a organização d'uma associação de capital, de talento e trabalho sob a denominação de *Sociedade dos bazares francezes no Oriente* cujo objecto seria:

a. — Estabelecer bazares no Levante pelo modelo da *Menagère*, e *Bon Marché* para a venda por grosso e miudo dos productos da industria e commercio francez;

b. — Vender á commissão em França todos os productos agricolas e industriaes do Levante e effectuar todas as operações de troca e cobrança entre a França e os mercados estrangeiros, que se encontram no raio da sua acção;

c. — Servir de intermediaria para todo o concurso de fornecimentos civis e militares nos paizes que explorar.

d. — Receber em deposito ao lado dos bazares os typos e objectos industriaes francezes (machinas de toda a especie, instrumentos agricolas e outros productos) que a sociedade tratará de tornar conhecidos no estrangeiro;

e. — Favorecer no Levante o estabelecimento de empresas industriaes e agricolas francezas sob os auspicios da sociedade.»

O capital social era provisoriamente fixo em 90:000\$000 reis, divididos em 1:000 acções de 90\$000 reis cada uma.

As aspirações d'esta empresa, como os nossos leitores vêem, eram bem modestas e os resultados praticos bem provaveis em toda a extensão da palavra.

Mas a preocupação unica da republica franceza, nos ultimos tempos, desde que a opinião publica coagiu os politicos a iniciarem as reformas economicas e liberaes, ha tanto reclamadas, é apenas preparar-se para responder ás provocações que Bismark constantemente lhe dirige.

Georgiades trabalhou debalde. O seu pensamento porém não foi de todo perdido e tanto que mesmo aqui no extremo Occidente os leitores da nossa

Revista tomarão nota e apreciarão uma tão louvavel e sympathica iniciativa.

O que sobretudo nos captiva n'este assumpto é uma coincidência notavel.

Quando Georgiades confiava o resultado dos seus esforços ao prelo, o auctor d'estas linhas desempenhava em Paris uma missão muito analoga á do illustre filho da Grecia.

Um grupo de republicanos portuguezes, d'esses que trabalham pela causa sem alardearem popularidade nem exigirem ao publico remuneração alguma dos seus serviços, distinguui-nos com a honra de nos encarregar de ir expôr aos chefes mais caracterizados e influentes da democracia franceza a alta conveniencia que havia em que esta se apresentasse ao concurso aberto pelo governo portuguez para as obras do porto maritimo de Lisboa.

Entre um consideravel numero de vantagens que não vem para aqui especificar e que redundariam em manifesta utilidade para ambos os paizes, o grupo que representavamos, entre outras propostas, suggeria aos eminentes homens da republica e capitalistas com quem tivemos a honra de tratar a idéa de, nos terrenos conquistados ao Tejo, se edificar um palacio de exposição permanente da industria franco-portugueza, um bazar no genero dos que Georgiades propunha, construido com 500:000\$000 deduzidos da cifra que o governo offerecia e conforme o desenho que este apresentasse.

A França muito embora sacrificasse presentemente nas obras do porto alguns contos, lucraria ainda, porque estabelecia na peninsula a sua supremacia, e n'este ponto de superiores e excepçõaes condições geographicas, fundava uma exposição permanente dos seus productos, que os habitantes do novo mundo e d'outras regiões, ao entrarem na Europa, teriam logo occasião de admirar.

Ministros, senadores, deputados, banqueiros e jornalistas, a quem expuzemos os nossos planos, reconheceram a urgente necessidade e interesse que a França tinha de os adoptar. Mas Bismark necessitava de uma maioria submissa no Reichstag e para o conseguir não hesitava em ameaçar a França com uma nova guerra, alarmando os povos e produzindo no mundo novas e graves crises commerciaes e industriaes.

Este estado de incerteza e de terror em que encontramos a França, nos primeiros dias d'este anno, fizeram abortar uma tentativa de beneficos resultados para Portugal.

Por desgraça a situação da Europa não melhorou ainda e tende pelo contrario a agravar-se á medida que se aproxima a exposição universal de 1889, glorificando a Revolução Franceza, grandioso certamen em que a cidade que decretou os *Direitos do homem* chama os povos a exporem os productos e resultados conseguidos pelos espiritos emancipados.

A guerra e a exposição são hoje as duas unicas preoccupações ardentes da França. É só n'isto que pensam todos, desde a mais elevada á mais infima classe social.

Alli, como em toda a parte, nas altas espheras dirigentes, luctam duas forças oppostas: a reacção e a liberdade. A qual caberá o triumpho? Á que fôr intellectualmente mais poderosa e á que representar principios mais justos e praticos.

A verdade manda que se diga que a Allemanha é de todos os povos da Europa o que physica e intellectualmente apresenta hoje mais solidos caracteristicos de vitalidade e progresso. Assim o comprovam os proprios eruditos francezes e não ha razão para duvidar desde que as gerações francezas do seculo dezenove não conseguiram consolidar ainda as reformas profundamente justas decretadas no fim do seculo passado.

Nos ultimos dias do imperio a França avançou immenso para decahir

em 1871, mas, de ha tres annos a esta parte, reatou a sua tradição historica de guarda avançada da civilização e em lucta contra os elementos corruptos do imperio, procura resurgir e estamos convictos que ha de readquirir o seu papel de nação hegemonisadora da democracia universal.

CARRILHO VEIDEIRA.

JOÃO ALFREDO DE FREITAS — **Excursão pelos dominios da Entomologia** (*Estudos e observações sobre as formigas*). — Recife 1886. — 1 volume de 148 paginas.

« Estudar a formiga, escreve o illustre escriptor brasileiro, é penetrar nas regiões delicadas da historia natural e arrancar, da série inferior dos séres vivos, um pequeno vivente, cuja historia é tão importante como a do homem, e trazel-o á scena, para que sobre elle recaiam os olhares dos indifferentes. » Com effeito, como quer o notavel entomologista Forel, a formiga occupa o logar proeminente entre os insectos, que cabe ao homem entre os mamiferos. O illustre entomologista brasileiro n'este rapido resumo das investigações humanas sobre as formigas, onde se notam muitas e valiosas observações pessoaes ácerca das formigas do Brazil, põe em relevo a superioridade incontestavel d'este admiravel insecto, quer sob o ponto de vista intellectual, como sob o ponto de vista moral e mesmo sob o ponto de vista social.

Se a abelha, se a vespa, se a aranha nos interessam pelos innumerables pontos de contacto que se descobrem entre o seu estado mental ou social e das sociedades humanas, muito mais nos devem interessar as formigas, pois que com razão se póde dizer como Toussenel: « Politicos, guerreiros, legisladores, educadores, trabalhadores de todos os estados, ide aprender a vossa arte na escóla das formigas. » A sua intelligencia, character e individualidade, a sua organização social em que predomina a liberdade, o trabalho voluntario e a divisão do trabalho, a sua habilidade constructora, a pratica da agricultura, a criação de animaes domesticos, os meios de communição entre ellas, as suas expedições guerreiras, o aprisionamento e sujeição dos escravos, as suas caças, os seus combates e guerras, as suas migrações em massa, os sentimentos de amizade e de inimizade que manifestam, tudo isso emfim, fazem da formiga um animal tão racional como o homem, embora peze aos que reservam para a humanidade uma *alma* ou uma *razão*, isto é, uma *intelligencia* essencialmente diversa do famoso *instincto* attribuido aos animaes. João Alfredo de Freitas estuda a Saúba, a Tanajura, a *Myrmica Nigra Magna*, a *Tocandryra*, etc. etc., especies de formigas existentes no Brazil e fornece uma excellente contribuição, apesar de modesta, para os estudos iniciados e desenvolvidos por Huber, Labreille, Forel, Lubbock, Büchner, Fabre, Nicolle e innumerables outros. Depois de taes estudos ousará ainda alguem sustentar a distincção metaphysica entre o instincto e a intelligencia?

JULIO SOURY — Jesus e os Evangelhos (*Psychologia morbida*). Traducção auctorizada pelo auctor e feita sobre o texto da segunda edição franceza por Clovis Bevilaqua, João Alfredo de Freitas e Izidoro Martins Junior. — Recife 1886 (1.º vol. da Bibliotheca de sciencias modernas). — 1 vol. de 124 pag.

Esta traducção do ruidoso livro de Julio Soury — *Jesus e os Evangelhos*, é precedida de um prologo de Clovis Bevilaqua em que nos descreve o auctor como um « espirito agudo e penetrante, com uma pontasinha de desdem, com um ligeiro sorriso a meio ironico, nascido de um scepticismo superior, do reconhecimento da ignorancia humana... » e nos falla d'este interessante estudo de *psychologia morbida* com um entusiasmo de apostolo ao serviço da verdade.

O *Jesus* de Soury é bem differente, e digamos mesmo, bem mais veridico, do que o *Jesus* de Renan ou o de Strauss. O de Renan « é um dôce sonhador, sincero e devotado, que teve a glorificação do martyrio, um Jesus pallido e romantico, de olhos profundos e physionomia superiormente triste, prégando ás massas a moral purissima do amor universal. » O de Strauss era ainda « o mestre ideal, o mais divino dos homens. » O de Soury, pelo contrario, « é um judeu fanatico, um thaumaturgo phrenetico e violento, em consequencia de um mal terrivel, que lhe dilue a massa encephalica e é a condição da sua incontestavel superioridade, o motivo profundo e occulto, que lhe permittiu avassallar os espiritos e os corações. » O Jesus de Soury é portanto um doente, doente cujo mal é dos mais graves e demais incuravel. A affecção nervosa que Jules Soury dá como causa dos actos e palavras de Jesus, é a paralyisia geral progressiva. Esta obra toma assim um caracter extraordinario de estudo pathologico, curiosissimo a todos os respeitos. Com effeito, ha na vida de Jesus, conforme ella nos surge dos Evangelhos e dos primeiros livros christãos, rigorosamente expurgados do que pertence a épocas posteriores, abundantes symptomas de uma lesão, mais ou menos profunda, mais ou menos extensa, dos centros nervosos. Cremos, por isso, que tem razão Clovis Bevilaqua quando nos diz que o Jesus de Soury « é menos poetico » do que o de Renan, mas « mais verdadeiro ».

ARTHUR ORLANDO — **Philocritica**. Com uma *Introducção* de MARTINS JUNIOR. Pernambuco 1886. — 1 vol. de 224 pag.

Folgamos, ao escrever estas linhas, de poder annunciar o apparecimento de um verdadeiro escriptor de talento no mundo litterario do Brazil. O livro de Arthur Orlando constitue a evolução de uma notavel vocação litteraria. É mais do que um promettimento, pois a *Philocritica*, como diz um dos mais distinctos moços brasileiros, Izidoro Martins Junior, nas bellas paginas com que prefacia o volume, é « um livro moderno, original, nervoso. » Não aceitamos inteiramente o ponto de vista do auctor, não concordamos com muitas das suas opiniões, estamos francamente em opposição a algumas das suas ideias, mas antes de tudo o que pretendemos aqui accentuar é a nossa admiração pela critica arrojada e firme, o nosso entusiasmo pelo desassombro e pela convicção com que foram escriptos os periodos realmente scintillantes da *Philocritica*.

Eis como o descreve Martins Junior, espirito decididamente positivista,

o qual, apesar da sua justificada admiração por Arthur Orlando, também não concorda com grande parte das suas ideias: « Dotado em alto grau de um temperamento endiabrado, cuja *vis* humorística se consorcia com uma tendência pessimista do seu espirito, inclinado aos paradoxos, elle vê, sobretudo, o lado comico, a face ridicula dos nossos aleijões sociaes, e quando conversa ou quando escreve, faz explodir a boa gargalhada dissolvente com que fusila os homens e os factos. » É mais um artista, do que um homem de sciencia ou um philosopho. O seu cerebro não analysa friamente os phenomenos, decompondo-os nos seus elementos, pesando cada um dos seus componentes, comparando-os entre si, buscando a medida precisa das cousas; também não synthetisa, procurando a linha superior de ligação, a explicação philosophica dos acontecimentos; contenta-se em descobrir uma das faces proeminentes das questões, lapidando-a com esmero, tirando d'ella todas as fulgurações de que é susceptivel, deslumbrando com o brilho da argumentação o espirito desprevenido do leitor. Arthur Orlando, armado de uma força de vontade indomavel e de uma alma irrequieta, imaginação provavelmente exaltada por um desenvolvimento intellectual muito precoce, evoluciona irresistivelmente, como nol-o pinta o seu illustre apresentante — da doutrina positivista para o darwinismo, das theorias evolucionistas para a concepção monistica, do materialismo para as ideias pessimistas. A sua oscillação entre as differentes tendencias philosophicas contemporaneas transparece em todo o volume.

Comprehende a *Philocritica*, seis estudos, cada qual mais interessante, quer pelo assumpto, quer pela fórma, ácerca de ideias sociaes e juridicas, de theorias litterarias e de influencias politicas.

O primeiro — *A alma da mulher russa* — escripto a proposito dos excellentes *Estudos Allemães* de Tobias Barreto e certamente um dos melhores do livro, encerra a par de uma erudita descripção do desenvolvimento intellectual da Russia e de ideias arrojadas de grande alcance social, não poucas affirmações a nosso vêr destituídas de sólidos fundamentos ou pelo menos devidas a uma generalisação demasiadamente superficial. Os estudos sobre as *Theorias litterarias no Brazil* e *A poesia scientifica*, tem certa novidade, e a distincção entre poetas *satanicos*, *parnasianos* e *scientificistas* acha-se estabelecida com bastante rigor; mas, sem pretendermos entrar n'uma analyse para que nos faltaria o espaço, não podemos deixar de transcrever o final d'este ultimo, cuja refutação já tantas vezes temos feito e melhor do que nós Martins Junior no seu opusculo *A poesia scientifica*, que motivou o alludido artigo:

« O verso perdeu toda a sua antiga funcção social, escreve Arthur Orlando, é hoje um mero objecto de luxo, cujo unico valor é o trabalho artistico.

« Servindo-nos de umas expressões de Martha, concluimos dizendo: o verso é hoje como esses vasos do Oriente, que figuram sobre nossas chaminés e etagères, e cujo unico destino é nada conter. » (p. 113)

Estas palavras, como tantas outras do volume, provam-nos o estado de indisciplina mental ou de metaphysismo em que está o auctor; melhor do que qualquer discussão, demonstram a falsidade da affirmativa, todos os trabalhos poeticos contemporaneos que obedecem á corrente philosophica e scientifica da nossa época. Não bastará para isso o poemeto ¹ que serviu de

¹ *Visões de hoje*, de Martins Junior.

pretexto ao primeiro dos indicados artigos e cuja segunda edição temos na nossa mesa? Parece-nos que sim, e será esta de certo a opinião de quem estudar os factos sociaes menos superficialmente, indagando os resultados da investigação scientifica em vez de se deixar levar pelas miragens da imaginação.

Estes estudos do distincto moço brasileiro são, como observa o seu patricio Martins Junior, trabalhos de subido merito, mas sempre de um *diletantismo litterario*. Não derivam de uma critica rigorosa, baseada em determinados principios; pelo contrario, brotam espontaneamente de uma critica apaixonada e parcial. Se de um lado se pôde isto considerar um defeito, tambem por outro, esta nota pessoal e nervosa dá-lhe um cunho de originalidade que nos attrae e encanta.

Temo-nos referido aos tres primeiros capitulos do livro; os restantes que se intitulam *Menores e loucos*, estudo critico de psychologia criminal, *Physiophilia processual*, determinação do momento historico das leis, e *Um rei-philosopho*, ensaio de critica politica, em nada alteram o juizo que deixamos formulado ácerca de Arthur Orlando; confirmam, pelo contrario, as nossas affirmações.

Se o illustre escriptor proseguir no caminho encetado, prestando culto mais fervoroso á sciencia e á philosophia, estamos convencidos que em breve conquistará um dos primeiros logares entre os modernos escriptores do Brazil.

TEIXEIRA BASTOS.